

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE  
MESTRADO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE

A TRAJETÓRIA DO GRUPO *HIP HOP X STYLE* EM SÃO BENTO DO SUL/SC: UM  
ESTUDO NA PERSPECTIVA CARTOGRÁFICA

THE TRAJECTORY OF THE HIP HOP X STYLE GROUP IN SÃO BENTO DO  
SUL/SC: A STUDY FROM A CARTOGRAPHIC PERSPECTIVE

LA TRAYECTORIA DEL GRUPO HIP HOP X STYLE EN SÃO BENTO DO SUL/SC:  
UN ESTUDIO DESDE UNA PERSPECTIVA CARTOGRÁFICA

FRANCISCO EDUARDO SCHIESSL

ORIENTADORA: PROF. DRA. NADJA DE CARVALHO LAMAS

Joinville - SC

2022

FRANCISCO EDUARDO SCHIESSL

A TRAJETÓRIA DO GRUPO *HIP HOP X STYLE* EM SÃO BENTO DO SUL/SC: UM  
ESTUDO NA PERSPECTIVA CARTOGRÁFICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, sob orientação da professora Dra. Nadja de Carvalho Lamas.

Joinville – SC

2022

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

S332t	<p>Schiessl, Francisco Eduardo</p> <p>A trajetória do grupo Hip Hop X Style em São Bento do Sul/SC: um estudo na perspectiva cartográfica / Francisco Eduardo Schiessl; orientadora Dra. Nadja de Carvalho Lamas. – Joinville: UNIVILLE, 2022.</p> <p>138 p.: il.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural – Universidade da Região de Joinville)</p> <p>1. Hip-hop (Cultura popular). 2. Dança de rua. 3. Grupo Hip Hop X Style. 4. Patrimônio cultural. I. Lamas, Nadja de Carvalho. II. Título.</p>
	CDD 793.3

## Termo de Aprovação

“A Trajetória do Grupo Hip Hop X Style em São Bento do Sul/SC: Um Estudo na  
Perspectiva Cartográfica”

por

Francisco Eduardo Schiessl

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade,  
área de concentração Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania e aprovado em sua forma  
final pelo Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade.

Prof. Dra. Nadja de Carvalho Lamas  
Orientadora (UNIVILLE)

Prof. Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade

### Banca Examinadora:

Prof. Dra. Nadja de Carvalho Lamas  
Orientadora (UNIVILLE)

Prof. Dr. Fábio Henrique Nunes Medeiros  
(FAP/UNESPAR)

Prof. Dr. Fernando Cesar Sossai  
(UNIVILLE)

Prof. Dra. Taiza Mara Rauen Moraes  
(UNIVILLE)

Joinville, 31 de maio de 2022.

## AGRADECIMENTOS

Dedico esta conquista a meus pais Osvando Schiessl e Marta Piaz Schiessl (*in memoriam*), que devem estar muito orgulhosos por essa conquista. Obrigado pai e mãe por tudo que fizeram em minha vida, onde quer que estejam, minha eterna gratidão.

Em especial, agradeço e dedico essa conquista a minha esposa Camila Estefanie Mulbauer Schiessl e minha filha Maria Luiza Mulbauer Schiessl por toda compreensão, incentivo, confiança e amor prestado em todos os momentos importantes nessa caminhada. Amo vocês!

Agradeço também à Univille por me aceitar no programa de Mestrado. Da mesma forma, agradeço a todos os professores pelos ensinamentos compartilhados que impactaram muito a minha percepção de Patrimônio e Sociedade. Um agradecimento especial à minha orientadora, a professora Dra. Nadja de Carvalho Lamas, que me acompanhou todo esse tempo, orientou, acreditou e incentivou.

Também não poderia deixar de agradecer a todos os colegas da turma XIII, tão acolhedores e positivos que, por diversas vezes, tornaram esse período muito mais leve e alegre. Eu amei conhecê-los. Um abraço especial por todas as trocas nos momentos difíceis.

Agradeço também de uma forma especial ao professor Danilo Rogerio de Lara, coreógrafo e diretor do grupo *Hip Hop X Style*, sempre absolutamente disposto a auxiliar-nos com nossa pesquisa. A todos os envolvidos, ex-integrantes, integrantes coreógrafos e aos alunos da escola de dança *X Style*, obrigado!

A boa vontade destes profissionais certamente torna o árduo processo mais agradável.

## RESUMO

A presente pesquisa se desenvolve na linha de Patrimônio, Memória e Linguagens do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Tem por objetivo conhecer e compreender a trajetória histórica e cultural do grupo *Hip Hop X Style* na cidade de São Bento do Sul, Santa Catarina. A pesquisa integra uma revisão bibliográfica e documental, que tem como objetivo construir momentos em torno de uma prática da história de vida inserida num protocolo cartográfico. Metodologicamente caracteriza-se por ser qualitativa, com um levantamento no mapa cultural de Santa Catarina, por meio de mídias digitais, buscando a relação do grupo com as imagens e objetos e, posteriormente, foi realizado entrevistas orais com os professores, integrantes e ex-integrantes do grupo. Os resultados indicam os movimentos da cultura *hip hop* e as relações dos integrantes do grupo de dança *Hip Hop*, a partir de seus registros documentados e suas memórias narradas. Por fim, propõe-se uma discussão interdisciplinar para compreender a trajetória histórica e cultural do Grupo *Hip Hop X Style* da cidade de São Bento do Sul, com base na cartografia, com o aporte metodológico da pesquisa-formação de Passos (2015); Kastrup (2015); Escóssia (2015), para construir momentos em torno de uma prática da história de vida inserida num protocolo cartográfico; Oliveira e Candau (2010) na compreensão da memória e identidade. Foi traçado o percurso do grupo *Hip Hop X Style* no cenário cultural do município de São Bento do Sul indiciando outras perspectivas sobre a dinâmica histórica da dança num cenário cultural identificado pela cultura germânica.

**Palavras-Chave:** *Hip Hop*. Cartografia. Patrimônio Cultural.

## **ABSTRACT**

The present research is developed in the line of Heritage, Memory and Languages of the Graduate Program in Cultural Heritage and Society, of the University of the Region of Joinville (UNIVILLE). It aims to know and understand the historical and cultural trajectory of the Hip Hop X Style group in the city of São Bento do Sul, Santa Catarina. The research integrates a bibliographic and documentary review, which aims to build moments around a life history practice inserted in a cartographic protocol. Methodologically, it is characterized by being qualitative, with a survey on the cultural map of Santa Catarina, through digital media, seeking the relationship of the group with the images and objects and, later, oral interviews were carried out with the teachers, members and former students. group members. The results indicate the movements of hip hop culture and the relationships of the members of the Hip Hop dance group, from their documented records and their narrated memories. Finally, an interdisciplinary discussion is proposed to understand the historical and cultural trajectory of the Hip Hop X Style Group in the city of São Bento do Sul, based on cartography, with the methodological contribution of the research-education of Passos (2015); Kastrup (2015); Escóssia (2015), to build moments around a life history practice inserted in a cartographic protocol; Oliveira and Candau (2010) in the understanding of memory and identity, the route of the Hip Hop X Style group in the cultural scene of the municipality of São Bento do Sul was traced, indicating other perspectives on the historical dynamics of dance in a cultural scenario identified by the Germanic culture.

**Keywords: Hip hop. Cartography. Cultural heritage.**

## RESUMEN

La presente investigación se desarrolla en la línea de Patrimonio, Memoria y Lenguajes del Programa de Posgrado en Patrimonio Cultural y Sociedad, de la Universidad de la Región de Joinville (UNIVILLE). Tiene como objetivo conocer y comprender la trayectoria histórica y cultural del grupo Hip Hop X Style en la ciudad de São Bento do Sul, Santa Catarina. La investigación integra una revisión bibliográfica y documental, que tiene como objetivo construir momentos en torno a una práctica de historia de vida inserta en un protocolo cartográfico. Metodológicamente, se caracteriza por ser cualitativo, con levantamiento sobre el mapa cultural de Santa Catarina, a través de medios digitales, buscando la relación del grupo con las imágenes y objetos y, posteriormente, se realizaron entrevistas orales a los docentes, integrantes y ex integrantes del grupo. Los resultados indican los movimientos de la cultura hip hop y las relaciones de los integrantes del grupo de baile Hip Hop, a partir de sus registros documentados y sus memorias narradas. Finalmente, se propone unadiscusión interdisciplinaria para comprender la trayectoria histórica y cultural del Grupo Estilo Hip Hop X en la ciudad de São Bento do Sul, a partir de la cartografía, con el aporte metodológico de la investigación-formación de Passos (2015); Kastrup (2015); Escocia (2015), para construir momentos en torno a una práctica de historia de vida inserta en un protocolo cartográfico; Oliveira y Candau (2010) en la comprensión de la memoria y la identidad. La ruta del grupo Hip Hop X Style. Fue trazada en el escenario cultural del municipio de São Bento do Sul indicando otras perspectivas sobre la dinámica histórica de la danza en un escenario cultural identificado por la cultura germánica.

**Palabras llave: Hip Hop. Cartografía. Patrimonio cultural.**

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Local sede do grupo em São Bento do Sul.....	15
Figura 2: Local sede da Escola de dança Hip Hop X Style .....	16
Figura 3: Localização geográfica da cidade de São Bento do Sul, no Planalto Norte do estado de Santa Catarina.....	16
Figura 4: Mapa Cartográfico.....	27
Figura 5: movimento estrelinha .....	39
Figura 6: Exemplo de tag .....	43
Figura 7: <i>Tag</i> de Rafael Sliks .....	44
Figura 8: Tag de Rafael Sliks .....	45
Figura 9: A Rainha do frango assado.....	46
Figura 10: Álbum de estúdio Racionais MC's.....	48
Figura 11: Pick-up DJ.....	50
Figura 12: Pintura no estilo Grafite.....	59
Figura 13: Desenhos preliminares da tag HHX .....	60
Figura 14: Diretor, professor, coreógrafo do grupo Hip Hop X Style .....	66
Figura 15: Mateus Henrique Ozeika.....	80
Figura 16: Djony dos Santos .....	84
Figura 17: Grupo HHX, vencedor do Festival de Joinville 2021. ....	87
Figura 18: Mapa Cartográfico Primário.....	92

## ***LISTA DE GRÁFICOS***

Gráfico 1: Número de trabalhos sobre cartografia encontrados por tipo de publicação. .....	23
Gráfico 2: Número de trabalhos sobre hip hop encontrados por tipo de publicação .	24
Gráfico 3: Número de trabalhos sobre colonial encontrados por tipo de publicação.	25
Gráfico 4: Número de trabalhos pesquisados e citados .....	25
Gráfico 5: Distribuição dos respondentes em relação à média de idade e gênero....	32

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

MC – Mestre de cerimônias

DJ – Disc Jôquei

HHX – *Hip Hop X Style*

TV – Forma abreviada de televisão

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE GRÁFICOS.....</b>	<b>10</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS.....</b>	<b>11</b>
<b>1 ABRINDO PERSPECTIVAS: OLHARES SOBRE A CULTURA HIP HOP EM SÃO BENTO DO SUL .....</b>	<b>14</b>
<b>2 UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA INTERDISCIPLINAR: CARTOGRAFIA / MEMÓRIAS.....</b>	<b>27</b>
<b>2.1. Quando o objeto nos faz recordar: memórias de uma trajetória .....</b>	<b>29</b>
<b>2.2 Constituição e trajetória de um grupo cultural de dança: perspectiva cartográfica.....</b>	<b>32</b>
<b>3 HIP HOP – O GRITO DAS RUAS.....</b>	<b>34</b>
3.1.1 <i>Elemento break.....</i>	38
3.1.2 <i>Elemento grafitti ou grafite .....</i>	42
3.1.3 <i>Elemento Rap .....</i>	47
3.1.4 <i>Elemento MC .....</i>	49
3.1.5 <i>Elemento DJ.....</i>	50
3.1.6 <i>Hip hop, mais que uma dança.....</i>	51
<b>3.2 O Hip Hop e o patrimônio cultural .....</b>	<b>52</b>
<b>4 HIP HOP: MANIFESTAÇÃO CULTURAL NA CIDADE DE SÃO BENTO DO SUL</b>	<b>55</b>
<b>4.1 Espaço cultural, o valor artístico para outros .....</b>	<b>56</b>
4.1.1 <i>O valor cultural e a diferença, como direito na cidade de São Bento do Sul....</i>	57
<b>5 MEMÓRIA E IDENTIDADE ATRAVÉS DA DANÇA.....</b>	<b>61</b>
<b>5.1. Por que se deve lembrar?.....</b>	<b>61</b>
5.1.1 <i>Memória e identidade: a cultura imaterial no espaço social. ....</i>	62
5.1.2 <i>O valor de uma cultura: o hip hop .....</i>	78
<b>6 PERCURSOS CULTURAIS DO GRUPO HIP HOP X – STYLE.....</b>	<b>93</b>

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>98</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>104</b>
<b>APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – menores de 18 anos.....</b>	<b>104</b>
<b>APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) maiores de 18 anos, professores coreógrafos .....</b>	<b>106</b>
<b>APÊNDICE C: TERMO DE ASSENTIMENTO (no caso de pesquisas com menores)</b>	<b>108</b>
<b>APÊNDICE D: ROTEIRO GERAL DE ENTREVISTA PARA USO DA METODOLOGIA .....</b>	<b>110</b>
<b>APÊNDICE E: TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS .....</b>	<b>111</b>
<b>APÊNDICE F: DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO CO-PARTICIPANTE .....</b>	<b>134</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>135</b>
<b>ANEXO A: Parecer Consubstanciado do CEP – UNIVILLE e Plataforma Brasil (página 1) .....</b>	<b>135</b>
<b>ANEXO B: Parecer Consubstanciado do CEP – UNIVILLE e Plataforma Brasil (página 2) .....</b>	<b>136</b>
<b>ANEXO C: Parecer Consubstanciado do CEP – UNIVILLE e Plataforma Brasil (página .....</b>	<b>137</b>

## **1 ABRINDO PERSPECTIVAS: OLHARES SOBRE A CULTURA HIP HOP EM SÃO BENTO DO SUL**

Ao iniciar minha vida profissional como docente, em 2001, fui convidado a fazer parte de um grupo de dança com os alunos da escola em que lecionava, pelo fato de já trabalhar com danças rítmicas, aceitei o desafio. No primeiro momento, a proposta era selecionar um estilo de dança para a apresentação em um festival municipal, apesar de não conhecer detalhes, resolvi coreografar no estilo das ruas, o estilo conhecido como *hip hop*. O grupo de crianças inserido no projeto conquistou o segundo lugar no festival, momento que desencadeou minha paixão pelo *hip hop* e, por muitos anos, conciliei o trabalho docente com a dança.

Os festivais de dança em Rio Negrinho, cidade do norte catarinense em que reside este pesquisador, eram realizados anualmente. Em decorrência desses encontros, foi possível conhecer vários grupos de dança, que competiam entre si. Um grupo em especial, objeto deste estudo, destacou-se em âmbito nacional por levar a cultura do *hip hop* para outros lugares além da cidade de origem e com o passar dos anos a aproximação e a admiração pelo trabalho realizado pelo coreógrafo responsável foi sendo ressignificada positivamente.

Ao ingressar no mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade na Univille, o objetivo foi aprimorar os conhecimentos em relação aos movimentos da cultura, em especial relacionados às tradições de danças regionais, proposta desencadeadora do projeto dirigido para a investigação da trajetória do Grupo *Hip Hop X Style*, da cidade de São Bento do Sul, Santa Catarina e as competições locais.

A representação cultural urbana auxilia no processo de conhecimento e compreensão sobre as variantes culturais circulantes em São Bento do Sul/SC. Essa região valoriza e mantém as tradições locais. Sendo assim, buscou-se investigar os movimentos dos vários grupos nesta categoria de dança. Destaca-se como objeto deste estudo, o grupo *Hip Hop X Style* conhecido como HHX<sup>1</sup>, cujo trabalho tem uma trajetória premiada em renomados festivais de dança, inclusive Festival de Dança de Joinville/SC, além da participação em programas de televisão como: *Astros* (SBT), *Faustão* (TV Globo) e *Programa Raul Gil* (SBT).

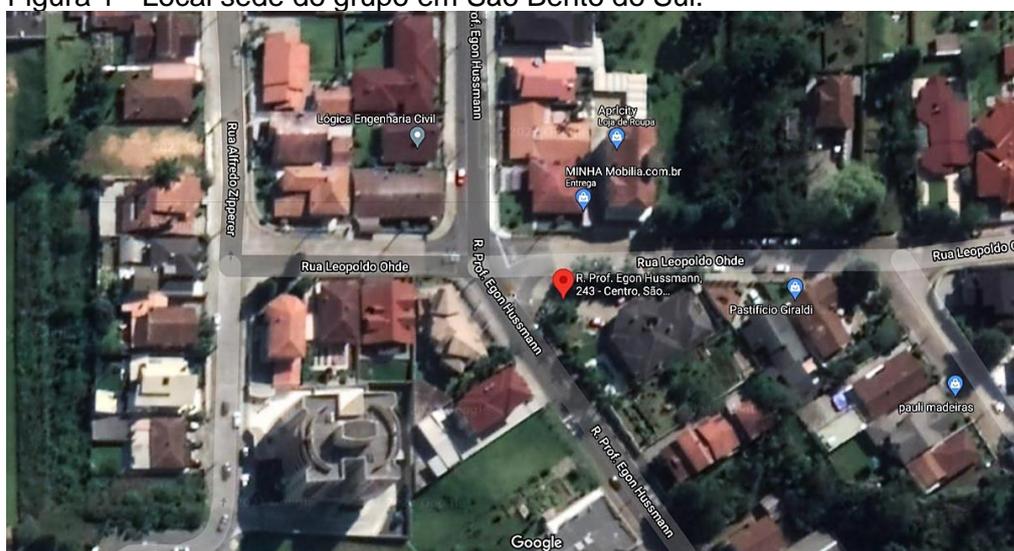
---

<sup>1</sup> HHX: Sigla criada pelo diretor, professor e coreógrafo Danilo Rogério de Lara para abreviar o nome do grupo *Hip Hop X – Style*.

O grupo foi fundado em 10 de janeiro de 2002, com vistas a possibilitar entretenimento às crianças e adolescentes da cidade de Rio Negrinho e São Bento Sul. Tem em média 200 alunos por ano, entretanto, em função do contexto da pandemia COVID-19, a amostra da pesquisa foi realizada com 20 integrantes da categoria infantil e juvenil entre 10 a 15 anos, respeitando todos os protocolos. Bem como a participação do professor coreógrafo Danilo Rogério de Lara, um ex-integrante e hoje auxiliar do Danilo nas aulas e um ex-integrante que na atualidade reside em Curitiba.

O grupo se destaca no município sede (figura 1) e no cenário nacional.

Figura 1 - Local sede do grupo em São Bento do Sul.



Fonte: Google Maps (2021)

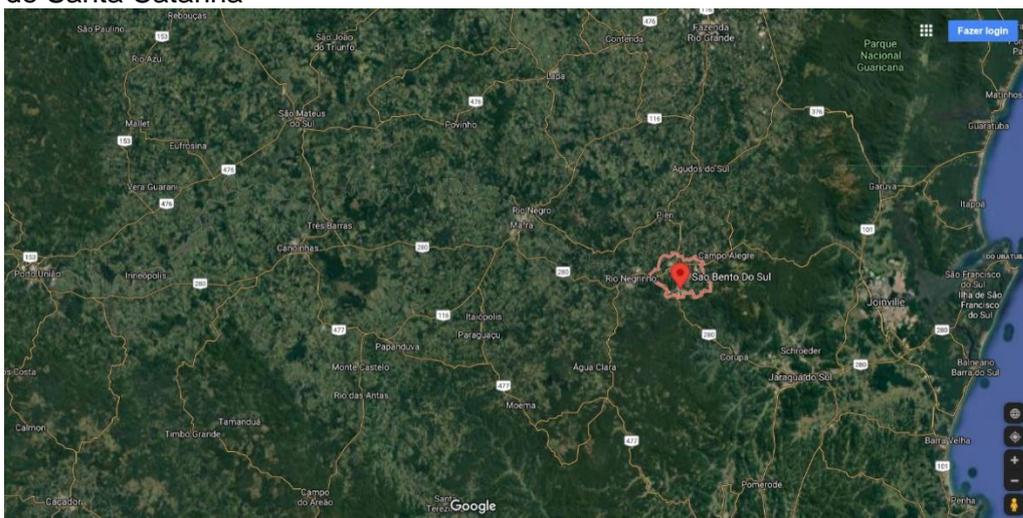
A figura 2 destaca a escola de dança *Hip Hop X Style* e ao centro da imagem está o fundador, diretor e coreógrafo Danilo Rogério de Lara (41 anos) e a direita seu ex-aluno, e hoje professor, Mateus Henrique Ozeika (22 anos) que também participaram das entrevistas.

Figura 2: Local sede da Escola de dança Hip Hop X Style



Fonte: Primária (2021)

Figura 3: Localização geográfica da cidade de São Bento do Sul, no Planalto Norte do estado de Santa Catarina



Fonte: Google Maps (2021)

A cidade de São Bento do Sul (figura 3) marcada historicamente por uma tradição europeia, abriu espaço para um grupo de *hip hop*, que vem se consolidando há mais de duas décadas no cenário cultural. Embora existam enfrentamentos culturais, superação e conquistas, sua poética é caracterizada pela resistência, como arte marginal num contexto cultural com marcas tradicionais. Neste sentido, o *hip hop* contrapõe-se a uma tradição cultural de origem germânica decorrente do processo de colonização de São Bento do Sul. Desperta a atenção o fato dessa tensão evidenciada, nunca ter sido objeto de problematização e estudo devido uma tradição comunitária consolidada.

Partindo do princípio de que uma parcela significativa da população da cidade de São Bento do Sul busca manter viva as tradições e as manifestações culturais advindas do processo de colonização, a dança como cultura está presente no município, com ênfase nas tradições de etnia germânica, reatualizando o folclore, danças populares e festas de tradição germânica. Em síntese, a cidade de São Bento do Sul tem em sua história, seus valores, sua concepção de arte e a dança alicerçados em valores tradicionais, enquanto o grupo *Hip Hop X Style* origina-se da cultura “marginal” americana. Ou seja, surge, neste meio cultural, um contraponto a uma cultura estabelecida pelo culto às suas origens. O grupo *Hip Hop X Style* tem reconhecimento fora do espaço urbano de São Bento do Sul, pois foi construindo sua história na cidade pelos reconhecimentos que ultrapassaram os limites urbanos.

Há mais de duas décadas que o grupo *Hip Hop X Style* destaca-se dentro e fora do município como maior elemento cultural de dança da região. Suas maiores conquistas e reconhecimentos acontecem em âmbito nacional e internacional, sobrepondo o reconhecimento local. Como é o caso do Festival de Dança de Joinville, considerado um dos maiores festivais do mundo. No ano de 2019 o grupo apresentou-se no festival, sob a supervisão do professor Danilo que já era conhecido por suas coreografias, causando expectativa para a apresentação do grupo. Percebe-se que o grupo tem seu reconhecimento de fora para dentro, pois precisou mostrar seu potencial em grandes festivais e programas de TV, para ser reconhecido dentro do seu território. Isso foi um esforço coletivo entre o coreógrafo e os familiares dos integrantes do grupo que fortaleceram a imagem do grupo como cultura.

Objetivo alavancador desta pesquisa é compreender a cultura Hip Hop como manifestação cultural, tendo a cartografia como um aporte teórico de investigação sobre os saberes e os específicos: conhecer a cultura Hip Hop e suas linguagens; analisar, a partir da pesquisa cartográfica, os reflexos e importância da manifestação de cultura dentro de São Bento do Sul; proporcionar espaços de escuta dos integrantes sobre o Grupo Hip Hop X Style, buscando compreender as relações destes com a dança Hip Hop, a partir de seus registros documentais e suas memórias narradas.

A partir deste contexto, como objeto de estudo e problematização, surgem alguns questionamentos, razão pela qual pergunta-se: Se o folclore<sup>2</sup> está ligado aos ideais da colonização e o *hip hop* tem na sua origem uma postura de resistência, como o grupo *Hip Hop X Style* poderia construir um espaço de convivência e troca com esta tradição consolidada? Ou o grupo é a tradição herdada pelo presente em São Bento do Sul? Como os integrantes do grupo *Hip Hop X Style* se percebem neste espaço da cidade? Que tipo de enfrentamentos e resistências o grupo *Hip Hop X Style* convive nesta cidade? O grupo *Hip Hop X Style*, a partir de sua trajetória e premiações em instâncias de legitimação da dança, poderia vir a ser reconhecido como um patrimônio cultural local?

Questões que instigam questionamentos sobre os preconceitos enfrentados por Danilo Rogério de Lara, que quando morava em sua cidade natal, foi taxado como “mau elemento”. Em suas falas comentou que queria provar para a comunidade que não era “mau”, e que por meio da dança poderia mostrar seu valor e talento.

A natureza comunicativa da arte através da dança, enquanto manifestação da cultura, leva a perceber e a compreender a sua dimensão poética e simbólica. O sentido primeiro impulsionador dessa proposta é trazer à luz a importância da cultura da dança *hip hop* a partir do estudo sobre o grupo X Style, devido as suas estratégias de resistência que nasceram fora de um circuito cultural tradicional de preservação da cultura germânica. O estudo se propõe a ser desenvolvido na perspectiva cartográfica. Sobre esta abordagem, Deleuze e Parnet (1998) colocam que no espaço não cultivado o pesquisador cartográfico perguntará por aquilo que brota *entre* os espaços mais improváveis. Neste sentido o pesquisador cartográfico é analogicamente um gramado e sua cartografia um molde dos desenhos sociais.

---

<sup>2</sup>Apesar do título de “Cidade do Folclore”, atualmente os grupos de dança típica germânica e polonesa enfrentam dificuldades para passar às novas gerações o seu saber tradicional. Vários grupos foram desativados na última década e alguns dos resistentes estão na iminência de paralisar suas atividades. A principal dificuldade desses grupos é manter a regularidade do pagamento de seus coreógrafos, investir no aprendizado de novas coreografias e participar de eventos que estimulem seus integrantes a continuarem dançando. Em 2021 foram contabilizados 08 grupos folclóricos em atividade no município, sendo sete germânicos e um polonês.

Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1186> . Acesso em: 11 ago. 2021. O trabalho do professor Danilo está se configurando como um possível movimento de resistência, mas a dança germânica também pode ser vista como movimento de resistência, assim como o *Hip Hop* acabou sufocando outras manifestações, entretanto, a discussão especificamente é relacionada ao grupo HHX em São Bento do Sul.

Para entender melhor a questão do “entre”, Deleuze e Parnet (1998) em *Diálogos*, fazem uma referência a um fragmento do escritor americano Henry Miller, que aborda a força da grama. “[...] a grama só existe entre os grandes espaços não cultivados. Ela preenche os vazios. Ela brota entre as outras coisas” (COSTA, 2015, p. 73). Essa analogia da grama no espaço não cultivado, retrata a importância do pesquisador em perceber e perguntar por aquilo que brota nos espaços improváveis, por detalhes que podem passar despercebidos ao meio em que se encontra, naquilo que o próprio espaço pode considerar não importante. Sensibilidade de percepção dos detalhes sustentadoras da investigação cartográfica, oferece a possibilidade de encontrar o que não poderia ser encontrado, não no sentido proposital, e sim, no acaso em que acontece uma intervenção na pesquisa. Em decorrência, pressupõe o contato com as coisas, para que possamos pensar e ter outro olhar no sentido de refletir a importância e as lembranças que ali estão ocultas.

Neste percurso, estabeleceu-se um diálogo com alguns autores voltados a cartografia, como Luciano Bedin da Costa (2015), Eduardo Passos (2015), Virgínia Kastrup (2015), Liliana da Escóssia (2015), Sílvia Helena Tedesco (2013), Christian Sade (2013), Luciana Vieira Caliman (2013), Emanuela Oliveira Carvalho Dourado (2020) e Edilania de Paiva Silva (2020). Os autores indicados trabalham e defendem essa prática de pensar outras possibilidades de pesquisa por meio de diferentes dispositivos, que os apresentados tradicionalmente. A cartografia é cada vez mais utilizada em projetos de investigação, cujos resultados constam em monografias, dissertações e teses. Costa (2015, p. 70) coloca que “a cartografia oferece ao pesquisador um olhar diferente na investigação, constituindo sua pesquisa estando no próprio campo [...]”. É um método que sugere o não direcionamento do pensamento, e sim, a experimentação enquanto uma atitude de pesquisa.

A investigação dos saberes da manifestação cultural através da cultura *hip hop*, revelará os caminhos percorridos, os desafios e as superações alcançados por meio da manifestação de um estilo de dança que se configura na contramão do reconhecimento da cultura local, uma vez que a cidade São Bento do Sul<sup>3</sup> foi formada

---

<sup>3</sup> Em 1873, um pequeno grupo de homens subiu a Serra Geral a pé em direção ao planalto, com mantimentos e ferramentas no lombo de mulas. Após dois dias de caminhada, chegaram às margens do Riacho São Bento. Ali construíram o primeiro rancho e de lá partiram para abrir os primeiros caminhos na mata, sempre ao longo do riacho São Bento. Ali construíram o primeiro rancho e de lá partiram para abrir os primeiros caminhos na mata, sempre ao longo do riacho São Bento. Áustria, Bavária, Prússia, Polônia, Saxônia, Tchecoslováquia e mesmo o Brasil eram os países de

e estruturada a partir do processo de colonização de origem germânica, cujos valores e manifestações culturais são dela decorrentes e preservados. Com o intuito de investigar e entender os princípios desta colonização, e perceber a cultura a partir de uma pesquisa que ultrapasse a condição de subserviência a uma visão hegemônica do colonizador, a pesquisa foi dirigida para a compreensão dos espaços de convivência que sustentam o grupo *Hip Hop X Style*.

A América do Sul foi estruturada historicamente colônia num processo expansionista europeu desencadeado com grandes descobertas territoriais, formalmente não é mais, no entanto, tal constatação, não fez com que a forma de pensar, viver, sentir e exigir do brasileiro, tenha deixado de ser colonizado a partir de declaração de independência do Brasil (1822), razão pela qual nós devemos pensar de forma mais concreta na possibilidade de refazer este caminho.

O pensamento colonial europeu do século XV impulsionou uma visão do continente Europa no centro do mundo. Em uma escala de referências e hierarquia de valores, a Europa demarcou formas de pensar, de sentir, de existir e de produzir arte transformando o mundo colonizado subjugado aos ideais europeus. Portanto, é necessário rever padrões e dar espaço para outras formas de pensar, sentir e conhecer.

A presente investigação visa compreender a relação do *hip hop* por meio do *street dance* e as manifestações da dança folclórica de matriz germânica, na cidade de São Bento do Sul, articuladas com uma investigação de natureza cartográfica e as teorias do campo do patrimônio cultural. Esta pesquisa visa contribuir para a compreensão do contexto cultural local e a trajetória do grupo *Hip Hop X Style*.

O estudo embasou-se nos depoimentos dos participantes da pesquisa, por meio de entrevista oral, tendo como foco a memória e a identidade que se constroem narrativamente, pois

As noções de “identidade” e “memória” são ambíguas, pois ambas estão subsumidas no termo representações, um conceito operatório no campo das ciências humanas e sociais, referindo-se a um estado em relação a primeira e a uma faculdade em relação a segunda (OLIVEIRA; CANDAU, 2010, p. 21).

---

origem dos primeiros habitantes. Em 1876 a colônia recebeu a visita de Alfredo Taunay, na época presidente da Província de Santa Catarina. Nesse mesmo ano, foi criado o distrito de São Bento do Sul. Alguns anos depois, foi criado o município de São Bento do Sul. São Bento do Sul descobriu na transformação da madeira sua vocação. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/sao-bento-do-sul/historico>. Acesso em: 08/05/2022

Oliveira e Candau (2010) ao conceituarem a memória como faculdade humana compreendem que suas manifestações variam de acordo com o indivíduo, o grupo e a sociedade. Em decorrência disso, avalia que é uma árdua tarefa elencar conceitos vinculados à memória e apontar questões relacionadas às memórias individuais. Portanto, o aspecto básico do campo desta pesquisa é discutir a relação entre indivíduo e o grupo social a que pertence, por meio do método abrangente de memória e identificação coletiva, conceitos e hipóteses.

Ao abordar o campo do patrimônio, considera-se e reconhece o patrimônio como valor humano na sociedade e na história, que deve ser preservada e transmitida pela sociedade. Portanto, ao abordar a cultura da dança, não se pode deixar de falar sobre o valor e a importância do patrimônio para a sociedade. Nesse sentido, Cavalcanti e Fonseca (2008, p. 12) firmam esse valor quando dizem que “a conceituação do Patrimônio Cultural Imaterial no Brasil acompanha de perto essa formulação”. Por meio da Resolução Nº 01/2006, que regulamenta o Decreto 3.551/2000, o qual instituiu o registro dos bens culturais de natureza imaterial no Brasil, o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) estabeleceu que os bens culturais de natureza imaterial são as criações culturais de caráter dinâmico e processual, fundadas na tradição e manifestadas por indivíduos ou grupos de indivíduos como expressão de sua identidade cultural e social (IPHAN, 2007). O artigo 2º da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (UNESCO, 2003) entende por patrimônio cultural imaterial:

[As] práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (CAVALCANTI; FONSECA, 2008, p.12)

Assim, “o conceito de patrimônio cultural imaterial é amplo, dotado de forte viés antropológico, e abarca potencialmente expressões de todos os grupos e camadas sociais” (CAVALCANTI; FONSECA, 2008, p.12). Mendes (2012, p. 19) complementa

ainda essa compreensão ao afirmar que “o patrimônio é hereditário, é histórico, é identitário – mas é, antes do mais, cultural”.

Cavalcanti e Fonseca (2008) colocam que é importante notar que o próprio conceito de patrimônio cultural imaterial é o produto de uma importante revisão de ideias relacionadas a concepções de desenvolvimento e democratização cultural. Isso não é apenas para garantir o acesso a recursos, informações e ferramentas culturais para diferentes níveis e grupos sociais com base em uma visão de desenvolvimento homogênea e centrada na etnia, mas favorecer não apenas o processo de desenvolvimento de diferentes níveis e grupos sociais, como também produtores de expressões culturais que todos devem compreender e valorizar. O patrimônio cultural imaterial é uma ferramenta sensível nesse sentido.

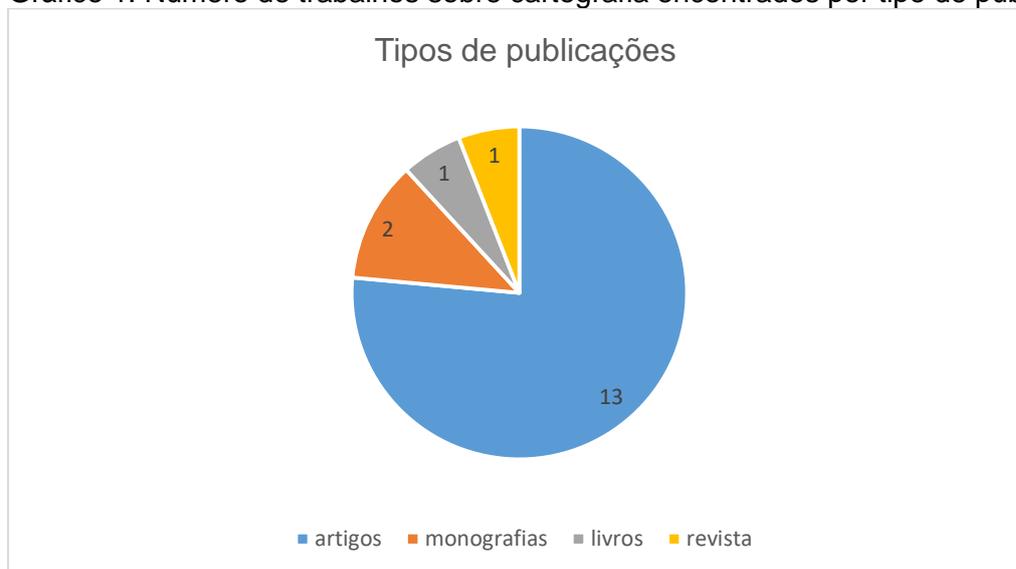
Nesse entendimento, a humanidade reage criando e inventando meios e ferramentas para mostrar sua manifestação permanente. Uma coleção de meios e ferramentas espirituais - podem ser "palavras" ou "literatura, música, arte", é será sempre considerada uma cultura, com o significado mais forte e suave: de volta às nossas raízes, a alma e seus costumes (MENDES, 2012).

O patrimônio cultural material ou imaterial, deve ter um significado para a comunidade em que está inserido, independentemente do reconhecimento oficial ou não, esse significado traz o sentido de pertencimento e provoca a necessidade e a prioridade de sua preservação. Portanto, tomando como referência o conjunto de discussões teórico-metodológicas ora apresentados, este trabalho foi organizado em cinco capítulos, de modo a permitir uma compreensão panorâmica da temática analisada.

O primeiro, é introdução estruturada com um aporte teórico sustentador da pesquisa. O intuito principal do segundo capítulo é compreender a importância do *hip hop* como cultura, abordando sua origem e suas linguagens, tendo como estudo a linguagem da dança. Nesse capítulo o principal objetivo é construir um olhar cartográfico no próprio campo de investigação. Assim, para sustentar a pesquisa foram utilizados textos de referências disponíveis nas bases: Portal de Periódicos da CAPES, Google Acadêmico, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), plataforma de Universidades públicas e privadas (repositórios institucionais). As palavras definidas para busca dentro do Portal de Periódico da CAPES foram “método cartográfico” e “pesquisa”, em que foram recuperados um total de 508 artigos e 03 resenhas. Já no Google Acadêmico foram encontradas 18.100 respostas. Porém,

a partir dos títulos e da descrição inicial pode-se perceber que os resultados perderam a compatibilidade com o tema a partir da página 11 de resultados que equivalem a 110 resultados (considerando 10 por página). Nas demais plataformas a busca foi esporádica conforme necessidade de busca. O próximo passo foi excluir temas repetidos e fazer um levantamento qualitativo. Após este processo de exclusão, chegou-se à um *corpus* de pesquisa de 17 produções sendo 13 artigos, 2 monografias e 1 livro e 1 revista.

Gráfico 1: Número de trabalhos sobre cartografia encontrados por tipo de publicação.



Fonte: Primária (2021)

A partir do terceiro capítulo foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica sobre os conceitos, elementos e sujeitos que compõem a cultura *hip hop* dirigida para a compreensão dos aspectos culturais e históricos. As palavras definidas para busca dentro do Portal de Periódico da CAPES foram “*hip hop*” e “cultura”, tendo como resultado de busca um total de 971 artigos e 20 resenhas. Já no Google Acadêmico foram encontradas 16.400 respostas. Porém, utilizou-se a mesma metodologia do primeiro capítulo, em que até a 10ª página foram encontrados resultados suficientes compatíveis com o tema que equivalem a 100 resultados (considerando 10 por página). Nas demais plataformas a busca foi esporádica conforme necessidade de busca. O passo seguinte foi excluir os temas repetidos e fazer um levantamento qualitativo. Para este quesito, obteve-se um *corpus* de pesquisa de 21 produções sendo 19 artigos, 1 monografia e 1 livro.

Gráfico 2: Número de trabalhos sobre hip hop encontrados por tipo de publicação



Fonte: Primária (2021)

No quarto capítulo, buscou-se a observação dos imbricamentos de culturas, bem como as diferenças e as proximidades entre as manifestações culturais. Para levantamento bibliográfico deste capítulo utilizou-se no Portal de Periódico da CAPES as palavras “colonial” e “estudo”, foram encontrados 1.029 artigos e 13 resenhas. Já no Google Acadêmico foram encontradas 13.100 respostas. Porém, utilizou-se a mesma metodologia dos capítulos anteriores, em que até a 7<sup>a</sup> página foram encontrados resultados suficientes compatíveis com o tema que equivalem a 70 resultados (considerando 10 por página). O próximo passo foi excluir temas repetidos e fazer um levantamento qualitativo. Como resultados desse processo de exclusão, obteve-se um corpus de pesquisa de 24 produções sendo, 20 artigos, 4 monografias.

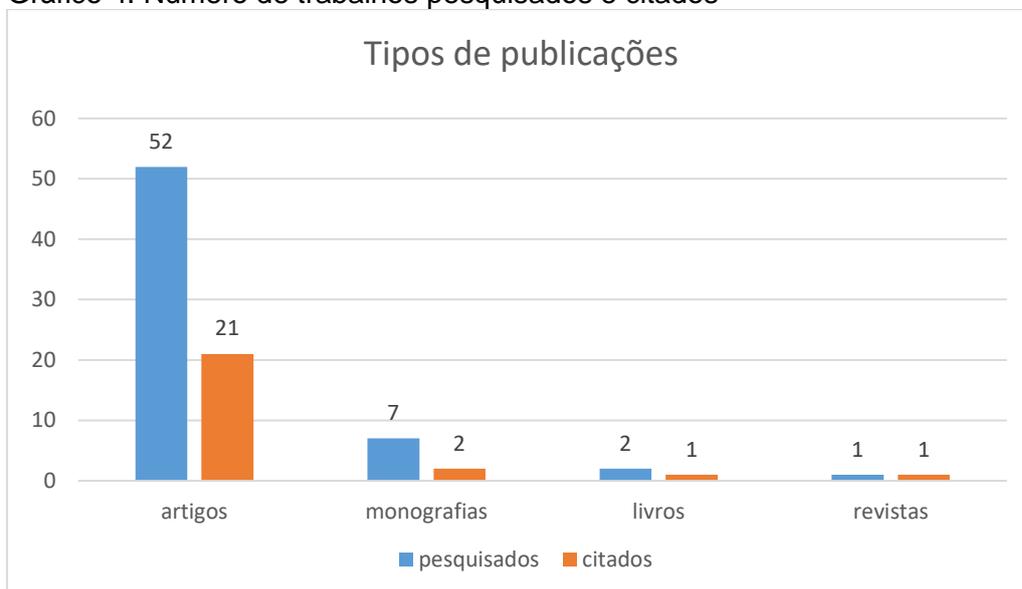
Gráfico 3: Número de trabalhos sobre colonial encontrados por tipo de publicação



Fonte: Primária (2021)

O gráfico 4 ilustra a concentração total do levantamento bibliográfico realizado dentro dos capítulos, totalizando 62 trabalhos:

Gráfico 4: Número de trabalhos pesquisados e citados



Fonte: Primária (2021).

Já no quinto capítulo, o último recorte desta pesquisa, o intento é compreender as relações dos integrantes do grupo de dança de *hip hop*, a partir de seus registros documentais e suas memórias narradas, identificações, representação social através da dança.

Os caminhos trilhados foram cuidadosamente designados para cimentar cada nicho do estudo. De início, projetou-se trilhar um percurso metodológico, uma pesquisa sobre a abordagem do tipo exploratória que utiliza levantamento bibliográfico, documental e contou com o aporte metodológico da pesquisa-formação de Eduardo Passos (2015), Virgínia Kastrup (2015), Liliana da Escóssia (2015), Deleuze e Guattari (1996) com o objetivo construir momentos em torno de uma prática da história de vida inserida num protocolo cartográfico; Joel Candau (2010) na compreensão e importância da memória e identidade.

O estudo foi sustentado por entrevistas, cujas questões foram devidamente aprovadas, conforme o Parecer nº 4.557.763, de 24 de fevereiro de 2021, do Comitê de Ética da Univille. Sendo assim, o leitor terá no capítulo inicial o aporte metodológico sobre cartografia e memória, oportunizando adentrar a pesquisa com um conhecimento prévio sobre o processo introdutório na cultura *hip hop*.

Não poderia deixar de registrar as dificuldades encontradas para realizar as entrevistas orais devido ao período pandêmico. Ao pensarmos sobre a pandemia decorrente da SARS-COV2 (COVID-19), é instantâneo considerar os reflexos negativos. Na pesquisa oral não foi diferente, restrições dificultaram o acesso aos integrantes, razão pela qual foi necessário reduzir a amostra, realizar as entrevistas com os devidos cuidados que a situação exigiu, respeitando os protocolos de segurança.

A pandemia foi avassaladora dentro do programa e das pesquisas, tivemos que nos reinventar para concluir esta etapa com êxito. O mais importante foi a eficiência dos professores do programa de mestrado que não mediram esforços para realização e qualidade das aulas durante estes dois anos temerosos. Os meios tecnológicos foram fundamentais para que a vida acadêmica continuasse, assim como para suprir minimamente o calor humano natural no cotidiano, por aulas virtuais, mesmo que virtualizadas através do software Teams<sup>4</sup>, foi intensa e emotiva a aprendizagem para que alcançássemos nossos objetivos.

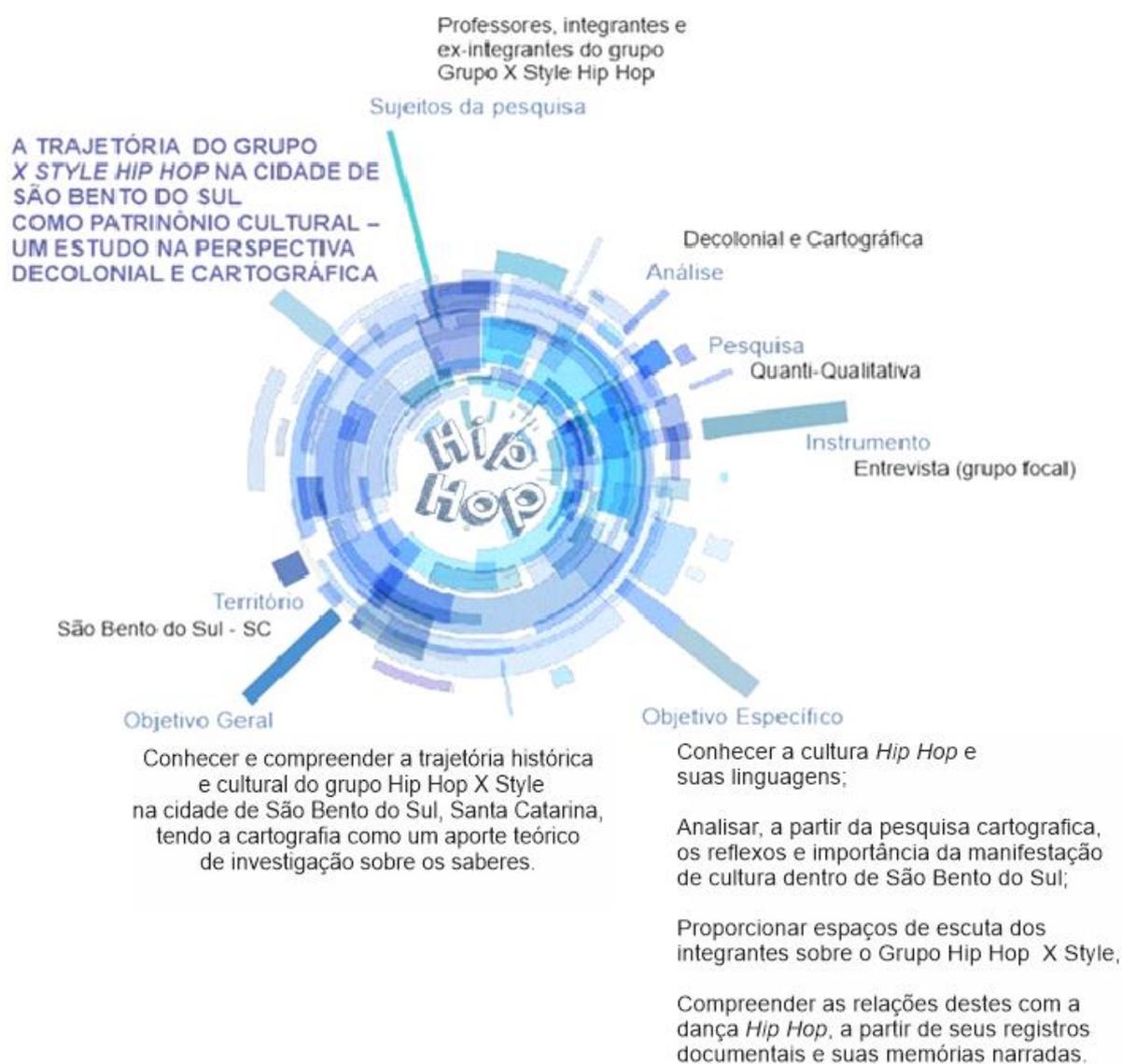
---

<sup>4</sup> Anteriormente conhecido como Skype Teams, o Microsoft Teams é o que a própria Microsoft chama de “espaço de trabalho baseado em um chat que integra todas as pessoas, os conteúdos e as ferramentas que a sua equipe precisa para melhorar o seu engajamento e ser mais eficaz”. Disponível em: <https://brasil.softlinegroup.com/sobre-a-empresa/blog/microsoft-teams-entenda-o-que-e-e-como-funciona>. Acesso em: 16/06/2022.

## 2 UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA INTERDISCIPLINAR: CARTOGRAFIA / MEMÓRIAS

Na busca por compreender a trajetória do grupo objeto deste estudo o grupo *Hip Hop X Style*, partiu-se de uma abordagem de investigação que utiliza o método cartográfico com vistas a apresentar a cartografia como um aporte investigativo. Tendo como base, a imagem macro do mapa, conforme (figura 4), no qual identifica as etapas da pesquisa com os depoimentos dos envolvidos e disseminando suas histórias de vida.

Figura 4: Mapa Cartográfico



Fonte: Primária (2021)

Segundo Tedesco, Sade e Caliman (2013) a cartografia visa, por meio de entrevistas, compreender a experiência compartilhada de si e do mundo, na inseparabilidade dos dois planos da experiência: a experiência de vida ou relatos de vida e a experiência pré-refletida, ou seja, os conteúdos de representação do ser, do objeto e do relato da história.

A pesquisa cartográfica visa o acompanhamento de processos e, se a entrevista na cartografia inclui trocas de informação ou acesso à experiência vivida, é importante ressaltar que esta não é sua única direção, portanto requer que a escuta e o olhar se ampliem, sigam para além do puro conteúdo da experiência vivida, do vivido da experiência relatado na entrevista, e incluam seu aspecto genético, a dimensão processual da experiência, apreendida em suas variações (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013, p. 301). Essa experimentação oferece inúmeros caminhos de utilização, permite não reger estatisticamente os dados das pesquisas, não buscar estabelecer regras ou percursos lineares para atingir um fim. O pesquisador se apropria do método cartográfico no trajeto investigatório pois, ao estabelecer relações, passa a fazer parte do próprio território de pesquisa.

Costa (2014) sinaliza que o pesquisador cartográfico desenvolve seus passos no próprio campo da pesquisa para cartografar, pois é preciso inserir-se no território. De antemão, o pesquisador cartográfico não sabe o que irá perpassar, quais encontros poderão acontecer e no que estes poderão ocasionar. O cartógrafo, por uma peculiar sutileza e perspicácia, é um amante dos acasos que seu campo de pesquisa lhe oferece no decorrer do caminho. A estudo da oralidade na perspectiva cartográfica, indicará possíveis caminhos a serem seguidos. Porém, é preciso estar atento, pois cartografar não é seguir uma linha. O pesquisador no processo metodológico poderá percorrer novos caminhos e espaços, de acordo com Deleuze e Guattari (1996, p. 76-77)

[...] somos atravessados por linhas, meridianos, geodésicas, trópicos, fusos, que não seguem o mesmo ritmo e não tem a mesma natureza. [...] e constantemente as linhas se cruzam, se sobrepõem a uma linha costumeira, se seguem por um certo tempo. [...] é uma questão de cartografia...

Deleuze e Guattari (1996) ecoam “somos atravessados por linhas”, movimento dinâmico e dependente da percepção do cartógrafo para criar aparências múltiplas e intencionais. Por exemplo, é a partir da experiência de observar objetos, gerar

espaços de significação e novos conhecimentos que a cartografia ganha sentido, para que se compreenda a inter-relação entre os principais eixos de pesquisa.

## **2.1. Quando o objeto nos faz recordar: memórias de uma trajetória**

A significação dada à cultura *hip hop* na cidade de São Bento do Sul, foi expandida durante a trajetória do grupo *Hip Hop X Style*, vinculada à memória social e é preservada por meio dessas manifestações que delineiam essa trajetória. Antes de perguntar se algo é importante, o cartógrafo observará se há relação de pertencimento socialmente constituída. O cartógrafo deverá ter a sensibilidade suspensa, embora pareça comum, da curiosidade, uma dose de disponibilidade aliada a uma dose moderada de atenção e ao mesmo tempo distração, para não negligenciar o múltiplo que o rodeia.

Percebe-se que o cartógrafo não se limita em um único saber, pois o seu percurso é interdisciplinar, aciona saberes que se articulam e provocam caminhos para os fluxos, que apontam para as incertezas que instigam a sua intuição. Uma queda ou um tropeço podem promover descobertas que resultam em respostas que poderiam permanecer ocultas. A função do cartógrafo é ser passagem, pois

A cartografia coloca em relação um conjunto de saberes: o cartógrafo pode ser um filósofo, sociólogo, um psicólogo, mas ele também terá de ser um historiador, um geógrafo, um sintomatologista, um clínico e, sobretudo, um artista (COSTA, 2015, p. 75).

Para cartografar é preciso pertencer a algo, estar em algo, fluir nesse plano por curvas até então ocultas que podem, na sua minoria, ser de grande significado no processo. Por isso cartografar é traçar um método de pesquisa de um plano da experiência, ao qual acompanha os efeitos sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento na pesquisa, alinhado principalmente ao percurso da investigação. Considerando que os objetos, temas e conhecimento são os efeitos concomitantes do percurso da pesquisa, esta trajetória não pode ser guiada pelo conhecimento prévio da realidade. Imerso na experiência de investigação, sem garantia ou ponto de referência, apoia-se na forma de fazer as coisas, como viver as coisas e como um saber fazer, que emerge do fazer, como forma de compreender a experiência vivida na pesquisa.

A abordagem da cartografia adotada desenvolveu-se sob a perspectiva de Passos, Kastrup e Escóssia (2015) que conceituam a cartografia como

um método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2015 p. 32)

Em primeiro lugar, a ideia de desenvolver uma cartografia de pesquisa de campo para a pesquisa subjetiva desvia-se do objetivo de definir um conjunto de regras abstratas a serem aplicadas. Não impõe o estabelecimento de um caminho linear para atingir o objetivo. A cartografia é sempre um método temporário. No entanto, ela é construída caso a caso, de modo que não impede a busca de pistas que visem descrever, discutir e, principalmente, coletar a experiência do cartógrafo. Nesse sentido, Passos, Kastrup e Escóssia (2015) reforçam que o propósito da cartografia é desenhar a rede de forças conectadas pelo objeto ou fenômeno em questão, e considerar seu método de modulação e seu movimento permanente.

Na cartografia um ponto significativo é o registro dos relatos, com o objetivo de reunir *in loco*, constituindo uma memória material das coisas lidas, pensadas ou ouvidas. Sendo assim, pode-se dizer que essas informações resultam na produção de dados da pesquisa, transformando observações e frases captadas em informação de dados coletados. Saber não apenas representar objetos ou processamento de informações sobre um mundo que se supõe ter sido construído, mas também pressupõe participação no mundo e compromisso com sua produção. Nesse sentido, o conhecimento, ou mais especificamente, o trabalho de pesquisa é feito por meio da participação de pessoas que conhecem o mundo a ser descoberto, compartilhando um território existencial. Nesta perspectiva

É preciso, então, considerar que o trabalho da cartografia não pode se fazer como sobrevoo conceitual sobre a realidade investigada. Diferentemente, é sempre pelo compartilhamento de um território existencial que sujeito e objeto da pesquisa se relacionam e se codeterminam (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2015 p. 131)

Quando se fala em entrevista propriamente dita, Tedesco, Sade e Caliman (2013), apontam que seu objetivo é intervir por meio da gestão para concretizar a palavra e exercer forte controle sobre seu conteúdo, eventos e emoções nela

disseminados. A fala deve ter emoções adequadas à experiência. A entrevista não pode ser usada como um procedimento para mediar a experiência da visita. Na cartografia, a entrevista se aproxima de uma conversa, podendo ser por pensamentos coletivos e processuais. A entrevista deve intervir no início do papel da experiência no processo de discurso contínuo, resistindo ao discurso unificado e abrangente.

Silva (2020) destaca a cartografia como método transversal e aberto na forma de acompanhar processos, descrevendo relações, trajetórias e a composição de dispositivos, apontando linhas de fuga, ruptura e resistência. Nesse sentido, o depoimento dos entrevistados possibilitou a observação e acompanhamento dos processos conforme vai surgindo as experiências vividas em sociedade. Considerando a forma de pesquisar, a cartografia não se define por procedimentos rígidos e previamente definidos, sendo que a metodologia em qualquer processo, tem a intenção de se distanciar da ciência clássica. Mas não se pode deixar de considerar a orientação bibliográfica, no campo da materialidade, em que se fazem necessárias orientações para possibilitar a emergência do sistema de ideias. É importante que o rol de perguntas tenha coerência com a história de vida dos entrevistados, e delas possam surgir outros questionamentos que venham a contribuir para a pesquisa possibilitando, através de memórias, conjurar com os testemunhos nas entrevistas e narrativas dos envolvidos. Dourado e Morais (2020), sinalizam que a cartografia orienta uma nova forma de pesquisar, favorece o entendimento das diferenças e sugere espaços abertos para novas discussões e referências na pesquisa. Portanto, como método teórico-metodológico, a cartografia tem sido utilizada recentemente em diferentes perspectivas de pesquisa. É necessário construir equipamentos durante a caminhada para monitorar a produção na subjetividade das pessoas e suas relações que compõem os processos de criação e trabalho do investigador.

Costa (2014), sinaliza que o cartógrafo não pergunta sobre a natureza das coisas, mas sobre as coisas que encontrou durante o processo de pesquisa. Em vez de perguntar “o que eu vejo?” Pergunta sobre o mundo essencial: “como me dou bem com o que vejo”, ou seja, o cartógrafo passa a se identificar com a pesquisa. O processo de compreensão do cartógrafo o transforma em criador da realidade, em compositor, ou seja, numa pessoa que posa ao desenhar.

A importância das narrativas dadas a este método, contribui para uma possível compreensão da trajetória histórica e cultural do grupo *Hip Hop X Style* na cidade de São Bento do Sul. Por fim, os teóricos da cartografia contribuem, como uma forma de

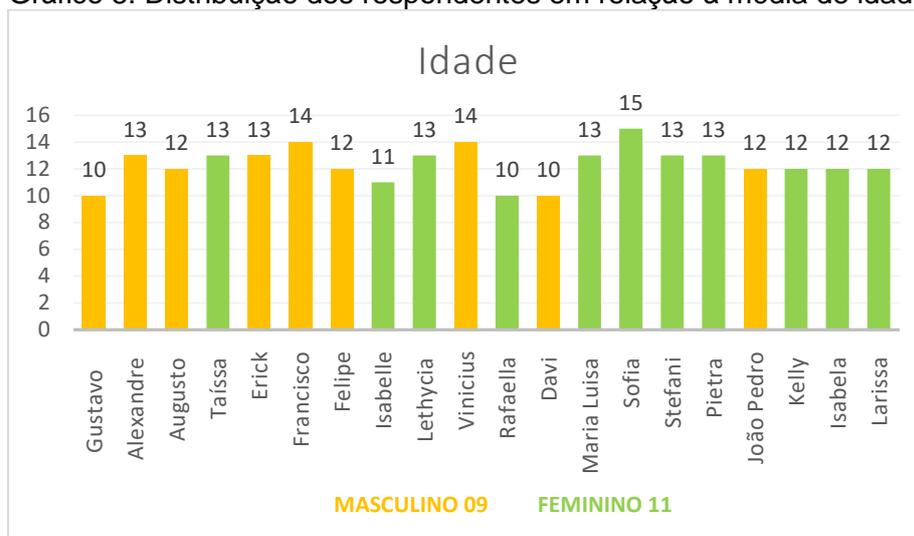
acompanhar processos, no encontro com o próprio campo de pesquisa, no conjunto de saberes, no qual a escuta e o olhar se ampliam para além das experiências vividas, respeitando as diferenças e perspectivas da pesquisa.

## **2.2 Constituição e trajetória de um grupo cultural de dança: perspectiva cartográfica**

O grupo *Hip hop X Style* tem como fundador, diretor e coreógrafo o professor Danilo Rogério de Lara (41 anos), branco, nascido em Rio Negrinho, Santa Catarina, reside em São Bento do Sul há 20 anos, casado, formação no Ensino Médio, possui registro profissional em dança (DRT) do Sindicato dos profissionais de Dança de Santa Catarina. Conta também com Mateus Henrique Ozeika (22 anos), ex bailarino do grupo, como auxiliar do professor Danilo e como coreógrafo.

A escola de dança do grupo tem, por ano, aproximadamente 200 bailarinos entre 5 a 17 anos dentro de quatro categorias: Mirim: 40 alunos (idades de 5 a 9 anos); Infantil: 40 alunos (idade de 9 a 12 anos); Junior: 40 alunos (idade de 12 a 14 anos); Sênior: 40 alunos (idades de 14 a 17 anos); Avançado: 35 alunos (18 anos acima). Neste ano 20% dos alunos residem em periferias, sendo em média 40% de classe média e 40% de classe alta. Alunos de cor branca: 40%, alunos de cor parda: 59% e alunos de cor preta: 1%. Bolsas de estudos, 10% ganham bolsas de estudos integral e 20 % têm bolsas de estudos parcial. Foram realizadas vinte entrevistas com crianças/adolescentes com idade entre 10 a 15 anos, nas quais 09 integrantes são do gênero masculino, sendo 06 de cor branca e 3 de cor parda e 11 femininos, 07 são de cor branca e 4 pardos, representados abaixo no gráfico 5.

Gráfico 5: Distribuição dos respondentes em relação à média de idade e gênero



Fonte: Primária (2021)

Em relação ao gênero pode-se perceber que existe porcentagem mínima de diferença na participação no grupo, sendo 42,8 % do gênero masculino e 57,2 % do gênero feminino. Esses alunos se constituem como a nova geração de integrantes do grupo no cenário competitivo.

O grupo em sua trajetória possui muitas memórias em meios de comunicação de mídia digitais, jornais, certificados, medalhas, troféus entre outros. O conceito que foi utilizado para analisar momentos de uma trajetória não foi o segmento popular da grande imprensa, mas sim o segmento de referência entre os depoimentos e objetos dispostos para a consulta. Nesse sentido, de acordo com as informações prestadas a abordagem cartográfica buscou delinear os caminhos trilhados pelo grupo HHX por meio de seus depoimentos e tem como auxílio os objetos que estão no acervo do professor Danilo, disponível no rol de entrada da escola de dança e no site do Mapa Cultural de SC. Portanto, acredita-se que a análise a partir das posições de diferentes integrantes do grupo, que privilegia os objetos de memória, permite uma experiência voltada a cultura das ruas, manifestada por meio da cultura *hip hop*, com este exemplo supracitado, entende-se que há em comum as narrativas e seus relatos em concordância aos significados dos objetos com os espaços ocupados pelo grupo HHX.

### **3 HIP HOP – O GRITO DAS RUAS**

O *hip hop* mostra uma maneira de viver, um comportamento, um estilo próprio, mas também uma moda. Inclui várias expressões artísticas, não por acaso, atravessa décadas como identidade cultural. Esse movimento, traz na sua história, manifestações de transformação social. Sua ascensão torna-se ativa em diferentes partes do mundo.

O caráter universalizante do *hip hop*, como “porta-voz” dos marginalizados das sociedades em que estão inseridos, evidencia a sua constituição enquanto uma cultura de contraposição aos processos de desigualdades gerados ou perpetrados nas sociedades (pós) industriais (RIBEIRO, 2010). Assim, para a compreensão da linguagem do *hip hop*, abordou-se a historicidade e os conceitos que constituem esse gênero artístico da dança. Porém, ao se questionar: o que é *hip hop*? Pode-se instigar várias respostas, como: *hip hop* é um movimento social e cultural; é um movimento sociopolítico-cultural; é um processo educativo; é cultura da periferia; é filosofia e ideologia; é arte; e muito mais. No *hip hop* identifica-se dois aspectos, o movimento *hip hop* e a cultura *hip hop*.

O movimento Cultural Afro-americano, segundo pesquisas de Silva (2018) coloca que o movimento *hip hop* como resultante da luta das minorias que afirmavam ter melhorado sua visibilidade social e suas condições de vida ao se concentrarem em comunidades negras marginais na América do Norte, em meados da década de 1960. Silva (2018) menciona também os problemas sociais das áreas negras de Nova York, especialmente relacionados as pessoas que moravam no Bronx. Na realidade da era pós-industrial, os negros são os mais afetados pelo desemprego e são obrigados a se concentrar nestas comunidades, não tendo acesso à infraestrutura, saneamento, lazer, saúde e escolas.

Neste complexo contexto social destaca-se que o movimento *hip hop* é caracterizado por apresentar sua identidade com características próprias e originais. Na música as letras se apresentam em forma de narrativa, nas quais seus autores relatam fatos que viveram ou presenciaram em seu dia a dia, trazem pessoas que estão unidas em torno de uma luta com comprometimento. As batidas fortes falam sobre direito a igualdade, racismo, respeito e dignidade e as roupas que identificam os adeptos ao movimento são largas, coloridas, despojadas, bonés para trás, boinas, tênis de cano alto. Nesta perspectiva,

O movimento hip hop pode ser considerado, por sua origem como uma cultura popular, pois a cultura popular é algo feito para o povo e pelo povo. A cultura popular representa a forma pela qual os jovens das camadas populares se organizam, compreendem, apreendem, e resignificam a cultura predominante. Portanto é a forma como eles absorvem e apreendem, as manifestações culturais, inclusive da cultura dominante, na tentativa de transformá-la (AVILA, OLIVEIRA; PEREIRA, 2005, p. 49).

Segundo observações de Alves e Dias (2004), a cultura hip-hop se baseia na apropriação de bens culturais que são reinterpretados para transformar seus significados em novos significados, ao invés de estruturas simbólicas fixas, que garantem mais flexibilidade para o jovem e lhe dá uma maior sensação de segurança para lidar com o diferente. Já, a abordagem do hip – hop como movimento de cultura, Oliveira (2007) atenta para aspectos culturais conectados ao artístico, pois o movimento está conectado ao campo das lutas, visto que os dois campos precisam ser igualitários, pois uma dimensão não invalida a outra, porém há peculiaridades que destacam a diferença entre o uso dos termos utilizados.

A cultura *hip hop* se caracteriza por apresentar um repertório de músicas e letras variadas que podem não simbolizar as experiências vividas de seus praticantes, apresentam diversas manifestações dando significado a outros conceitos musicais, que possivelmente outros grupos de *hip hop* as constituem em seus repertórios.

O grupo *Hip hop X Style* tem por característica trabalhar dentro da cultura *Hip hop*, compõe seu repertório com diversos temas, utilizando letras prontas, estilos musicais que traduzem temas infantis, abstratos, concretos, entre outros. O grupo não tem postura política, não defende nenhuma bandeira social ou racial, normalmente não foca suas apresentações como manifestação de protesto, procura apresentar temas que envolvem diversas culturas e temas. É um grupo que se projeta em função do entretenimento das crianças com a expressão artística. Nas coreografias se movimentam artisticamente no espaço do palco, numa construção da corporeidade.

Danilo atua como curador, as suas vivências e concepções da dança possibilitou a percepção da potência do movimento corporal. Caracteriza-se como um artista que se constrói e vive a experiência com seus alunos, doa-se por inteiro na forma de expressão artística, dança coreograficamente, cria e no ato de dançar cria meios para que os seus alunos percebam e sintam a importância da cultura como entretenimento, amadurecimento e crescimento pessoal. Em decorrência das

propostas inovadoras, o grupo tem se destacado com resultados positivos em competições, justamente por vivenciarem poeticamente o movimento corporal.

O maior representante do movimento *hip hop* responsável por criar várias linguagens e difundir a paz, a diversão e o amor é o *DJ Afrika Bambaataa*, líder da *Universal Zulu Nation*, que transformou-se em instituição internacional ao longo dos tempos, sendo uma das primeiras organizações não governamentais ligada ao *hip hop*. Segundo Felix (2005), Afrika Bambaataa, foi considerado um instrutor da questão política no *hip hop*, aproveitando as festas que organizava para fazer com que as diferenças entre os diversos grupos (gangues) de negros fossem resolvidas em disputas por meio de dança. Sua principal estratégia era atrair os jovens por meio da música, dança e pintura, mas

Além de estratégia para atrair os jovens e conter disputas e violência entre as gangues, a música, dança e arte do hip hop, funcionam como elementos de promoção da cultura. Para fazer as letras, inventar novos passos de dança e expressões artísticas, é preciso conhecer a realidade, conhecer história, estar engajado. Dessa forma, promove-se a conscientização e a inserção social dos indivíduos - ou pelo menos, inserção e conscientização quanto à dura realidade que se encontram. (FOCHI, 2007, p.62)

Pimentel (1998) afirma que a conscientização do *hip hop* acontece pela arte e suas possibilidades viabilizam certas lições que são compreendidas e aprendidas. Como exemplo, no *rap* uma letra poeticamente bem elaborada ganha prestígio, pois conta uma história, compreende a realidade vivida, e inventa alternativas de expressar uma realidade com palavras.

Os praticantes do *hip hop* transmitem a necessidade da educação por meio da arte, expressando os problemas sociais enfrentados, na busca de novas formas de agir e não pela violência. Afinal, esse movimento inclui lutas por igualdade social, protestos pela paz, amor e minimização dos problemas sociais circundantes para alcançar a justiça social por meio da expressão artística.

A trajetória percorrida por essa cultura desde meados da década de 1960 e 1970, vem promovendo e reforçando a importância social dada a um movimento cultural através das lutas e manifestações, que tratam do direito e do respeito pela

igualdade social. A arte promovida por essa manifestação cultural, se difunde em elementos que compõem o *hip hop*, a saber: o *break*, *grafitti*, *rap*, *MC*<sup>5</sup> e *DJ*<sup>6</sup>.

No Brasil, esse movimento foi amplamente conhecido por volta dos anos 1980 e, como muitos outros, foi importado dos Estados Unidos. O Brasil absorveu as características originais, mas também estabeleceu características próprias, o que levou ao surgimento da música *hip hop* com peculiaridades brasileiras a ela incorporadas. E, como na América do Norte, retrata os problemas sociais de populações marginalizadas, concentradas em favelas. Percepção corroborada por Fochi (2007):

Acreditamos que o hip hop nasceu no Brasil, muito mais como um novo estilo estético, fundamentado num estilo musical e de dança. Todavia, amadurece e incorpora um sentido de luta engajada nas causas do povo da periferia, dos negros e pobres que vivem uma situação de opressão social. Com isso, reúne elementos e transforma-se num movimento, que faz parte das lutas das classes dominadas (FOCHI, 2007, p. 7).

Segundo Contier (2005) foi através de agentes sociais pertencentes às camadas mais favorecidas que o hip hop é implementado no Brasil nos anos 1980. Viajantes brasileiros conhecem o break (dança) e o introduziram em discotecas da época, situadas nos chamados bairros nobres de São Paulo e sua difusão se alastrou entre jovens de todas as classes. Outro ponto significativo nessa trajetória é uma mudança no estilo de dança, que agrega elementos e movimentos típicos da capoeira, originária do Brasil.

O artigo “Mandinga da rua, a construção de um corpo poeticamente crítico,” escrito por Renata de Lima Silva<sup>7</sup>(2011), apresenta uma abordagem na construção do corpo coreográfico, amparado pela preparação corporal que a capoeira pode oferecer, tendo como conteúdo os movimentos do *hip hop*.

No Brasil, o *hip-hop* e a capoeira caracterizam-se pela fusão de origens e se manifestam em uma variedade de elementos expressivos que redefinem o significado

---

<sup>5</sup> *MC* é a sigla que indica o mestre de cerimônia, que é o principal responsável por cantar e compor letras que desvelam os problemas sociais dos guetos. Disponível em: <http://www.bdae.org.br/handle/123456789/1568>. Acesso em: 20 abr. 2021.

<sup>6</sup> *DJ* (*disc jockey*) é o responsável pelos arranjos e pelas batidas musicais e compõem o gênero musical que conhecemos como *hip hop*. Disponível em: <http://www.bdae.org.br/handle/123456789/1568>. Acesso em: 20 abr. 2021.

<sup>7</sup> Professora do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Goiás. Doutora em Artes pela Unicamp.

para uma grande diversidade de elementos de representação, por meio da música, da dança e de gestos simbólicos, em uma ampla variedade de expressões em constante mudança que mostram dinamismo e potencial criativo.

Sendo assim, Silva, (2011) coloca que

No trabalho de estudo coreográfico realizado, o *hip hop* e a capoeira foram postos em patamares culturais semelhantes, por apresentarem uma forte identidade negra e pelo caráter de resistência. No entanto, assumem papéis diferenciados e complementares: a capoeira aparece como preparação corporal e suporte técnico, enquanto o *hip hop* assume a temática da construção cênica. (SILVA, 2011, p. 2).

No *hip hop* a capoeira é um complemento para aprimorar o uso diferenciado do tônus muscular, da força e equilíbrio através dos elementos acrobáticos que nela se constitui, favorecendo todas as possibilidades do corpo como preparação corporal do artista cênico. Elementos usados no *break* por dançarinos conhecidos como *B-boy*, que em suas apresentações solo utilizam vários movimentos que exigem força, equilíbrio e destreza na execução.

### 3.1.1 Elemento break

Para Fochi (1997), o elemento *break* nos Estados Unidos foi a primeira vertente de toda cultura *hip hop*, e no Brasil não foi diferente. Na periferia de Nova York na década de 1960, os primeiros dançarinos de *breakers* dançavam com o intuito de protestar contra a guerra do Vietnã. Os passos utilizados de dança simulavam os movimentos dos feridos e de instrumentos de guerra. No Brasil não ocorreu essa ligação. Em São Paulo e Rio de Janeiro, os primeiros dançarinos tinham como objetivo a busca de autoestima e diversão.

Fochi (1997) afirma que no início, os dançarinos praticantes do *break* não eram bem-vistos, mas com o passar do tempo, a dança foi ganhando adeptos e se tornando conhecida e apreciada, não só pelos negros, mas por frequentadores e moradores de regiões nobres das cidades.

Segundo Silva (2018), o *break* representa a dança na cultura *hip hop*, sendo caracterizada pela improvisação, ou seja, não há coreografia e existe a imitação, a acrobacia e a performance dramática, variando de acordo com seu local de desenvolvimento.

Dayrell (2005) explica que o *break* é uma dança de rua, com movimentos de ruptura corporal, conhecidos como “quebras”, com movimentos acrobáticos de saltos e giros, de efeitos harmoniosos com performances de origem afro-americanas. Abaixo, na figura 5, é possível observar um *B-boy* realizando um movimento acrobático chamado de “estrelinha”, no qual o eixo corporal fica girando e o *B-boy* vai trocando de base de apoio entre mão esquerda e direita realizando força centrífuga para manter o equilíbrio no movimento.

Figura 5: movimento estrelinha



Fonte: Freeimagens (2021)

O *break* divide-se em pelo menos três estilos, o *popping*, o *locking* e *B-boying* ou *B-boy*, cada qual com seu estilo peculiar de movimentos.

Conforme Fernando (2009), o *popping* surge no início dos anos 1970, porém, somente em 1975, foi reconhecido como um estilo. O responsável pela criação deste estilo foi Boogaloo Sam<sup>8</sup>, nascido em Fresno, uma pequena cidade da Califórnia nos Estados Unidos. Como vários grupos de dança dos Estados Unidos, Boogallo tinha seu grupo chamado Electric Boogaloos e criou seu estilo próprio.

---

<sup>8</sup>Boogaloo Sam: Criador do Popping e Boogaloo style. Disponível em: <https://www.mundodadanca.art.br/2013/12/boogaloo-sua-historia-danca-de-rua.html>. Acesso em: 31 maio 2021.

Fernando (2009) explica que a origem do nome artístico Boogaloo Sam, surge “da antiga canção de *James Brown*<sup>9</sup> “Faça o Boogaloo” (faça ondas em seu corpo). Um dia, quando Sam estava dançando ao redor da casa, o tio disse: “Rapaz, faz o boogaloo! ” Perplexo Sam perguntou ao seu tio, “O que é boogaloo? ”, significa que você está na pegada”, seu tio respondeu. Daquele dia em diante ele ficou conhecido como Boogaloo Sam”. O *popping* é considerado uma evolução de uma antiga dança chamada *Robot* (é apenas uma cópia das ações mecânicas de um robô). Mas o estilo é mais complexo, pois não é tão frio quanto *Robot* e é mais dinâmico, usando mímicas e passos de dança indiana. Também é inspirado nos passos de dança do cantor *James Brown*. Do estilo *popping* que surgiu um passo muito famoso, conhecido e usado por *Michael Jackson*<sup>10</sup>, originalmente *Back-Slide* (deslizar para trás), que o immortalizou e ficou famoso pelo nome de *Moonwalk*.

Já o *locking* (originalmente conhecido como *Campbellocking*), segundo Fernando (2012), é considerado um estilo de *funk*, pois é um movimento rápido e preciso das mãos e dos braços, combinado com as pernas e o quadril. Os movimentos são geralmente grandes e exagerados, e geralmente rítmicos e firmes (compactos) com a música. O *locking* é uma performance de rápido desempenho que sempre interage com o público por meio de um sorriso ou dá a ele algumas travessuras naturais. O *locking* tem sua base originalmente no *funk* tradicional e é usado em muitas competições de dança e o nome é pautado na concepção de basicamente congelar ou travar os movimentos e, em certas posições, continuar com movimentos rápido como antes. O *locking* compõe ações que formam um forte contraste, e muitas dessas ações rápidas são originalmente executadas de forma contínua e precisa, e combinadas com gestos de ensaio (imitação) para serem executados para o público e outros dançarinos. Travar o movimento requer muitas acrobacias e movimentos elaborados, e "travar" o joelho dá a impressão de "quebrado". Essas ações também exigem joelheiras ou alguns outros dispositivos de proteção. O *locking* é uma dança que teve origem na antiga discoteca dos anos 1970. Pode acontecer sozinho ou quando dois ou mais dançarinos dançam juntos ou *handshakes* (apertam as mãos).

---

<sup>9</sup>*James Brown* (1933-2006) foi um cantor, compositor e produtor musical norte-americano, autor de "*Feel Good*", um dos grandes sucessos de sua carreira. Inventor do *funk*, ele se tornou um dos maiores nomes do *showbiz*. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/james\\_brown/](https://www.ebiografia.com/james_brown/). Acesso em: 31 maio 2021.

<sup>10</sup>*Michael Jackson* (1958-2009), conhecido como o Rei do *Pop* (apelido dado por *Elizabeth Taylor*), foi um cantor, compositor e dançarino norte-americano. Ele foi um dos maiores artistas do *showbiz* mundial. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/james\\_brown/](https://www.ebiografia.com/james_brown/). Acesso em: 31 maio 2021.

No *locking* pode-se sorrir ao fazer gestos descontraídos, outras vezes deve manter uma postura séria para enfatizar a técnica. Outra característica importante é a "explosão" (vibração) dos braços e estabilidade com passos firmes e o movimento (rotação) da boina ou chapéu.

Por fim, o próximo estilo no *break* é o *B-boying* ou *B-Boy*, considerada uma das mais populares formas de dança break, tem como principal característica a realização de movimentos tanto em pé como em movimentos acrobáticos no solo. Esses movimentos se dividem em alguns tipos básicos na dança *B-boying*, a saber: *toprock*, o *footwork*, os *drops*, os *floor rocks*, os *power moves*, as *freezes* e os *suicides*.

O *toprock*, conforme Fernando (2012), é um conjunto de movimentos realizados na posição de pé. Esses movimentos são geralmente mais fáceis e são usados pelos *B-boys* como um aquecimento e preparação antes do início da dança. O *footwork* é o conjunto de movimentos que o *B-boy* faz com os pés enquanto ele está em pé ou no chão utilizando movimentos de *step*, passinhos, como é conhecido. Os *drops* compõem um conjunto de movimentos a partir da posição de pé no chão para executar o próximo conjunto de movimentos usados para as quedas. Já os *floor rocks* são movimentos que um *B-boy* faz enquanto uma parte do seu corpo toca o chão.

Já os *power moves* são movimentos de energia em que o *B-boy* se move em um movimento giratório. Eles são geralmente os mais difíceis movimentos da dança *B-boying*. Por fim, o *freeze* é um movimento que o *B-boy* usa para representar o fim da dança, sendo de alta técnica, com movimentos que caracterizam paradas de mão em formato de figuras e torções do tronco inusitadas, movimentos estes usados característicos da ginástica artística.

Esses elementos juntam de forma harmoniosa e ousada as representações de movimentos que, nas apresentações, desafiam a gravidade devido a performance acrobática.

Os elementos utilizados pelos *B-boys* caracterizam-se por gingas, paradas de mão, moinhos (estrelinhas), saltos e giros, destas constituem vários elementos que se completam no corpo cênico com o potencial advindo da capoeira para alcançar tais fatores fundamentais, por meio de elementos para prática corporal enriquecendo a composição da coreografia no *hip hop*.

As apresentações realizadas do estilo da dança que compõem a cultura *hip hop*, vem crescendo no cenário cultural dos festivais de dança de todo país. Haja vista

que o grupo *Hip Hop X Style* tem se destacado dentro e fora do estado de Santa Catarina.

### 3.1.2 Elemento *grafitti* ou grafite

O segundo elemento que compõe a cultura do *hip hop* é o *grafitti* ou grafite. Conforme Rocha, Domeninich e Casseano (2001), o grafite, assim como o *break* é uma forma de chamar a atenção da sociedade para os problemas sociais. Oriundo das pichações, o grafite foi uma forma de evitar que gangues da época fizessem demarcações de território como forma de demonstração de poder. “Os locais que foram grafitados não são mais pichados. É uma espécie de código de ética entre os pichadores, que respeitam a arte desenvolvida pelos grafiteiros” (ROCHA; DOMENINICH; CASSEANO, 2001, p. 103)

A origem do grafite é imprecisa, mas uma das versões afirma que surgiu no final da década de 1960, nos Estados Unidos, como forma de protesto contra as condições suburbanas do gueto. O antropólogo João Lindolfo, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) que estuda o movimento *hip hop*, fala que o grafite surgiu em Nova York através de garotos que viviam em bairros suburbanos e pintavam em muros e prédios abandonados da metrópole seus nomes e faziam bonequinhos. Posteriormente, passou a ser praticado em outras localidades norte-americanas como São Francisco e Chicago. Logo se expandiu para Londres, Paris, Sydney, Viena e no Brasil surgiu na cidade de São Paulo.

Rocha, Domeninich e Casseano (2001), registram que no começo dos anos 1970, turistas que passavam por Nova York levavam a notícia para suas cidades dizendo que ocorria um fenômeno nas estações de metrô. Meninos com uma lata de spray pintando os trens de uma forma inusitada, diferente, com diferentes formatos de letras e desenhos. Esta arte encantou os europeus, em especial o italiano Cláudio Bruni, que percebeu uma nova forma de expressão quando *Lee Quinones*, seu conterrâneo, lhe apresentou uma coleção de desenhos e fotos norte americanas. *Quinones* acreditava estar diante de uma nova forma de arte urbana, que não deveria ser associada à marginalidade, passando a levar os desenhos para galerias e exposições a partir de 1978, fomentando o grafite como uma das maiores exposições de arte pública.

Outra forma de entender como surgiu o grafite, vêm de alguns grafiteiros que associavam a arte como surgimento do *tag*<sup>11</sup>. Em meados da década de 1960, jovens da periferia norte americana pichavam as paredes e muros com seus nomes. Depois da apropriação do *tag* pelas gangues locais, este ato passou a constituir um código para demarcar o território. Um dos percursores na arte foi o grafiteiro de pseudônimo *Phase2*, considerado por muitos, o inventor do grafite que no início dos anos 1970 criou painéis coloridos com o objetivo de transmitir, através da arte, mensagens positivas para disseminar a paz e o amor.

Abaixo na figura 6, um exemplo de *tag* como referência a uma identidade, um código.

Figura 6: Exemplo de *tag*



Fonte: Freeimagens (2021)

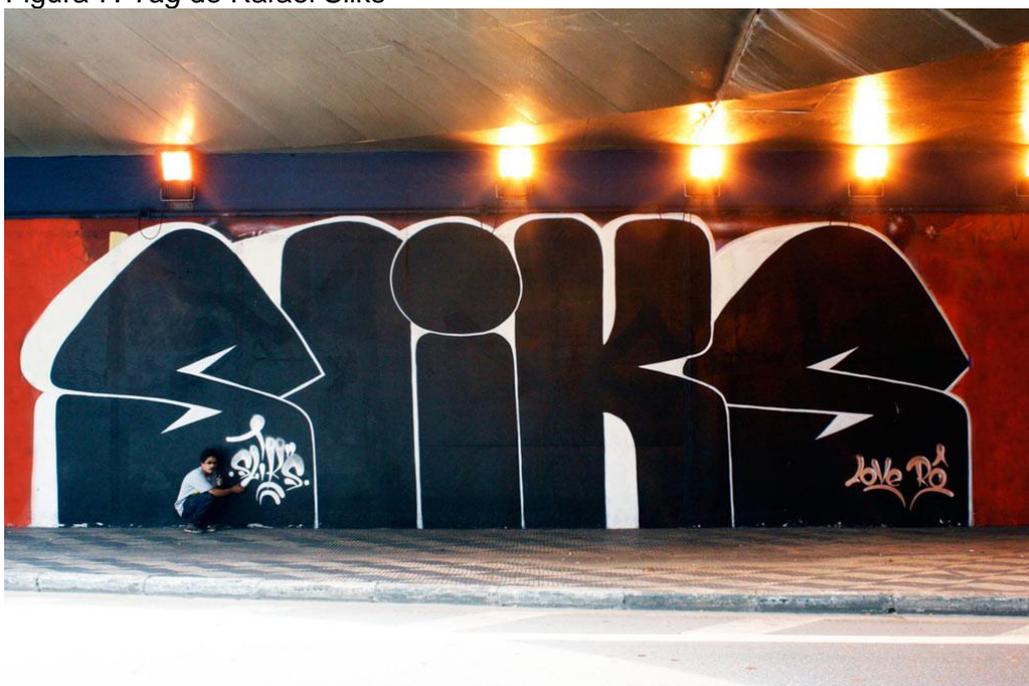
Um personagem marcante dentro deste cenário é Rafael Sliks, natural da cidade São Paulo, bairro Bela Vista, que se tornou grafiteiro e designer gráfico. Por trás da poética marginal há um conhecimento técnico de cores, movimentos orgânicos e traços que unem arte e técnica (SANTOS; SOUZA, 2015). Segundo Santos e Souza

---

<sup>11</sup>Assinatura dos grafiteiros feita com marcador ou spray. Fonte: ROCHA, Janaína; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. **Hip-Hop: a periferia grita!** São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

(2015), o grafiteiro uniu o vandalismo e a arte, de tal maneira, que elevou seu trabalho para outro patamar. Na atualidade Sliks é uma referência no mundo da arte, sem fronteiras e barreiras. Suas obras estão espalhadas e consumidas por diversos lugares do mundo. Podemos observar na figura 7 e 8 duas de suas obras espalhadas pelo centro de São Paulo.

Figura 7: Tag de Rafael Sliks



Fonte: <https://www.dionisioarte.com.br/2015/12/08/a-arte-por-tras-das-tags-de-rafael-sliks/>

Figura 8: Tag de Rafael Sliks



Fonte: <https://www.dionisioarte.com.br/2015/12/08/a-arte-por-tras-das-tags-de-rafael-sliks/>

No Brasil, na cidade de São Paulo, o grafite foi difundido pelo artista plástico Alex Vallauri, de classe média e com recursos para a compra do *spray*. Divulgou a arte do *spraycanart*. Antes só existia o grafite *stencilart*<sup>12</sup>.

Em São Paulo, em meados da década de 1970, apareceu pelos muros da cidade imagens de uma mulher sensual com uma bota preta de bico fino e com pernas bem torneadas. Com esses detalhes, começa a nascer a personagem que marcaria a história do grafite nacional: *A Rainha do frango assado* (figura 9).

---

<sup>12</sup>Grafite feito com moldes prontos. Fonte: ROCHA, Janaína; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. **Hip-Hop**: a periferia grita! São Paulo: Perseu Abramo, 2001

Figura 9: A Rainha do frango assado



Fonte: <http://www.bienal.org.br> (2021). A Rainha do Frango Assado em Pic-nic no Glicério (detalhe), de Alex Vallauri ©Kenji Ota.

“O estilo *spraycanart*<sup>13</sup>, divulgado no Brasil por Vallauri, só veio a ser reconhecido oficialmente e a ganhar espaço na gestão da prefeita Luíza Erundina, entre 1989 e 1992” (ROCHA; DOMENINICHI; CASSEANO, 2001, p. 101)

Já Silva (2018), explica que sua base é a arte plástica, que se materializa em desenhos feitos nas paredes das ruas do centro das cidades. Inicialmente, esses desenhos determinavam os limites territoriais de diferentes gangues.

O grafite, para o movimento *hip hop*, é a forma em que os menos favorecidos adotaram como um meio de expressar a opressão e o preconceito que a humanidade vive, refletindo a realidade das ruas. Ao longo dos anos o grafite ganhou reconhecimento na arte e se destaca como uma importante manifestação artística cultural na atualidade. Conforme Barros (2012),

O grafite se estabelece hoje como uma intervenção estética que atrai os olhares da cidade e dialoga com o espaço público através de formas e cores que destoam do cinza comum dos prédios, das casas e do asfalto. Ele propõe uma pausa no olhar daqueles que em meio à correria cotidiana dos grandes centros urbanos vêem uma imagem

<sup>13</sup> Grafite feito à mão livre com tinta spray. Fonte: ROCHA, Janaína; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. **Hip-Hop: A periferia grita!** São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

que, geralmente, refere-se a uma temática instigante, que irrompe abruptamente, de forma inesperada. (BARROS, 2012, p.40).

Para Barros (2012), na atualidade, o grafite não se limita somente aos adeptos da cultura *hip hop*, mas se transformou em uma ferramenta de expressão cultural poética, política ou simplesmente em uma forma de interferir na visibilidade da cidade. O movimento vem passando por diversas transformações técnicas, apresentando formas e desenhos cada vez mais elaborados, com identidade de viés artístico que faz reconhecer o autor pela obra, pelo perfil e pelo estilo de cada artista grafiteiro. Mais que uma forma de desenhos feitos com latas de *spray*, o grafite tem se apresentado como uma expressão artística contemporânea que traz a essência de significações, indo além de seu valor estético, universalizados, e não se limita à representação de uma única cultura, mas manifesta interesses globalizados (CORREIA; BRANDÃO, 2012).

### 3.1.3 Elemento Rap

O terceiro elemento da cultura *hip hop*, apontado por Silva (2018), é o “*Rap*” advindo da abreviatura de *rhythm and poetry*, ou seja, “ritmo e poesia”, e que consiste em ações musicais verbais, que tratam dos problemas sociais da marginalização racial, social e econômica. Segundo Fochi (2007, p. 63) “o *rap* teve importante papel na difusão do *hip hop* no Brasil, tanto pelo conteúdo das letras, que dão sentido à sua causa, como pelo impulso modista que provocou”.

A cultura *hip hop* se difunde e se fortalece através do *rap*. Um grupo pioneiro no Brasil do estilo é o Racionais MC`s. Ainda que o *rap* tenha seu maior alcance na periferia, de acordo com Rocha, Domeninich e Casseano (2001, p. 34), o *rap*

realmente se destacou como gênero musical popular depois do lançamento independente do CD dos Racionais MC`s, ‘Sobrevivente no Inferno’, em 1997 figura 10. O disco, produzido pelo selo do grupo Cosa Nostra, vendeu mais de 1 milhão de cópias.

No entanto, o rap estourou no Brasil, não por uma gravadora de sucesso, mas por uma produção independente do grupo que acreditou na arte (figura 10).

Figura 10: Álbum de estúdio Racionais MC's



Fonte: Primária (2021)

Rocha, Domeninich, Casseano (2001) explicam que o *Rapper X*, líder do extinto grupo *Câmbio Negro*, que ganhou em 1997 o prêmio de melhor videoclipe de *rap* nacional pela *MTV* com a música “Esse é o meu país”, acredita que o estouro do *rap* no Brasil se deu pelo *Racionais MC's*. “Foi preciso um grupo sério vender 1 milhão de CDs para que as pessoas ficassem ligadas na força do *hip hop*. Depois do fenômeno *Racionais*, ninguém segura mais o *rap* (ROCHA; DOMENINICH; CASSEANO; 2001, p. 34).

O *rap* por ser uma grande força de manifestação cultural, muitos autores e pesquisadores do *hip hop* tendem a separá-lo como um estilo musical que não está vinculado necessariamente ao cenário do *hip hop*. Conforme Teperman (2015), o *rap* não existiria sem a construção social trazida pelo Universo do *hip hop*. Ou seja, sem *hip hop* não há *rap* e sem *rap* não há *hip hop*.

Segundo Pais (2006), o *rap* popularizou uma sensibilidade justiceira ao denunciar situações de injustiça, para anunciar outros futuros, pois

As palavras soletradas são recuperadas de uma semiótica de rua, transgressiva por natureza, palavras encavalitadas em palavrões para melhor insultar, atingir e provocar. Palavras que são vozes de consciência, que se vestem de queixumes, que se revestem de revolta. Voz singular (a de vocalista) que contagia, que se transforma num coletivo (nós, os do movimento), que se insurge contra eles (que não nos entendem) (PAIS, 2006, p. 87).

Outro aspecto a ser considerado por (SALLES, 2004 *apud* SANTOS, 201, p. 125), “o *rap* pode ser uma forma de literatura, a crônica poética oral”. Esta literatura enriquecida de narrativas cotidianas de um grupo da sociedade sem os mesmos direitos políticos assegurados, junto a outra parcela da população, *traz* no *rap* uma das vertentes com maior expressão aos jovens, pois alia as batidas radicais com a poesia e rimas das ruas. O ritmo é cantado e dialogado com sentido de manifestar e se colocar como lugar de protesto contra o sistema e preconceitos aos menos favorecidos na sociedade.

De acordo com Rocha, Domeninich e Casseano (2001), o *rap* é o elemento que, na sua vertente artística do *hip hop*, tem maior poder de encantamento ao jovem da periferia, pois tem a capacidade de agrupar centenas de jovens, homens e mulheres para ouvir. Normalmente as composições (letras escritas para as rimas) são realizadas pelos *rappers*, nome dado para os cantores de *rap*.

#### 3.1.4 Elemento *MC*

O *MC*, também conhecido como mestre de cerimônias, tem o papel no contexto do *hip hop*, como sendo o animador das festas, além de ser o responsável por compor as letras e rimas. Conforme Felix (2005), também utilizam os chamados *pick-ups*<sup>14</sup> (figura 11) e aproveitam para manifestar, pelo microfone, algumas palavras ao público, procurando harmonizar o ritmo das batidas com o tempo de fala das mensagens provocativas com efeito de unir os negros e promover a paz nas periferias.

---

<sup>14</sup>Um par de toca-discos montados em uma mesa de som, para que o DJ possa manusear simultaneamente ambos os discos (FELIX, 2005).

Figura 11: Pick-up DJ



Fonte: Freeimagens (2021)

Segundo Silva (2018) o mestre de cerimônia é o principal responsável por cantar e compor letras que desvelam os problemas sociais da periferia.

Para Santos (2015), no início do *hip hop*, o *MC* era o animador dos bailes. E pesquisas apontam que foram os criadores do *rap*. Contudo, o *rap* foi um elemento que surgiu após a presença desta nobre figura de representatividade para o desenvolvimento do *hip hop*. “Característica muito presente nos bailes *blacks* brasileiros, entre os anos de 1980 e 1990, e adotada pela juventude funkeira como parte do seu pseudônimo, o termo *MC* já não está tão presente na cultura *hip hop* atual” (SANTOS, 2015, p. 75).

### 3.1.5 Elemento *DJ*

O *DJ*, também conhecido como *disc jockey*, é o principal responsável pela intensidade e ritmos nas batidas das músicas nas festas. Cabe ao *MC*, fazer a junção da harmonia e melodia das batidas do *rap* e o canto e a poesia das letras que se completam. Segundo Gomes (2008, p. 26) “os elementos *DJ* e *MC* são os responsáveis pelas paisagens delineadas nas composições de músicas de *Rap*”.

O principal instrumento utilizado pelo *DJ* é o conhecido *pick-up* (um par de toca discos), onde acontece a produção de sons e batidas junto às músicas. Gomes (2008) afirma que o *DJ* utilizou de outros instrumentos eletroeletrônicos para incrementar suas melodias junto ao *sample* que caracteriza cópias de trechos de músicas existentes dentro de uma base musical. Essa forma de produção sonora foi se

transformando em música e em estilo. Como marca dos *DJ's* do *hip hop*, o manuseio das mãos sobre o disco no par de *pick-ups*, rende novos usos das bases musicais, como a criação das batidas e *scratches* (intervenção na rotação dos discos criando efeitos de arranhadura). Com o passar dos anos a tecnologia se aliou a esse processo, facilitando e aprimorando os efeitos nas melodias e a praticidade de aperfeiçoar as técnicas de bases e batidas existentes. Quem nunca observou ou participou de um evento em que o *DJ*, com sua base de mesa (toca discos) e um aparelho tecnológico como um computador ou *tablet*, auxilia na performance das batidas e ritmos musicais?

Gomes (2008) afirma que os *DJ's* utilizam de *softwares* para produzir suas batidas, ritmos e bases e que dessa criatividade, não se prendem das formalidades e conteúdos centralizados da produção musical, aprendendo as novidades do mundo e transformando em música uma materialidade dada.

Rocha, Domeninich e Casseano (2001, p. 20) constatam que “mais que um modismo, que um jeito esquisito de se vestir e de falar, mais que apenas um estilo de música, o *hip hop*, com um alcance global e já massivo, é uma nação que congrega excluídos do mundo inteiro”. Nesse sentido, a criatividade do *DJ*, aliada a tecnologia, produz uma evolução nessa área artística, mas sem perder a raiz do *rap*, que traz nas letras, sua história de vida, o manifesto e representatividade em favor dos menos favorecidos.

### 3.1.6 *Hip hop*, mais que uma dança

O *hip hop*, como uma manifestação cultural, pode ser absorvido apenas como uma dança e como uma música, por ter forte influência dos artistas musicais no contexto. Porém, essa manifestação artística revela, através de sua história, um meio de manifestação encontrado para fomentar o amor e minimizar as desigualdades sociais que ocasionam consequências como a violência, desemprego e condição de vida.

O *hip hop* surge no contexto social, desenvolvendo seu papel, um mecanismo positivo, promovendo encontros festivos no intuito de propagar a confraternização dos envolvidos e a autovalorização dos jovens e se tornou uma forte arma cultural para promover um espaço de fala na sociedade, sem transgredir regras, respeitando e valorizando o indivíduo na sua essência e origem, pela luta social. Busca, por meio da arte e da cultura, um espaço de manifestação por meio dos elementos que compõem

essa cultura: no *rap* através das letras; na dança através das batalhas do *B-boy*; no ritmo através do *DJ*; na animação e condução das festas pelo *MC*; na arte e pintura através do grafite produzidos pelo Grafiteiro.

Esses elementos, cada um com seu espaço, sua particularidade, sua manifestação, têm, na sua origem, conceitos que interagem sob uma mesma finalidade de ser ouvido, ser visto e respeitado, sem perder sua originalidade. Elementos advindos do princípio da cultura *hip hop* no âmbito social e cultural para promover, através de diferentes artes, manifestações sociais a favor do respeito ao próximo. Essa manifestação por meio da dança, da música e da arte, como oportunidade e direito a voz, fortalece o direito de se fazer existir, possibilitando a integração e propagação dos saberes numa contribuição social por meio da cultura. Ribeiro (2017, p. 36) coloca que “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir [...] quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de *lócus* social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência”.

O *hip hop* quebra paradigmas sociais e fortalece a identidade em um espaço de fala, pois refere-se aos saberes tanto culturais como políticos, com objetivo de fortalecer sua identidade. Essa afirmação de Ribeiro (2017) fortalece a compreensão de que a cultura *hip hop* veio como forma para manifestar os anseios de valorização e igualdade social, pois o som do gueto é ouvido por todos, seja por meio da dança, da música, da poesia, da pintura ou outros agentes diretos e indiretos que compõem o *hip hop*.

### **3.2 O Hip Hop e o patrimônio cultural**

Um dos direitos fundamentais da Constituição de 1988, que prevê, em seu art. 215, caput e § 1º, o direito ao patrimônio cultural ou direito a cultura, estabelece o incentivo e a valorização das manifestações culturais, a garantia do pleno exercício dos direitos culturais. O art. 216, explica a constituição do patrimônio cultural brasileiro: o patrimônio cultural brasileiro, os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à

ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver.

Na questão patrimônio, a definição de patrimônio imaterial no Brasil é registrada pelo IPHAN ao propor que:

O patrimônio imaterial é transmitido de geração a geração, constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

Campos (2014) coloca que

No Brasil, o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é responsável pela proteção ao patrimônio cultural desde 1937, em razão da Lei n.º 378, de 13 de janeiro de 1937. Nessa época, o IPHAN visava meramente a proteção dos monumentos históricos. Em consonância com o princípio normativo atualmente previsto no mencionado artigo 216 da Constituição, o escopo de atuação do IPHAN aumentou em função de o conceito de patrimônio cultural ter sido ampliado. (CAMPOS, 2014, p.84).

Em seu estudo Campos (2014) busca compreender a dinâmica do órgão, com vistas a perceber também as competências, então evidencia que:

Dentre as competências do IPHAN está o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, em um de seus quatro livros – Livro de Registro dos Saberes, Livro de Registro das Celebrações, Livro de Registro das Formas de Expressão e Livro de Registro dos Lugares. Para a realização do registro, o IPHAN observará a continuidade histórica da manifestação cultural, bem como sua relevância para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira. (CAMPOS, 2014, p.84).

O *hip hop* apresenta-se como uma forte manifestação artística que compõe diferentes linguagens e traz na sua história um legado de desafios e superações. Duas vertentes importantes são a dança e o *rap*, destacando-se dentro do cenário cultural por trazer, na sua linguagem, uma forma de expressão no modo de ser, fazer e viver. Essa construção do modo de vida da cultura *hip hop* se conecta ao cultural. Um exemplo a citar é o estado do Rio de Janeiro, que em 2017 declarou o *hip hop* patrimônio cultural imaterial do Estado por meio do projeto 2799-A/2017 a lei “*Hip Hop*

é Rua”<sup>15</sup> apresentado pelo deputado Marcelo Freixo, tendo como principal objetivo democratizar a rua e valorizar a cultura popular.

Estabelecer a relação do *hip hop* na valorização de patrimônio cultural é fortalecer e reconhecer sua importância na história dessa cultura que atravessa décadas levando um legado de artistas que se identificam com a arte das ruas. Não somente profissionais da área, mas também curiosos e admiradores que de uma forma ou outra se identificam e passam a valorizar essa cultura chamada *hip hop*.

Márcia Chuva, no livro “Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil”, a autora esclarece que,

historicamente atribuída com exclusividade ao Estado, a ação de preservação dos bens culturais confere a determinados bens um caráter simbólico de emblema representativo da nacionalidade, cuja legitimidade é conquistada pela ritualização das práticas de preservação então instauradas, estabelecendo, por meio desses bens culturais, uma continuidade em relação a um passado selecionado. (CHUVA, 2009, p. 33)

Essa informação apresenta o patrimônio, em diferentes regimes de representação, evidenciando o seu caráter tanto imaginário quanto institucional e seus diversos sentidos históricos. É importante destacar que o *hip hop* como cultura, vem de encontro a essas manifestações de caráter simbólico sobre identidade e traz sua particularidade pela prática da arte nas ruas, seja pela música, dança ou pintura que equiparam o direito pela igualdade social representado por décadas, e passado de geração a geração, o legado pelo direito de fazer arte e se fazer valer. O *hip hop* é uma representação de um povo, nesse sentido seria importante pensar em um possível reconhecimento como um patrimônio cultural.

O grupo *Hip Hop X Style* divulga a cidade de São Bento do Sul por duas décadas e projeta a imagem social do grupo como uma manifestação cultural outros grupos no estado de Santa Catarina também contribuem para a divulgação e valorização da cultura. Em alguns estados do país foram encaminhados, por autoridades do legislativo municipal e estadual, propostas e execução de projetos que viabilizem tornar o *hip hop* um patrimônio cultural. No Rio de Janeiro, citado na p.54 deste trabalho, foi aprovado que o *hip hop* seja reconhecido como patrimônio imaterial.

---

<sup>15</sup> Fonte: <https://www.marcelofreixo.com.br/blog/hip-hop-e-declarado-patrimonio-cultural-imaterial-do-estado-do-rio-de-janeiro>. Acesso em: 15 dez. 2021.

O estado de Minas Gerais<sup>16</sup>, também entrou com o projeto para tornar o *hip hop* um patrimônio imaterial. Algumas cidades brasileiras passaram por processo similar, a exemplo da cidade de Esteio<sup>17</sup>, Rio Grande do Sul, foi aprovado em 2019, o projeto apresentado a câmara de vereadores do município, através de um representante do poder legislativo.

O *hip hop* como possível patrimônio, há de considerar sua história e relevância, suas características e singularidades poéticas, sua atuação e trajetória. A cultura da dança, não é algo dado, uma simples herança, é uma produção histórica como parte de relações entre grupos sociais. Ainda (FUNARI, PELEGRINI, 2008, p.18) colocam que “a cultura consiste, pois, em transmitir valores adquiridos pela experiência de determinado grupo humano”. Reconhecer a imaterialidade de determinada cultura como patrimônio cultural é disseminar a experiência e manifestação de valores adquiridos através da produção histórica nas relações de grupos sociais.

#### **4 HIP HOP: MANIFESTAÇÃO CULTURAL NA CIDADE DE SÃO BENTO DO SUL**

O *hip hop* em São Bento do Sul está centrado na história do grupo *Hip Hop X Style*, há mais de duas décadas promove a cultura como manifestação ímpar no contexto cultural do município ancorado nas tradições folclóricas da dança de origem europeia. Esse fenômeno incita investigar o estudo por meio da abordagem cartográfica com vistas a compreender a trajetória do grupo no município de São Bento do Sul como manifestação cultural dividindo espaço com grupos de dança no estilo folclórico de origem germânica e polonesa. Essa abordagem pressupõe escuta, percepção

---

<sup>16</sup> Jornal: O estado de Minas. Tema: Cultura viva: deputados propõem hip-hop como patrimônio cultural de Minas. Proposta pela Comissão de Cultura da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG). “No encontro, os participantes discutiram a importância do movimento hip-hop como uma cultura que impacta diretamente a sociedade, principalmente as vilas e favelas do estado. Além disso, os representantes convidados denunciaram o descaso do estado por conta da ausência de políticas públicas e de auxílios financeiros e materiais aos integrantes do movimento.” Disponível: <https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2021/09/17/noticia-diversidade,1306229/cultura-viva-deputados-propoem-hip-hop-como-patrimonio-cultural-de-minas.shtml>. Acesso em: 10/02/2022.

<sup>17</sup> Câmara Municipal de Esteio. Hip hop é declarado patrimônio cultural de Esteio. Disponível em: <https://www.esteio.rs.leg.br/institucional/noticias/hip-hop-e-declarado-patrimonio-cultural-de-esteio>. Acesso em:10/02/2022.

sensível e atenta aos detalhes nas falas e nos comportamentos, pois para (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p.77) a cartografia[...]“vai se fazendo no acompanhamento dos movimentos das subjetividades e dos territórios. ”

Ainda Passos; Kastrup; Escóssia (2009) destacam que a cartografia tem como objetivo desenhar a rede de forças na qual o objeto ou fenômeno se encontra conectado, atendendo suas modulações e movimentos permanentes. Nesse espaço, o grupo *Hip Hop X Style* pede passagem para dar espaço a intensidade do presente na sua história de trajetória.

#### **4.1 Espaço cultural, o valor artístico para outros**

No segundo capítulo, as abordagens sobre as manifestações culturais através do *hip hop*, em específico a dança, delineiam a trajetória de um grupo que procura sua identidade, cultivando a cultura da dança, a despeito da cultura local. Na compreensão de valor artístico entre diferentes culturas torna-se relevante, como introdução deste quarto capítulo, compreender como se deu a colonização de São Bento do Sul e a inserção do grupo HHX dentro deste território.

O que se evidencia é que tanto as danças folclóricas quanto o *hip hop* advêm de países imperialistas e em que medida estas manifestações são uma forma de manter o vínculo com a origem, razão pela qual, quando aparece outro gênero artístico como o *hip hop*, aparece o impacto de resistência, decorrente da preocupação que o *hip hop* possa ser uma forma de oprimir as tradições de origem europeia. Embora o *hip hop* em sua história tenha originado de um movimento de resistência em meados dos anos 1960 nos Estados Unidos, em São Bento do Sul essa manifestação não é uma resistência de cunho político às manifestações culturais advinda da colonização europeia. Ao levantar a história do grupo e a origem de seus integrantes, percebe-se que a maioria são filhos de descendentes europeus que buscam uma forma de entretenimento cultural através do grupo HHX com a dança de rua promovendo aceitação a novas formas culturais, sinalizando abertura e diálogo para com outras culturas que podem dialogar com as tradições locais e que esse diálogo é positivo para os jovens, e a sociedade como um todo.

Há questões que fortalecem as reflexões sobre a arte como um processo emancipatório, pelo fato de que o grupo *Hip Hop X Style*, tem se apresentado como

possível divulgador desse paradigma, pois a cultura das ruas, neste caso a dança, tem consolidado sua participação na história do município de São Bento do Sul. A representação cultural da dança neste território, vem estabelecendo um encontro do *hip hop* com a dança de tradição europeia, delineando representatividade na dança, como um lugar de expressão artística, como crescimento e conquista. Essa fuga, historicamente vem consolidando o encontro de novas gerações, como espaço de convivência e troca. Apesar da história colonial e os efeitos da colonização, a dança *hip hop*, como cultura de origem afro-americana, carrega consigo a vivência dos povos oprimidos, menos favorecidos na história dos povos. O grupo tem na sua base e composição, jovens de etnias diversas, descendentes de origem alemã, poloneses, italianos, que por seu desejo, representam o encontro de culturas e povos e a dança na sua forma, abre espaço para múltiplas e heterogêneas diferenças coloniais, promovendo a mudança cultural no cenário local. Segundo (FUNARI, PELEGRINI, 2008, p. 103) “Essa valorização do patrimônio cultural, seja material ou imaterial, talvez induza as comunidades a cobrarem dos seus representantes políticos, ações em prol da preservação de suas tradições ou, pelo menos, o reconhecimento formal delas”. Em decorrência, essa prática sugere a construção de conhecimento coletivo de indivíduos que, na perspectiva étnica, busquem promover suas culturas e tradições como valor artístico para outros.

#### 4.1.1 O valor cultural e a diferença, como direito na cidade de São Bento do Sul

Ao tratar sobre valor cultural do *hip hop*, Hofbauer (2011) coloca que não se pode deixar de destacar, o que para alguns é diferença social, para outros pode não ser, fato que pode ser compreendido como manifestação de desigualdade social.

O valor cultural e a diferença promovem um debate para conjugar a busca por igualdade social, ao direito à diferença cultural, procurando assegurar o respeito aos valores de diferentes grupos e/ou culturas étnicas. Para tal, o objeto deste estudo em específico, a dança e o Grupo HHX, realiza trabalhos coreográficos para apresentações no território nacional, visto que o grupo desenvolve seus trabalhos desde 2002, representando e levando a arte da dança há aproximadamente duas décadas.

São Bento do Sul tem sua história nas origens europeias e o grupo HHX vem se consolidando no cenário cultural promovendo a cultura do *hip hop*. Para tanto, a

arte marginal apresentada pelo grupo, enfoca uma cultura adversa ao tradicional no contexto, revelando importante manifestação afro cultural, rompendo uma ideia fixa, contrapondo a esta cultura consolidada pelo culto às suas origens. O estilo cultural apresentado por meio da dança, aflora a identidade apresentada por Gallindo e Silva (2019), como o reverso da modernidade na cultura verbalizada “das ruas”, manifestação que consolida um momento importante em São Bento do Sul, um cenário favorável a outras culturas, que possam caminhar em harmonia no mesmo território.

A trajetória cultural que o grupo HHX promove a partir 2002 na cidade São Bento do Sul SC são sinergias culturais para as crianças e adolescentes do município e região. O resultado foi positivo, pois para além do entretenimento há o artístico, o que motivou o grupo a participar de festivais de dança pelo país em âmbito nacional e internacional, tornando-os por vezes campeão.

O fazer diferente se apresenta como uma opção de vida, como um elemento essencial na cultura popular e para a sociedade. É na diferença que se pode encontrar a legitimidade de um bem, de um saber ou de uma prática. As condições para que uma cultura tenha seu valor na história, passa por desafios de superação e conquistas, que o grupo HHX, na sua trajetória, tem se firmado como grupo de expressiva relevância cultural e exemplo de um novo pensar em São Bento do Sul. Jovens que até então tinham como opção cultural somente a dança folclórica, hoje se sentem entusiasmados pela possibilidade de participar de uma outra forma de prática cultural e social.

A dança *hip hop* provoca o desejo por ser versátil, por romper com o tradicional, permitindo uma manifestação de liberdade e descoberta, promovendo essa relação entre a criança e a ideologia do grupo, firmando uma identidade de valor artístico cultural.

Essa trajetória de sucesso ao longo dos anos fortalece e provoca o incentivo a novos integrantes em disseminar e promover esse valor cultural. Essa afirmação é oriunda da pesquisa e do levantamento na escola de dança HHX e no quinto capítulo serão apresentados os relatos e depoimentos dos integrantes que compõem o grupo e as categorias de dança do local, na modalidade *hip hop*. É possível visualizar essa ideia de romper e produzir a cultura (figura 12), pois na entrada da escola, em uma parede lateral, há um trabalho de grafite, registro da cultura *hip hop*, usado como forma

de manifestação artística em locais públicos, representando a sigla do grupo *Hip Hop X Style*.

Figura 12: Pintura no estilo Grafite

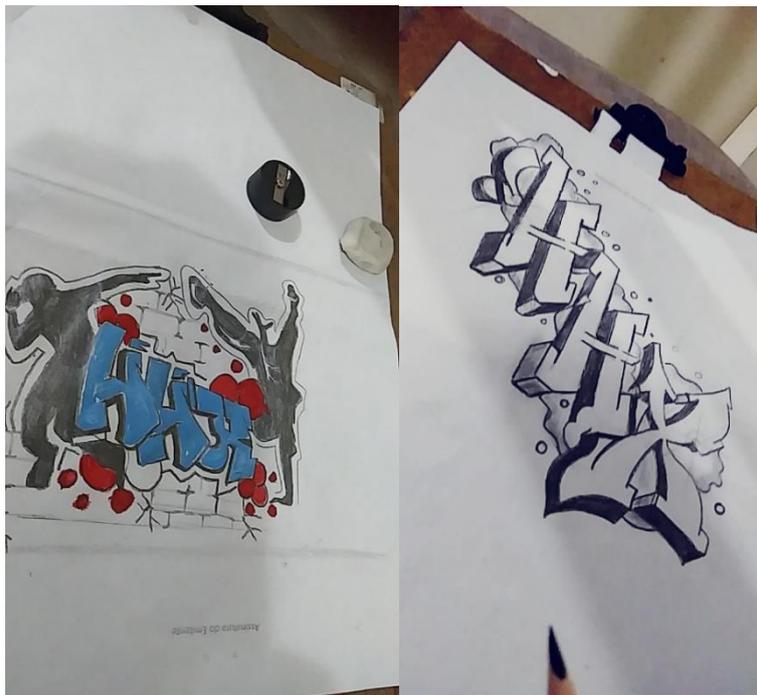


Fonte: Primária (2021)

Essa imagem com tamanho 2m x 2,40m, de 03 de fevereiro de 2021, cria a *tag* usada pelo grupo, de autoria do professor Danilo e grafitada por Fernando, nela é possível observar a abreviatura do nome *Hip Hop X Style*, acompanhada por um desenho de um movimento de B-boy, chamado *freeze*, no qual o dançarino finaliza com uma parada de mão.

Na imagem abaixo (fig. 13), estão os moldes dos quais originaram a pintura que compõem o rol de entrada da escola de dança de propriedade do professor coreógrafo Danilo Rogério de Lara.

Figura 13: Desenhos preliminares da *tag*



Fonte: Primária (2021)

Essas foram as primeiras versões para que fosse possível realizar a pintura final, guardadas no acervo do professor coreógrafo Danilo.

Em síntese, a cultura das ruas como manifestação da arte através da dança *hip hop* do grupo HHX, está introduzindo uma nova linguagem de fazer cultura em São Bento do Sul representando a cultura local com seu estilo próprio a mais de duas décadas, buscando um encontro com a cultura tradicional germânica e polonesa. Cenário que implica em um ambiente favorável e possível para que outras culturas caminhem em disputa de espaço num mesmo território, cada qual com suas diferenças culturais.

## **5 MEMÓRIA E IDENTIDADE ATRAVÉS DA DANÇA**

O conceito de memória tem sido proposto por diversos autores e é possível defini-lo em termos de sua neurofisiologia ou de métodos psicanalíticos, ou considerá-lo um fenômeno social de expressão individual e coletiva. A capacidade humana da memória pode ser entendida como a capacidade de preservar certas informações, cujas consequências vão muito além de seu próprio conceito. Miranda (2017) propõe que ao recordar algum acontecimento, faz-se com o uso da memória, assim ressalta que as memórias de uma pessoa estão relacionadas aos momentos compartilhados com outra, seja no ambiente familiar, no trabalho, ou na sociedade.

A memória afeta a história (da sociedade e de todos), a política, a linguagem, a cultura e a construção da identidade nos espaços urbanos. Também, pode-se dizer que a memória é uma das características intrínsecas aos seres humanos. Portanto, embora o estudo de seu conceito seja introdutório, ele é indispensável ao assunto deste capítulo que abordará os relatos dos integrantes do grupo *Hip Hop X Style* como depoimentos de uma trajetória no espaço social de São Bento do Sul.

### **5.1. Por que se deve lembrar?**

A lembrança é de fato um momento importante na história, pois ela permite compreender o presente, respeitando e immortalizando memórias passadas. As memórias individuais se formam a partir da relação com o outro e Halbwachs (2013) argumenta que ao pensar em coletividade, para se recordar é necessário que o pensamento não deixe de concordar com os pensamentos, dos outros membros do grupo que constituem aquele momento. Pensar desse modo, esquecer um determinado fato, evento ou período, provoca perda de contato com aqueles que fizeram ou fazem parte de um grupo social. Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam no espírito dos indivíduos, o que só será possível se continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade ou de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2013). Portanto, as memórias mais difíceis de recordar são aquelas relacionadas a eventos que o indivíduo vive sozinho, pois nessas situações não se pode contar com a ajuda de

outras pessoas para manter essas experiências vivas na mente. Incomunicáveis, elas tendem a desaparecer.

Existe uma "intuição sensível" em todo comportamento de memória, o que parece indicar que o indivíduo está envolvido na formação das lembranças. Nesse sentido, as entrevistas realizadas com os integrantes do grupo apontam vestígios importantes na trajetória do grupo como um todo, visto que foram constituídos no mesmo cenário e contribuem na construção da memória e identidade desse grupo.

A reconstrução da trajetória do grupo Hip Hop X Style por meio dos depoimentos presentes nas entrevistas orais, permite conhecer, analisar e compreender como se formou a valorização artística e cultural do grupo, como realizam individual e coletivamente os trabalhos poéticos no âmbito da dança. Destaca-se aqui, a relevância de entrevistar vários integrantes do grupo, o que permitiu a melhor observação dos fatos construídos através de suas trajetórias. Em uma concepção cartográfica as falas são reveladoras de aspectos sutis da vivência em grupo, que escapam ou não são reveladas em reportagens ou documentos institucionais, pois se fala de experiências vividas impregnadas de afetos e, por isto mesmo no entremeio das falas, das pausas, dos silêncios, dos olhares e dos gestos emergem aspectos da memória, constatações não determinadas a priori, mas que são indicativos de possíveis caminhos a serem percorridos na construção da cartografia.

### 5.1.1 Memória e identidade: a cultura imaterial no espaço social.

A memória, como uma faculdade individual e a identidade de um estado social, remetem ao conjunto de representações coletivas nas relações entre memórias individuais e coletivas estruturantes dos quadros sociais da memória. Ao pensar a memória como construção de uma identidade cultural, Pollak (1992) apresenta características significativas neste contexto, como a ideia de pertencimento de um grupo, a construção temporal e coerência no sentimento. Em decorrência, um estudo cartográfico propicia a abordagem da conjuntura da manifestação cultural e as práticas culturais exercidas por um grupo, por meio de objetos ou acervos que caracterizam uma identidade como estado social. Esse estado social, pode ser revelado pela identidade e fidelidade comprobatória dos objetos observados durante a trajetória histórico-cultural de pessoas que venham a pertencer ao contexto cronológico, realizadas no decorrer do percurso e trajetória desse grupo.

O testemunho por meio da entrevista oral, que mobiliza a memória e a identidade, ilumina as informações documentais. Entretanto, quando não articuladas com os documentos coletados, leva a entender que as informações referenciadas, como jornais, revistas, artigos, sites e, em especial, a plataforma Mapa Cultural SC, que integram o Sistema Estadual de Informações e Indicadores Culturais<sup>18</sup> é que são relevantes. Contudo, serão relevantes na medida em que forem articuladas entre si.

A estratégia da entrevista oral, segundo Pollak (1992) leva a pensar em dois momentos importantes da memória e da identidade na pesquisa cartográfica. No primeiro, o indivíduo na sua memória individual, está ligado diretamente ao objeto, pois na abordagem cartográfica, ele compreende cada objeto disponível e pesquisado no acervo digital, como sendo de uma compreensão ou familiaridade que é só dele, e que viria ao conhecimento de outros grupos, pelo testemunho de sua memória. Os detalhes mais ocultos estão expressos na individualidade de cada objeto, ao qual, apenas seu proprietário compreende e conhece. Já no segundo, aponta que somente será revelado algo se os pertencimentos dessas memórias forem compartilhados com outros indivíduos ou grupos. Pensando nesses dois momentos, essa investigação busca refletir sobre a articulação entre eles, revelando a importância dos objetos de memória enquanto aporte de pesquisa cartográfica na valorização dos patrimônios culturais imateriais, na compreensão de indivíduos que não estão diretamente ligados ao grupo referido. Ao levantar o acervo, descobre-se uma evolução histórico-cultural na valorização da cultura imaterial, compreendendo que esses objetos podem apresentar evidências a serem consideradas na investigação e que o grupo disponibiliza como um acervo virtual para recordação da memória e do espaço cronológico do grupo na promoção e na valorização da cultura. Nas narrativas dos entrevistados, alguns destes objetos foram relacionados com os depoimentos ali apresentados e revelados.

O agente indireto, ao abordar um objeto e analisar sua identidade, poderá encontrar várias informações que venham a ser relevantes, mas apenas se a sua intervenção for referenciada ao contexto é que terá um sentido mais profundo. Sendo íntimo de seu interesse cultural, ela poderá referenciar a sua memória individual, podendo ser complementado por essa identidade, pois o objeto não lhe pertence, mas

---

<sup>18</sup> Mapa Cultural SC com o link: <http://mapacultural.sc.gov.br/agente/9912/>, referido ao grupo *Hip Hop X Style*, Acesso em 13 maio 2021.

representa um momento vivido, não dotado de posse, mas paralelo aos seus anseios, podendo ser referenciado como uma memória coletiva.

Pollak (1992) afirma que a memória sofre flutuações que são funções do momento que ela é articulada. “A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”. (POLLAK, 1992. p.4).

Segundo o autor, o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado verdadeiro do trabalho de organização. Em função disso, além desta, o indivíduo utiliza outras formas que venham a manter a lembrança, pode ser por meio de registros físicos que permitam flutuar através do tempo e recuperar lembranças de seus relatos de vida. Uma forma de recuperar certas lembranças são os auxílios de registros documentados, que podem ser de acervo pessoal ou realizados por outras formas de comunicação documental física ou digital.

Estes registros podem evidenciar memórias que resultem os relatos do passado.

A importância dada à diversidade cultural pelo grupo HHX, fica evidenciada no seu acervo documental, pois possui diversos trabalhos voltados a um dos elementos que compõem a cultura afro-americana, o movimento *hip hop*. Dentre os objetos de memória digitais do grupo, apresentado pelo professor Danilo no dia da entrevista, foi o *Jornal Folha do Norte*<sup>19</sup>, no qual aborda a visibilidade dada a cidade de São Bento do Sul, no âmbito nacional, ao se apresentar no programa do Faustão, no quadro “Se Vira nos 30”. O grupo foi campeão, cujo estilo apresentado foi a dança urbana da cultura das ruas, a única que não advém das etnias que colonizaram a cidade.

Momento também importante presente na edição 5.123, p. 5<sup>20</sup> foi a homenagem ao grupo pelo poder público do município, quando o então prefeito lhe entregou o certificado de reconhecimento. Outro mérito conquistado pelo grupo e evidenciado pelo objeto de memória pesquisado está no jornal *A Gazeta de São Bento do Sul*, ano XXI, número 5,675, p. 9<sup>21</sup>, pois é a comprovação da conquista de seis títulos consecutivos no Festival de dança de Joinville, considerado o maior festival de dança do mundo. Porém, percebe-se na entrevista, que o coreógrafo destaca a falta de incentivo da cidade e que a superação vem da união dos familiares e pais dos

---

<sup>19</sup> Jornal Folha do Norte - ano 9, edição 1.631, p. 3, de 12 de setembro de 2013,

<sup>20</sup> Não foi possível identificar o autor, consta apenas como redação geral, no jornal *A Gazeta de São Bento do Sul*, de 30 de setembro de 2013.

<sup>21</sup> Escrita pelo repórter Alexandre Carvalho, em 02 de agosto de 2015.

bailarinos para os investimentos necessários, como cenário, vestuário, transporte e outros. Informações que identificam que ao mesmo tempo o grupo é destaque por sua qualidade artística e como manifestação cultural que ali é apresentada e carece de apoio/investimentos por parte da sociedade.

Uma matéria que chama a atenção no acervo do grupo, com o título “O profissional estilo das Ruas”, publicado na *Revista Acontece no ano de 2014*, que destaca o grupo HHX como uma importante entidade que, por meio da cultura da dança, promove ações sociais. O título da reportagem: “Há dez anos em São Bento do Sul, Grupo *Hip Hop X-Style* é espaço de formação de jovens, que encontram na dança de rua mais que lazer”. Ao analisar a reportagem, destaca-se uma informação: “quando começou os passos de dança nas festinhas de Rio Negrinho<sup>22</sup>, o professor Danilo Rogério de Lara<sup>23</sup>, 34 anos, não imaginava que mais de uma década depois estaria propagando um dos mais conhecidos estilos de dança do mundo na região”.

Em 2014, o grupo *Hip Hop X-Style* completou 10 anos em São Bento do Sul, cidade que acolheu o professor e que hoje tem seu nome levado a outros estados pelas apresentações que os dançarinos fazem em festivais e na televisão. Esse foi um momento importante quando o jovem Danilo percebeu que poderia ser um profissional em dança, sem ao menos pensar que poderia chegar aonde chegou. Iniciou em Rio Negrinho, SC e posteriormente migrou para São Bento do Sul, local em que se tornaria uma referência no meio cultural e social do município, se destacando desde os festivais municipais, estaduais, nacionais e internacionais, mas também em meios de comunicação e entretenimento.

A televisão foi o meio de comunicação que deu destaque e visibilidade imediata ao grupo na rede nacional e na cidade natal. Danilo lembra que foi após a primeira aparição em um programa televisivo que a dança de rua ganhou um novo olhar, de respeito e admiração da comunidade. Percebe-se o orgulho e a potência na fala do coreógrafo, visto que ao relatar esses fatos, a emoção e o brilho nos seus olhos são reveladores do significado da trajetória do grupo, são ativadores e referencial que acionam a lembrança dessas participações. Ao analisar as informações presentes no texto da reportagem publicada na *Revista Acontece (2014)*, enfatiza que a televisão colaborou com a divulgação e ascensão do grupo, não apenas em âmbito nacional,

---

<sup>22</sup> Cidade Natal do professor e coreógrafo responsável do grupo, que faz divisa com o município de São Bento do Sul, aproximadamente 12 quilômetros de distância entre ambas.

<sup>23</sup> Diretor, professor e coreógrafo do Grupo Hip Hop X-Style (HHX).

mas, que houvesse a valorização local. No entanto, ao referenciar “cidade natal”, a revista referiu-se a São Bento do Sul, onde hoje ele está e não a cidade natal do coreógrafo, que é Rio Negrinho.

A trajetória do Coreógrafo Danilo Rogério de Lara (figura 14) inicia-se em Curitiba/PR, na fase da adolescência. Retornou para sua cidade natal<sup>24</sup> quando adulto, para morar com seus familiares. Num período de um ano, sua mãe retornou para Curitiba e Danilo decidiu permanecer, conforme sua narrativa: “minha mãe voltou para Curitiba e eu falei para ela que eu não queria voltar a morar em Curitiba, eu queria ficar em Rio Negrinho, queria tentar minha vida ali”<sup>25</sup>.

Figura 14: Diretor, professor, coreógrafo do grupo *Hip Hop X Style*



Fonte: Primária (2021)

A mãe de Danilo concordou que ele morasse com familiares, tios, primos, mas, sentindo-se sozinho, buscou ampliar suas amizades com adolescentes, período que formou seu primeiro grupo para dançar em ambientes da cidade. Nesse momento, Danilo percebeu que sua trajetória se reencaminharia para dança e não mais para o ensino da dança, segundo seu relato:

<sup>24</sup> Rio Negrinho – SC.

<sup>25</sup> LARA, Danilo Rogério de. Danilo Rogério de Lara: depoimento [março. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 31 março. 2021. Doravante as falas do professor Danilo são decorrentes desta entrevista aqui citada.

[...]mesmo tendo a minha família em Rio Negrinho e minha família toda mora ali, tio, primos, mas eu me sentia muito sozinho e comecei ali com amigos adolescentes e ali formei um grupo de dança, eu dançava em danceterias, boates que eles chamam aqui nessa região, e foi ali que eu vi que tinha o dom da dança, mas não o dom de ensinar e sim o dom de dançar<sup>26</sup>

Danilo em seu depoimento reforça que gostava de dançar muito e isso o motivou a praticar, e em 2001, surgiu a oportunidade de dar aula, movido pelo convite de uma mãe com dois filhos, que solicitou para que Danilo ensaiasse a dupla com mais dois amigos para participar do show de talentos da escola. Esta experiência lhe mostrou que tinha potencial para ensinar dança. Na ocasião, o quarteto venceu a competição e posteriormente participaram do *Festival Municipal de Talentos*. Nesse evento, um dos avaliadores que compunha o jurado percebeu a qualidade apresentada na coreografia e convidou Danilo com o grupo para participar do festival escolar Mário de Andrade, em Santa Catarina, na cidade de Jaraguá do Sul.

Segundo Danilo, ao participar do show de talentos do colégio do município em Jaraguá do Sul foi um desafio que o impulsionou na pesquisa sobre o corpo:

[...] “há vai ficar entre os primeiros”, achando que conquistaria uma colocação, mas chegando em Jaraguá do Sul, vi que os grupos eram muito evoluídos e a partir daquele momento eu vi que a dança tinha além daquilo que eu ensaiava, porque eu ensaiava muito com o pé, era só pezinho, então era muita coisa de salão mesmo, e depois eu fui ver que a dança era muito mais evoluída do que eu fazia, eu até hoje não esqueço de um grupo de Jaraguá do Sul onde dançavam com uma touca de natação e tem umas meninas que dançavam uma música dos Vengaboys<sup>27</sup>, que ela tinha uma evolução muito grande e a partir daquele momento vi, opa! A dança tem a mais e eu comecei a pesquisar mais a dança, comecei a trabalhar mais braços, comecei a trabalhar mais corpo, e a partir daquele momento eu fui evoluindo<sup>28</sup>.

No mesmo ano surgiu o primeiro festival municipal de dança de Rio Negrinho, mas seu grupo não participou. Danilo contou que assistiu ao festival, porém, após

---

<sup>26</sup> *Ibid.*

<sup>27</sup> Vengaboys é um grupo holandês de Eurodance de grande sucesso da década de 90, conhecidos pelos seus três bem-sucedidos hits, "We're Going to Ibiza", "Boom Boom Boom Boom" e "Shalala Lala". Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Vengaboys>. Acesso em: 10 jun. 2021.

<sup>28</sup> LARA, Danilo Rogério de. Danilo Rogério de Lara: depoimento [março. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 31 março. 2021.

duas apresentações, não deu importância, se retirou e foi para uma danceteria com um amigo.

No ano seguinte em 2002, Danilo quis participar, porém o festival era escolar e alguns de seus alunos não estavam matriculados ou desistiram de estudar. Diante deste empecilho inicial teve a ideia de matriculá-los no antigo CEJA - Centro de Educação de Jovens e Adultos. O coreógrafo enfatiza que o “primeiro festival de dança que eu participei, foi o festival de dança Rio Negrinho em 2002, houve muitos grupos de Rio Negrinho, das cidades e muita evolução e a partir daquele momento comecei a estudar mais sobre dança, pesquisar mais e assim foi indo<sup>29</sup>.

Indagado sobre o que o levou a se interessar pelo *hip hop*, Danilo relatou que a partir do momento que começou com a dança, não sabia que estilo trabalhar, conhecia o *ballet*, o *jazz*, mas não conhecia as danças urbanas, pois não tinha um estilo definido, começou com *street dance* e migrou para danças urbanas. No ano de 2003, leu uma matéria jornalística que falava sobre a inscrição de um grupo de *Jazz* de Rio Negrinho, que pretendia participar do *Festival de Dança de Joinville*, e a inscrição era uma gravação da coreografia em fita VHS<sup>30</sup>. Esta informação despertou seu interesse, faltando apenas uma semana para o evento, filmou uma coreografia com seus alunos e enviou sua gravação para o festival. Para sua surpresa, foi o único grupo do município selecionado, o que o deixou orgulhoso desta conquista: “consegui a classificação para participar do *Festival de Dança de Joinville*, aquilo para mim foi uma vitória muito grande”<sup>31</sup>.

De início não sabia o que iria encontrar, não tinha dimensão do tamanho do evento, mas pôde conhecer de perto as modalidades definidas e o que era efetivamente o *Jazz* e o *balé*. No local, fez um curso de danças urbanas com o coreógrafo Frank Ejara<sup>32</sup>, conhecido como o pai do *locking*. A partir desse ano, foi se aperfeiçoando, conhecendo as técnicas das danças urbanas se espelhando em grupos de São Paulo e Rio de Janeiro.

---

<sup>29</sup> LARA, Danilo Rogério de. Danilo Rogério de Lara: depoimento [março. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 31 março. 2021.

<sup>30</sup> Video Home System ou "*Sistema Doméstico de Vídeo*", em português, é um padrão comercial para consumidores de gravação analógica em fitas de videoteipe. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Vengaboys>. Acesso em: 10 jun. 2021.

<sup>31</sup> LARA, Danilo Rogério de. Danilo Rogério de Lara: depoimento [março. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 31 março. 2021..

<sup>32</sup> Frank Ejara (Andradina, São Paulo, 1972). Dançarino, coreógrafo e professor. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa638016/frank-ejara> . Acesso em: 10 jun. 2021.

Em Rio Negrinho Danilo tinha um grupo em parceria com outra profissional de Educação Física, cujos ensaios eram realizados como trabalho voluntário em uma escola do bairro COHAB. A professora por motivos de trabalho, desistiu do grupo e Danilo permaneceu em um curto espaço de tempo estava com mais de duzentos alunos praticando dança. Por ser um trabalho voluntário, procurou algo a mais em São Bento do Sul e relatou que procurou uma escola para estabelecer parceria, porém, a diretora não pode atendê-lo. Após a terceira tentativa, a direção lhe atendeu e Danilo apresentou uma proposta de realizar um trabalho voluntário para a escola. No ato a diretora lhe disse que não o aceitaria como voluntário, mas que cobraria uma mensalidade pois conhecia seu trabalho. Diante do ocorrido, o grupo de Rio Negrinho denominado “Quem não dança, baila” foi mantido e, posteriormente, incorporado com o movimento *hip hop* em São Bento do Sul com a criação do grupo *Hip Hop X- Style*.

Eu tinha essa união, essa força deles, a gente começou a participar de festivais de dança, mas representando sempre Rio Negrinho, nos dois primeiros anos, depois em São Bento do Sul passei representar São Bento do Sul mesmo, mas antigamente a gente representava Rio Negrinho com hip-hop X Style<sup>33</sup>.

Danilo expressou o que a prática de dança hip-hop representou na sua vida, o que ama e a paixão pela profissão que sustenta sua família. Neste momento é possível perceber a emoção: “eu sempre falo para meus alunos, se eu parar de dançar eu acho que morro, porque eu tenho isso como minha vida, como paixão”<sup>34</sup>. Danilo reforçou o quanto a renovação profissional mudou sua vida e de seus alunos. Em um *flash*, chorou tocado pela emoção e reforça que estava vendo imagens, pois há dois anos, devido a pandemia, estava parado sem apresentar nenhum espetáculo: “muitas pessoas falam que é só uma dancinha, mas eles não veem o que tem por trás de tudo isso, o que eu faço pelos alunos, o que isso representa para as crianças e adolescentes, isso muda na vida deles, a casa deles, dentro da escola, e dentro da vida deles”<sup>35</sup>.

Danilo comentou que tem conversado com os ex-integrantes e muitos relatam que os melhores momentos da vida, foi no *hip hop* e na dança. Danilo sempre fala aos

---

<sup>33</sup> LARA, Danilo Rogério de. Danilo Rogério de Lara: depoimento [março. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 31 março. 2021.

<sup>34</sup> *Ibid.*

<sup>35</sup> *Ibid.*

alunos que estão iniciando, para aproveitarem esses momentos, porque quando crescerem, vão sentir muita falta e devem aproveitar os momentos de festival de dança, as viagens, os alojamentos, os acampamentos, os encerramentos de final de ano, porque esses momentos sim, ficam marcado para a vida.

Em decorrência da pandemia o grupo cancelou as apresentações e relatou que sente muita falta dos palcos, que a dança faz falta, mesmo mantendo os ensaios, sente falta dos pés no palco e das apresentações. Danilo, demonstrou preocupação sobre o momento pandêmico ao dizer “não sei até quando eu vou poder dar aula, quanto meu corpo vai aguentar, se eu puder dar aula mais de 60, 70 anos eu vou estar dando aula, não vou ter a mesma energia de um jovem, mas eu vou estar ali com experiência, vou estar sempre na área da dança”<sup>36</sup>.

Para um profissional que ama o que faz, fica evidente que Danilo batalhou e superou muitos obstáculos desde o início de sua trajetória até os dias atuais e que nunca desistiu de seus sonhos e superações. Durante a entrevista foi perguntado a ele se houve mudanças na sua vida em sociedade a partir do momento que começou a participar do *hip hop*. Recordou o tempo em que morava em Rio Negrinho e relatou sobre o preconceito vivenciado, sobre as marcas de ser taxado de “mau elemento”. Comentou que ama sua cidade natal, ali começou sua história e que queria provar para a comunidade que não era mal, mas que por meio da dança poderia mostrar seu talento. O trabalho em São Bento do Sul contribuiu para seu crescimento e passados alguns anos, recebeu propostas da Fundação de Cultural de Rio Negrinho para retornar, porém, devido a demanda de trabalho optou por permanecer em São Bento do Sul.

Um ponto importante a ser destacado nesta trajetória, foi a participação em programas de TV. Rio Negrinho sentiu falta do coreógrafo para dar visibilidade à cidade. Enfatizou que não teve formação e nem escolaridade, mas talento e se capacitou, obteve o DRT<sup>37</sup>, e completou:

na cidade de São Bento do Sul eu já não sofri isso. Mesmo eu iniciando aqui sem formação nenhuma, não tive esse preconceito dentro da

---

<sup>36</sup> LARA, Danilo Rogério de. Danilo Rogério de Lara: depoimento [março. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 31 março. 2021.

<sup>37</sup> O DRT é o registro profissional dos profissionais das artes para trabalhar na área e receber salário e/ou cachê para bailarinos, dançarinos, atores, modelos, cantores, artistas circenses, dentre outros. Disponível em: <http://www.marreseassessoria.com.br/como-tirar-o-drt/> . Acesso em: 10jun. 2021.

cidade, mas eu tive preconceito com a região, com alguns profissionais que sabiam que não era formado, tipo, Mafra, Rio Negrinho, enfim, que disputavam festival Regional, mas dentro de São Bento do Sul não tinha isso<sup>38</sup>.

Recordou a resistência por parte de outros profissionais da área, que não concordaram que Danilo participasse das competições por não ter formação para atuar naquela época, embora o grupo tivesse bom resultado, mas, também impulsionado pela cobrança, buscou se capacitar e ter seu reconhecimento por parte destes profissionais. Após essa formação ocorreram muitos convites para participar de programas televisivos, passou ser reconhecido no cenário nacional, fatores que diluíram o preconceito com relação a sua pessoa. Ao final dessa fala, Danilo narrou sua história no território atual, em São Bento do Sul, as dificuldades que encontrou pelo fato do *hip hop* não ser conhecido. Citou que sofreu preconceito, pelo fato de ser o *hip hop*. Outro aspecto salientado foi o histórico de grupos folclóricos na cidade que dificultou a estruturação de um grupo de danças urbanas, no Colégio São Bento. Neste colégio existia um grupo folclórico na época com cinquenta componentes e Danilo conseguiu formar com quinze integrantes, neste Colégio. A maior resistência veio das famílias dos alunos, pois ao chegarem em casa e solicitarem a autorização para participar, voltavam com um não.

Após superar essa etapa de certificação para sua atuação, surgiram outros fatores relevantes em relação ao estilo cultural representado pelo *hip hop*, pois percebeu que não se tratava apenas de preconceito, mas também de um ato discriminatório ante o professor coreógrafo, pois no colégio existia um grupo de folclore alemão. Inicialmente Danilo não encontrou espaço para o *hip hop*, mas aos poucos foi revelando seu talento através da dança urbana. Mais tarde, outros integrantes passaram a fazer parte do elenco, oportunizando aos alunos da escola aprenderem o valor da dança de rua e seus elementos.

Todavia, com o tempo, o diferencial foi evidenciado nas apresentações, na visibilidade do grupo na escola, e aos poucos foi quebrando esse preconceito. Afirma no seu relato:

---

<sup>38</sup> LARA, Danilo Rogério de. Danilo Rogério de Lara: depoimento [março. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 31 março. 2021.

Consegui 15 alunos que foram mostrando para outros, foram mostrando aos pais nas apresentações da festa junina, final de ano, na noite natalina da escola, dentro do festival escolar. Então os pais começaram a ter outra visão do hip hop, do primeiro ano consegui 15 alunos no segundo ano 60 alunos para fazer aula comigo e assim cada ano foi crescendo, hoje em dia eu entrego o bilhete, até hoje eu entrego o bilhete nas escolas de São Bento, hoje são na faixa de 600 a 700 crianças que querem fazer hip hop, mas eles não podem fazer às vezes por causa do horário, eles não conseguem fazer porque os pais não têm como trazer<sup>39</sup>

Danilo relatou que o *hip hop* atualmente é valorizado pela comunidade, a ponto do grupo folclórico ser ofuscado, entre escolher esporte, futebol e dança, optarem por dançar o *hip hop*. No seu relato, rememorou que o *hip hop* estava no auge e muitos queriam fazer a dança para dizer “eu estou no *Hip Hop X Style*”, mas não praticavam a dança com paixão, criando um desconforto para outras modalidades ali trabalhadas.

Em 2013, alunos que iniciaram no 1º e 2º dos anos iniciais, continuaram no grupo até se formar no ensino fundamental e gostariam de permanecer, mesmo não estudando mais na escola. No entanto, a escola não permitiu a manutenção de ex-alunos e somente autorizou o ingresso de alunos que estudavam no Colégio. Embora a direção tenha explicado a situação, Danilo informou que não poderia aceitar tal proposição, e comunicou que sairia junto com os ex-alunos e procuraria outro espaço para seus ensaios. A direção pediu que ele permanecesse e saíssem somente os alunos. Danilo explicou sua decisão: “eu falei não! Eu saio junto, porque eu tinha um vínculo com eles, não era só uma oficina, uma dança [...] daí eu procurei meu espaço, aí eu abri meu estúdio em São Bento do Sul”<sup>40</sup>.

Embora não esteja explícito na fala de Danilo, a imposição da diretora ao solicitar o desligamento de alguns alunos, o gesto de não aceitar essa condição nesse momento assumiu uma postura de não submissão, mas, sim, de compromisso e respeito para com os participantes do grupo. Essa posição de Danilo, colocou os indivíduos na coletividade, sem discriminá-los ou desvalorizá-los perante a proposta da direção, pois cada um representava o coletivo do grupo, e para Danilo seria uma quebra de valores ou preconceito aos bailarinos que compunham o grupo.

---

<sup>39</sup> LARA, Danilo Rogério de. Danilo Rogério de Lara: depoimento [março. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 31 março. 2021.

<sup>40</sup> LARA, Danilo Rogério de. Danilo Rogério de Lara: depoimento [março. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 31 março. 2021.

Na entrevista, Danilo comentou sobre a valorização do *hip hop* na cidade sede, as pessoas falam “Ah, você é o professor do grupo *X Style*?”, justificou que nos festivais sempre estava atrás das coxias<sup>41</sup>. Relatou que certa vez foi trocar o pneu do carro, usando máscara, o atendente indagou que o conhecia, e ele respondeu que trabalhava com dança, o grupo *X Style*. O funcionário solicitou que tirasse a máscara e Danilo relatou: “tirei a máscara e ele falou: só porque você é o professor do grupo *X Style* e faz um trabalho legal vou te dar um desconto”<sup>42</sup>. Situações em que Danilo constatou a valorização, e que reafirmaram seu trabalho para cidade, pois as crianças falam, os pais falam e a comunidade passou a valorizar o grupo. Cita o *Facebook*, sobre o trabalho do grupo, a interação e os comentários da comunidade nas redes sociais.

Danilo, ressaltou que a procura pelo grupo passou a ser significativa, pois pais responsáveis por crianças abaixo de 4 anos queriam inscrever seus filhos, porém sinalizou que trabalhava a iniciação acima de 5 anos. Explicou que o grupo tem sua importância no município e que outros profissionais tentam montar o *hip hop*, mas não conseguem sustentar a demanda, tanto que seu grupo é o único de São Bento do Sul. Acredita que é pelo trabalho realizado e afirma no seu depoimento: “nós ganhamos seis anos consecutivos o maior Festival<sup>43</sup> de dança do mundo e todo ano fazemos matérias em jornais, [mas] isso foi divulgando bastante nosso trabalho”<sup>44</sup>. Salientou a perspectiva do desenvolvimento do projeto chamado “Dança nos bairros”, com o objetivo de levar o *hip hop* até o local, oportunizando crianças com dificuldade de deslocamento, sem condições de pagar mensalidade. Devido a pandemia, o projeto ainda está no papel, mas assim que tudo normalizar, irá colocar em prática. Com esse pensamento do coreógrafo Danilo, pode-se compreender a valorização dos menos favorecidos, a igualdade social.

No decorrer da entrevista citou a importância social do grupo, e ao abordar a gradativa valorização, Danilo comentou que seu sonho é ter um espaço cultural com seu nome, um ginásio, uma escola, para lembrarem de sua trajetória como

---

<sup>41</sup> Trata-se de uma armação móvel de cenário, feita de madeira e pano, montada nas partes laterais do palco, para delimitar, o espaço cênico. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Coxia> . Acesso em: 11 jun. 2021.

<sup>42</sup> LARA, Danilo Rogério de. Danilo Rogério de Lara: depoimento [março. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 31 março. 2021.

<sup>43</sup> Festival de Dança de Jonville. Disponível em: <http://festivaldedancadejoinville.com.br/2019/> . Acesso em: 11 jun. 2021.

<sup>44</sup> LARA, Danilo Rogério de. Danilo Rogério de Lara: depoimento [março. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 31 março. 2021.

homenagem, ou seja, quem foi Danilo Rogério de Lara? O que fez em São Bento do Sul, em Santa Catarina ou a nível nacional. Relata ter

Participação em programa de TV, *Se Ela Dança eu Danço*, *Talent Brasil*, *Geral do Brasil*, Raul Gil quatro anos seguidos, *Se Vira nos 30*, divulgando o *Hip Hop*, divulgando essa arte, modalidade, não vi nenhum grupo a nível nacional fazer, participar de tantos programas de TV e ainda mais com crianças e adolescentes<sup>45</sup>

Em 2019, Danilo organizou o primeiro “São Bento em Dança”, festival de porte nacional. Na ocasião, um jurado do Rio Grande do Sul, conheceu o acervo de medalhas, troféus, reportagens, mídias digitais e outros, sentado no sofá do *hall* de entrada da escola de dança, onde está o acervo cultural, o coreógrafo olha para ele e diz: “Cara! Isso aqui tem uma história. E tem uma história muito grande”. Danilo comentou que o jurado participou de vários festivais e eventos, e repetiu na sua fala: “você tem uma história muito grande aqui, em uma cidade pequena, isso tem que ser divulgado”! Nesse momento comentou que muitos grupos não conseguem um acervo com tamanha expressão, pois literalmente “metia a cara”<sup>46</sup>, envolvia-se e participava. Danilo ressaltou sua participação no Campeonato Brasileiro em São Paulo, cidade de Ribeirão Preto, considerado o berço do *hip hop* e citou sua surpresa no ato do ensaio de palco dizendo: “eu chego com os loirinhos, meus alemãezinhos, os caras falavam: - Não vai dançar nada, para surpresa dele, ao iniciar o ensaio, os espectadores ficaram surpresos com a qualidade e potencial de seus alunos”<sup>47</sup>. Chegando à noite, na hora da apresentação, Danilo percebeu a movimentação no camarim, que ficava embaixo do palco e escutou outros bailarinos dizendo: “É eles”! Nesse momento Danilo sorriu, e falou: “Eu só escutei essa palavra. Cara! O pessoal subiu a escada, todo amontoado para ver meu grupo dançar”!<sup>48</sup>. Sentiu orgulho de ver seu grupo arrasando e conquistando o primeiro lugar no brasileiro de *hip hop*, garantindo uma vaga para representar em 2010, o Brasil no mundial de *hip hop* nos Estados Unidos, em Las Vegas, porém devido aos custos altos não puderam participar.

---

<sup>45</sup> LARA, Danilo Rogério de. Danilo Rogério de Lara: depoimento [março. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 31 março. 2021.

<sup>46</sup> Expressão usada no momento da narrativa para dizer que participava de todos os festivais e concursos possíveis.

<sup>47</sup> LARA, Danilo Rogério de. Danilo Rogério de Lara: depoimento [março. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 31 março. 2021.

<sup>48</sup> *Ibid.*

Uma possível compreensão deste depoimento leva-nos a pensar em um encontro cultural, ou “hibridismo cultural”<sup>49</sup>, uma troca cultural entre indivíduos, pois o exemplo citado, surpreendeu devido o grupo ser constituído por crianças com etnia europeia apresentando o *hip hop*. Porém, o historiador Peter Burke em suas reflexões projetou que “não existe uma fronteira cultural nítida ou firme entre grupos, e sim, pelo contrário um continuum cultural” (BURKER, 2003, p. 14).

Ao analisar esse depoimento no qual a cultura apresentada por Danilo e seu grupo é o *hip hop*, composta na sua maioria por pessoas de etnias europeias, causou a impressão por outros que não iriam dançar bem, simplesmente por serem “loirinhos”. Esse fato, trouxe a inesperada surpresa que não é por ser *hip hop* que um indivíduo de etnia branca não faria seu papel com maestria, tanto que causou surpresa ao verem o grupo ensaiar e posteriormente apresentar. Percebeu-se que houve uma inversão de valores, pois o grupo, em sua maioria, era composto por integrantes de origem europeia, referindo-se surpresos que “branquinhos, alemãezinhos” não iriam dançar nada. Ribeirão Preto possuía grupos de dança, com a maioria dos participantes de origem afro, familiarizados com a cultura *hip hop*. O grupo foi subestimado por vir de uma região que não tinha tradição cultural desse estilo de dança. Mas o grupo para surpresa de todos entrou no palco e surpreendeu com qualidade e venceu a competição. Pode-se dizer que esse acontecimento decorre de uma postura que favoreceu outro olhar, como forma de não julgar pela aparência, ou comparar culturas, pois é possível essa miscigenação na valorização do indivíduo pela escolha cultural, independentemente de cor, etnia e cultura. Essas representações marcam e valorizam o trabalho, divulgam a cidade sede, pois

---

<sup>49</sup> Expressão que surge recentemente para designar o cenário cultural contemporâneo caracterizado não mais por níveis ou compartimentos estanques que separam a cultura erudita da popular e de massa, a científica da literária, a artesanal da industrial, a étnica arcaica da tecnológica de ponta, a identitária da globalizada. A hibridização refere-se ao modo pelo qual modos culturais ou partes desses modos se separam de seus contextos de origem e se recombina com outros modos ou partes de modos de outra origem, configurando, no processo, novas práticas. (COELHO, 1997, p.125). Para maiores aprofundamentos neste conceito sugiro COELHO, Teixeira. DICIONÁRIO CRÍTICO DE POLÍTICA CULTURAL - Cultura e Imaginário. São Paulo: ILUMINURAS, 1997.

Ficou marcado em São Bento do Sul essa história, divulgou bastante a nossa cidade, a gente vai divulgar ainda mais, conforme os anos, todo mundo vai falar de São Bento do Sul, eu conheço São Bento do Sul, tem um grupo assim, assim, assado, tanto que quando fomos no Raul Gil, O Raul Gil sempre falava: São Bento do Sul, isso ficou marcado <sup>50</sup>.

Danilo chamou a atenção que os vídeos estão no YouTube, para quem quiser ver a divulgação e a representação do município de São Bento do Sul.

Na última parte da entrevista Danilo ressaltou que com o “Dança nos Bairros”, pretende atingir todos os bairros da cidade, levar o *hip hop* e manter as atividades de dança, selecionar os destaques, dar bolsas de estudo e integrá-los à escola *Hip Hop X Style* localizada no centro da cidade, com o intuito de fortalecer o *hip hop* em São Bento do Sul e Santa Catarina. Citou que muitos grupos com o tempo acabaram, mas o *Hip Hop X Style* está firme e tem a sua linha de trabalho, seu ritmo e está na luta. Embora haja “modinhas”, o *hip hop* vem passando de geração em geração e tem turmas de 5 a 6 anos de idade que serão a geração futura.

O coreógrafo Danilo, vêm reciclando ideias e conceitos para promover a cultura e construir um legado junto aos seus alunos para que possam dar continuidade ao seu trabalho futuramente. Persistindo e não se acomodando com as diferenças e desafios sociais ao longo de sua trajetória, buscando espaço, dando voz e vontade de lutar pela melhoria de uma nova geração através de seu legado.

As intervenções, a análise de documentos e as entrevistas, proporcionam pensar sobre o que os estudos da cartografia apresentam enquanto possibilidade de contribuição para a pesquisa. Outro ponto a destacar na reportagem publicada na revista *Acontece* (2014) é a sintonia do grupo, agregado pela disciplina, e afetividade dotados do professor e coreógrafo junto aos integrantes do grupo, fato este, descrito assim: “os jurados sempre perguntam como consigo trabalhar com eles e ter tanta disciplina” (ACONTECE, 2014, p. 12). Danilo comentou que a fórmula é ter muito carinho e amor pelas crianças e amor pela dança e que chama de família HHX, exprimindo o orgulho que sente pelos pequenos. Ao analisar o parágrafo destacado na reportagem da revista, pode-se notar que essa postura tem uma representação da

---

<sup>50</sup> LARA, Danilo Rogério de. Danilo Rogério de Lara: depoimento [março. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 31 março. 2021.

cultura urbana e na história da cultura *hip hop*, promovendo importantes manifestações de luta pela igualdade, reconhecimento, superação e evolução dos direitos culturais e sociais que podem ocorrer através da arte. “Para a pesquisa cartográfica são feitos relatos regulares, após as visitas e as atividades, que reúnem tanto informações objetivas quanto impressões que emergem no encontro com o campo” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 70). Episódios e situações que aparentemente são insignificantes podem representar algo valioso e extremamente potente. Nas intervenções citadas, pode-se compreender a importância dada aos objetos mesmo não tendo contato direto com o agente direto da pesquisa. No entanto, a análise das informações disponíveis, geram oportunidades únicas de compreensão sobre a obra, o criador e os agentes que compõem a história, articulando memória e a identidade do sujeito.

É possível destacar que o grupo HHX tem inúmeros certificados com destaque local, nacional e internacional. Um dos destaques é a participação do grupo em um dos mais importantes festivais no cenário da dança de rua no Brasil, o *Street Culture*. Em reportagem de 07 de fevereiro de 2009, este festival, reúne os mais importantes grupos nacionais, informa sobre o grupo vindo do estado de Santa Catarina que ingressa em um dos cenários que é considerado o berço do *hip hop*, no estado de São Paulo. Pode-se perceber que o nome da cultura local da cidade de São Bento do Sul, sob a responsabilidade do grupo HHX, promove uma diferença por divulgar manifestações culturais para outros estados não apenas marcadas por características europeias

A luta em construir um espaço de protagonismo por Danilo, em uma cidade em que ele estaria desfocado como cidadão padrão e iniciando seus trabalhos, na época sem formação acadêmica, mas que se capacitou no próprio meio, professor de dança sem um espaço de trabalho, hoje protagoniza uma história de superação e conquistas emergentes ao grupo de dança *Hip Hop X Style*.

Ao pensarmos o método Freiriano, podemos compreender a importância dos conhecimentos adquiridos a partir de seu meio, respeitando o conhecimento empírico a partir deste ponto para a descoberta ao referencial científico. Danilo em seu crescimento profissional iniciou na dança sem conhecimento formal, porém seu conhecimento prévio serviu como base para desenvolver suas habilidades e posteriormente buscou capacitar-se para acompanhar a evolução de outros profissionais na medida que participa das competições e festivais. Para Freire (2001)

Seria realmente impensável que um ser assim, ‘programado para aprender’, inacabado, mas consciente de seu inacabamento, por isso mesmo em permanente busca, indagador, curioso em torno de si e de si no e com o mundo e com os outros; porque histórico, preocupado sempre com o amanhã, não se achasse, como condição necessária para estar sendo, inserido, ingênua ou criticamente, num incessante processo de formação...”. (FREIRE, 2001, p.19)

A capacidade de transcender o instinto, confere ao indivíduo a faculdade de poder escolher, ter autonomia, mudar, intervir no mundo (seja técnica, científica, ética, etc), enfim, de ir além de seu condicionamento. O conhecimento prévio é importante na transformação e construção do ser e Danilo apropriou-se desse conhecimento e progrediu profissionalmente agregando o conhecimento prévio mais tarde ao formal.

Esta trajetória aqui apresentada leva a compreender que, possivelmente, o reflexo do estilo cultural do grupo HHX, representa a diversidade da cultura local por meio das etnias que compõem o cenário cultural do município de São Bento do Sul, demonstrando que os movimentos migratórios são contínuos e revitalizam os cenários culturais historicamente.

#### 5.1.2 O valor de uma cultura: o *hip hop*

O patrimônio cultural de um povo pode ser classificado como as diversas peculiaridades que possuem significado social, representam e traduzem uma identidade, abarcando tanto as características pelas quais os indivíduos pertencem a distintas etnias se aproximando ou se diferenciando em relação ao seu modo de vida. Essa concepção ampliou-se paulatinamente ao longo do século XX, tornando-se mais abrangente em relação aos conceitos e às categorias de bens materiais e imateriais. (DA SILVA; DA SILVA, 2016)

A cultura *hip hop* teve início na década de 1960, com diferentes manifestações artísticas, conhecidas como elementos do *hip hop* e impulsionaram reflexões críticas sobre essa manifestação artística, histórias de lutas, derrotas, superações e marcas discriminatórias deixadas pelo tempo. Representa uma geração que lutou, conquistou e deixou suas cicatrizes na história, justamente por acreditar que a arte e a cultura transformam pessoas. O grupo *Hip Hop X- Style* é mais um, em uma geração que consolida suas raízes, no modo de pensar, agir e contribuir com a sociedade, pois o caminho é longo, e quem veste o manto da solidariedade sem olhar cor, credo ou

berço, sem dúvida se dignifica a contribuir para que a cultura seja disseminada como um meio de comunicação e valorização dos povos e sociedade. E se o valor agregado for contextualizado, pode-se considerar que o patrimônio imaterial, não é visto pelo olhar, e sim, pelo significado e sentido interpessoal que o constitui a partir das experimentações no campo cultural.

O Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, que instituiu o registro e criou o Registro Nacional do Patrimônio Imaterial, compreende que

Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro como os saberes, os ofícios, as festas, os rituais, as expressões artísticas e lúdicas, que, integrados à vida dos diferentes grupos sociais, configuram-se como referências identitárias na visão dos próprios grupos que as praticam. Essa definição bem indica o entrelaçamento das expressões culturais com as dimensões sociais, econômicas, políticas, entre outras, que articulam estas múltiplas expressões como processos culturais vivos e capazes de referenciar a construção de identidades sociais (CAVALCANTI; FONSECA, 2008, p. 12)

Conforme Cavalcanti e Fonseca (2008), pode-se compreender que o grupo HHX, na sua proposta cultural, traz valores e promove saberes fortemente ligados aos valores não convencionais, mas com uma forte referência identitária de sua origem em se tratando de cultura e linguagem no *hip hop*.

Outro testemunho significativo é o relato do bailarino Mateus Henrique Ozeika<sup>51</sup> (figura 15), que iniciou com oito anos de idade. Comentou que todo início de ano, Danilo passava nas salas de aula perguntando quem teria interesse em ingressar no grupo. Mateus aderiu ao convite de imediato e narrou que ao chegar em casa após o convite perguntou a sua mãe, se poderia participar do grupo, ela ficou indecisa, seu pai não concordou por conta do preconceito, “[...]nossa um menino dançando”<sup>52</sup>, seu pai achava que a dança seria de um universo feminino. Hoje ele tem outra concepção, e apoia muito.

---

<sup>51</sup>Um dos bailarinos do grupo, entrou em 2007 e teve participação importante nas apresentações nos programas de TV. Hoje auxilia o professor/diretor Danilo na composição dos ensaios e das coreografias.

<sup>52</sup> OZEIKA, Mateus Henrique. Mateus Henrique Ozeika: depoimento [março. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 31 março. 2021.

Figura 15: Mateus Henrique Ozeika



Fonte: Primária (2021)

Mateus tentou convencer sua mãe, pois sua fala explicita seu desejo de integrar o grupo:

meu aniversário que foi no dia 12, era terça-feira, que eles ensaiam, na terça e quinta-feira, no dia do meu aniversário ela falou: Não! Presente de aniversário nós vamos deixar você ir, meu primeiro dia de aula então foi no dia do meu aniversário e o motivo pelo qual eu quis ir, porque eu queria alguma coisa nova <sup>53</sup>.

Querida algo diferente, e lembra que o grupo fazia apresentações sempre no início de cada ano, junto com a entrega dos bilhetes, ficou encantado com aquilo, tendo certeza de que queria participar, desejo que ficou evidenciado em seu testemunho: “Ele fazia uma apresentação, eu achei maravilhoso, eu vi aquela primeira vez, fiquei espantado e falei: Não! Eu gosto disso, eu vou fazer isso” <sup>54</sup>.

Explicou que Danilo buscava mostrar a força de um grupo e que se sentiu acolhido, afetando sua adesão ao grupo. Mateus trabalha no período matutino com seus familiares na cantina da escola até as 15 horas e final do turno vespertino atuava como auxiliar de Danilo na escola de dança. “Eu ajudo sempre no que posso, não que eu consigo ajudar também, não tem como fazer tudo que ele faz, porque só ele, não

---

<sup>53</sup> OZEIKA, Mateus Henrique. Mateus Henrique Ozeika: depoimento [março. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 31 março. 2021.

<sup>54</sup> *Ibib*.

tem como entrar na cabeça dele sabe, então a gente tenta auxiliar o máximo possível”<sup>55</sup>.

Mateus explicou que a dança *hip hop* é uma fuga. Nos últimos dois anos com a pandemia em que tudo parou e as pessoas ficaram esgotadas, e depois com o retorno das atividades conforme os decretos estaduais, percebeu que quem retornou a fazer aula, percebeu a diferença emocional e mental, após a retomada das atividades, pois a pessoa muda, alivia, relaxa. A importância dada a esta cultura fica nítida na sua fala: “eu quero viver disso, estou começando agora, é essencial [...] quero transmitir o que vivo para outras pessoas”<sup>56</sup>.

Lembrou que a dança o ajuda na autoestima, no sentido físico e melhorou seu estado muscular e seu desempenho escolar. Ele também citou seu irmão de 11 anos, que começou com 5 anos na dança, relatando que sua concentração e memória melhoraram, bem como a disciplina aplicada na escola de dança correlacionada à escola de ensino fundamental. Na sua narrativa comenta: “eu tive uma melhora absurda, nunca fui aluno exemplar, excelente, destaque, mas academicamente falando, melhorou muito meu desempenho, minha autoestima”<sup>57</sup>.

A dança lhe (expressão eurocêntrica) abriu novas perspectivas para saber o que realmente gosta e quer fazer, as pessoas que encontrou foram fundamentais com relação ao laço afetivo e cita Danilo como ponto-chave. Narrou que sua vida em sociedade mudou muito, era quieto, tímido e a interação com a dança *hip hop* fez conhecer novas pessoas, novos lugares, pensamentos e interações: “entender que eu posso conhecer novas pessoas, interagir, sem receio, sem a timidez, que tinha antes, então mudou totalmente no sentido social”<sup>58</sup>.

Sua narrativa sinalizou os percalços enfrentados, porém reforçou que soube lidar com as situações adversas. Segundo Mateus, seu pai no começo, não aprovou que entrasse no *hip hop*, mas sua persistência, sem enfrentar o pai, respeitando, fez mudar sua opinião, Mateus narra as mudanças de valores de seu pai: “Hoje, nossa! Ele tem muito bem a falar de mim, do meu irmão, da dança do Danilo. Ele é uma

---

<sup>55</sup> LARA, Danilo Rogério de. Danilo Rogério de Lara: depoimento [março. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 31 março. 2021.

<sup>56</sup> *Ibid.*

<sup>57</sup> *Ibid.*

<sup>58</sup> OZEIKA, Mateus Henrique. Mateus Henrique Ozeika: depoimento [março. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 31 março. 2021.

pessoa que foi realmente afetado, com certeza para melhor”<sup>59</sup>. Outro momento destacado na entrevista é que a dança *hip hop* não foi sua primeira experiência, pois dançou dois anos no grupo folclórico alemão da escola. Porém, segundo Mateus, o *hip hop* o encantou e superou o receio da cidade ser de tradição germânica nas suas danças. Viu no *hip hop* um encantamento nos gestos, na linguagem, na forma de expressar a dança nessa cultura.

Mateus comentou que percebeu o *hip hop* como uma dança das ruas e que muitos munícipes têm receio, devido a tradição germânica, mas a partir do momento que entendem, passam a admirar esta manifestação como patrimônio cultural que acrescenta e agrega valores culturais à cidade, salientou que inicialmente teve preconceito por praticar a dança, no sentido de gênero e pelo fato de praticar o *hip hop*, devido a rejeição inicial dos familiares e posteriormente, as coisas foram mudando e o pensamento mudou. Pois,

Tanto é que eu fui o primeiro a praticar dança, no ano seguinte veio a minha prima, no outro ano, vem meu primo e assim foi. Hoje eu tenho um irmão, minha prima que começou lá também tem irmão, meu outro primo também tem um irmão e todos eles fazem dança hip hop<sup>60</sup>.

Mateus narrou que o grupo *X Style* em São Bento do Sul em sua trajetória, poderia ser mais valorizado. Também citou os eventos de televisão, as conquistas em palcos de expressão nacional e internacional e mencionou que os espaços para ensaios foram alugados com o prêmio conquistado no Domingão do Faustão. Por fim, cita o local atual, em que está instalada a escola de dança *Hip Hop X Style*, que não teve nenhuma ajuda financeira de empresários ou patrocinadores. Hoje, acredita ter valor e apoio e exemplifica com o Festival promovido pelo grupo com o apoio da Fundação Cultural. Porém, a questão financeira muito pouco se alterou, pois, o grupo oferece a comunidade, cultura e representatividade. Ao projetar o futuro do *hip hop* em São Bento do Sul, citou uma reunião recente com líderes políticos da região, em que perguntaram ao professor Danilo, qual era o seu legado. Danilo respondeu usando os participantes do grupo, Mateus como exemplo e a nora, que é namorada de seu filho. Mateus iniciou com 8 anos, completando 14 anos de casa, ela começou um pouquinho depois, e por causa do professor e do grupo *Hip Hop X Style*, hoje ele

---

<sup>59</sup> OZEIKA, Mateus Henrique. Mateus Henrique Ozeika: depoimento [março. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 31 março. 2021..

<sup>60</sup> *Ibid.*

tem a dança como carreira. A nora é acadêmica de Educação Física em Joinville e auxilia nas coreografias do grupo. Explica que o futuro do *hip hop* em São Bento é o legado que o *Hip Hop X Style*, sob a orientação do professor Danilo, deixa para o aluno, para que possa influenciar mais pessoas.

Ao final de seu depoimento, avaliou o grupo de *hip hop* como patrimônio cultural, explicando que desde o momento que Danilo migrou para SBS, deixou sua marca na história do município. Relatou, também que seria muito difícil outra manifestação cultural, conquistar o que já conquistaram, seja na cidade ou a nível nacional. Já existiam grupos folclóricos e academias de *Jazz*, e se o *hip hop* chegou a ter esse impacto, deve ser considerado um patrimônio cultural,

no mesmo sentido que ele deixou a marca dele numa cidade de tradições germânica, como já existia academias de danças *Jazz*, o ballet não tinha na época, mas vamos dizer, vamos pegar esses dois, do *Jazz* e do folclore, para o Danilo chegar aqui e ter esse impacto eu digo maior ainda do que até esses dois, essas duas outras vertentes que já estavam aqui, tem que ser considerado patrimônio cultural sim! Com certeza!<sup>61</sup>

A visão de Mateus nesta fala não converge com as discussões mais amplas sobre o patrimônio cultural. O conceito de patrimônio cultural citado por Mateus, não articula o conceito às práticas e ao domínio de vida social manifestada em saberes no ofício, do modo de fazer como manifestação de bens culturais de natureza imaterial, conforme descrito na Constituição Federal de 1988, em seus art. 215 e 216, ampliando a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial. Quando tratamos de patrimônio imaterial, estamos falando de manifestações de natureza dos saberes, das celebrações, das formas de expressão, enfim, questões culturais do nosso cotidiano e que representam o coletivo através de suas formas de saber, fazer e se expressar. O patrimônio é algo que evoca a memória e, de certa forma, nos identifica como pertencentes a um contexto cultural e social mais amplo e, por mais diferentes que sejamos, também podemos encontrar semelhanças.

Mateus se baseia em sua fala como grupo de maior destaque na promoção da cultura da dança, entendendo que o grupo está ligado diretamente aos saberes do

---

<sup>61</sup> OZEIKA, Mateus Henrique. Mateus Henrique Ozeika: depoimento [março. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 31 março. 2021.

patrimônio cultural. Para um grupo que deixou sua marca registrada com uma cultura diferenciada das demais e obteve um lugar de destaque no município perante outros estilos culturais de dança, ganha hegemonia da cultura como patrimônio dentro da cidade sede nas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes.

Relatou o quanto o *hip hop* influencia as crianças e adolescentes a enxergar o mundo, expressar e se fazer pertencente por aprenderem conceitos com a família *hip hop* e com o professor Danilo.

Outro aluno, Djony dos Santos (figura 16), hoje com 23 anos, ex-integrante, relatou que iniciou no grupo aos 06 anos de idade e que ficou até os 18 anos. Só saiu do grupo, devido aos estudos em Curitiba, onde reside.

Figura 16: Djony dos Santos



Fonte: Primária (2021)

Djony afirmou que mesmo em Curitiba, não se desligou da dança *hip hop*, ficou quatro meses parado, porém, fez teste em um grupo de *hip hop* local e ingressou. “Comecei como um *hobby* e hoje, atualmente morando em Curitiba, também vivo no mundo da dança” <sup>62</sup>. Saiu do grupo *X Style* para seguir seus estudos, porém não conseguiu viver distante do mundo da dança. Relembra que na infância não praticava

---

<sup>62</sup> SANTOS, Djony dos. Djony dos Santos: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 10 abril. 2021.

esportes, ficava na rua brincando, na Escola de Educação Básica São Bento e conheceu o grupo através do professor Danilo, no mesmo formato do testemunho de Mateus.

Segundo Djony, no início enfrentou obstáculos, pois ao chegar em casa comunicou o desejo de inserção no grupo *hip hop* e brigou com a mãe, insistindo até colocá-lo na dança. A partir do primeiro ensaio não largou mais a dança. “A partir do primeiro ensaio foi paixão à primeira vista, nunca mais parei, desde os 6 aninhos, do primeiro ensaio que eu fui, só faltei por razões maiores, se não tinha ido todos os ensaios, não tinha faltado nenhum”<sup>63</sup>.

Djony relatou seu crescimento em São Bento do Sul impulsionado pela dança e o convívio com as pessoas e o que aprendeu com o Danilo para vida, e essas vivências fizeram a diferença. Lembrou que a dança é um *hobby*, não uma profissão, mas que a dança para ele é um remédio, nesse momento exemplifica dizendo: “Me faz sair do mundo, me faz feliz, expressar, de uma forma feliz sabe, se eu estou triste, bravo, alguma coisa a dança me faz, me faz uma pessoa muito boa, evoluí bastante”<sup>64</sup>. Recordou que quando começou a praticar a dança *hip hop*, percebeu mudanças em sua vida e que na cidade estereotipada pela cultura alemã, eram julgados por usar roupas largas, camisa rosa e destacou o preconceito. No entanto, a dança não lhe causava desconforto, mas as atitudes em certos pontos sim. “Existem bastante gíria, o jeito que você se veste, o jeito que você anda, por usar roupas largas, às vezes as pessoas te julgam errado sabe”<sup>65</sup>. Djony relembra que alguns colegas o convidavam para ir em festas, mas sempre negou por se dedicar aos ensaios, ocasionando certo desconforto. Atualmente constata que a valorização do grupo aumentou, em relação aos primórdios, fase que não tinham apoio nenhum, e que com o correr do tempo, foram se destacando.

a gente entrava na TV, os caras falavam: Há o grupo *X Style* de São Bento do Sul, aí nós divulgamos o nome da cidade também, mas o apoio deles, na hora, no momento que aparece na TV todo mundo divulga no jornal, mas depois que passa da TV, Meu Deus, parece que o grupo não existe, uma vez ou outra é mencionado, mas é bem zero apoio<sup>66</sup>.

---

<sup>63</sup> *Ibid.*

<sup>64</sup> *Ibid.*

<sup>65</sup> *Ibid.*

<sup>66</sup> SANTOS, Djony dos. Djony dos Santos: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 10 abril. 2021.

Outro ponto que chamou a atenção na sua narrativa é que Djony não considera o grupo um patrimônio do município, que só vê o folclore germânico como identificador cultural, pois como “patrimônio em São Bento só vejo o folclore, a dança alemã, festa alemã, mas patrimônio, hip-hop não, quem criou foi o Danilo, quem levou o nome foi o Danilo e ponto final”<sup>67</sup>.

Percebe-se na sua fala um desabafo que os méritos são do professor Danilo por criar o grupo e levar o nome do grupo, já que a cidade não valorizou, como Djony esperava. Destacou que o grupo *X Style* vai crescer muito, Danilo começou com 20 alunos em uma sala pequena e hoje são mais de 100 integrantes em uma escola de dança enorme. Termina definindo o *hip hop* como um movimento em crescimento, e isso elevou seu nome na história do grupo. “Meu nome é completamente feito por *hip hop, Hip Hop X Style*”<sup>68</sup>.

Essas narrativas, desvelam que o estilo praticado pelo professor Danilo não era conhecido, ou mesmo, não era aceito por certas famílias, que por sua tradição, não sentiam conforto com uma nova proposta cultural no cenário de São Bento do Sul. Fator que reforça a necessidade de mais apoio por parte da sociedade e da gestão pública, no que refere aos investimentos e na valorização e reconhecimento do grupo, valores reiterados nos depoimentos do professor Danilo, Mateus e o ex-integrante Djony.

Na figura 17, tem-se a imagem do grupo atual que participou do Festival de Dança de Joinville 2021, na categoria infantil (de 10 a 12 anos). Na competição obteve o primeiro lugar com o tema “somos um só”, coreografia que trabalhou assuntos como racismo, preconceito, inclusão social e fome.

---

<sup>67</sup> *Ibid.*

<sup>68</sup> *Ibid.*

Figura 17: Grupo HHX, vencedor do Festival de Joinville 2021.



Fonte: Lara (2021)

No início das entrevistas com os alunos, perguntou-se o que os levou a se interessar por praticar a dança *hip hop*.

A narrativa do aluno Gustavo, evidencia o interesse ativado pela televisão. Gustavo comentou que achou legal e decidiu querer fazer a dança *hip hop*, relata: “Vi bastante o grupo na televisão, aí eu achei legal, aí eu decidi que queria fazer isso” <sup>69</sup>.

Alexandre, o segundo a ser entrevistado narrou que os primos faziam dança e gostavam muito e, por isso, quis integrar o grupo: “os meus primos Mateus e Katilin, faziam dança e eu sempre vi, eu gostava muito, aí eu me interessei” <sup>70</sup>.

Para Augusto o interesse foi provocado pela família, seu irmão e primos, estão integrados ao grupo até hoje: “a minha família já fazia dança, meu irmão, meus primos, aí eu me interessei e até agora estou” <sup>71</sup>.

<sup>69</sup> Doravante a entrevista com as crianças foi realizada de forma coletiva em 6 de abril de 2021 na escola de dança *Hip Hop X Style*. A partir daqui, todas as referências são desta entrevista.

OLIVEIRA, Gustavo Henrique: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

<sup>70</sup> DIAS, Alexandre Luis: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

<sup>71</sup> OZEIKA, Augusto Luiz: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

Sthefani assistiu vídeos do grupo no *YouTube*, destacando o estilo *hip hop*: “Eu vi vídeos no *YouTube*, eles dançando o estilo de música *hip hop* e eu me interessei bastante”<sup>72</sup>.

Para Taíssa o interesse foi ativado por amigas, que comentavam sobre suas experiências: “minhas amigas falavam bastante do hip hop, falavam bem do hip hop e eu tive interesse em fazer”<sup>73</sup>.

Erick foi inspirado por Sthefani e feliz narrou dizendo: “a minha amiga Estefani fazia e ela perguntou se eu queria, aí eu achei bem legal quando comecei a fazer”<sup>74</sup>.

Pietra iniciou no grupo estimulada por sua irmã que dança no grupo: “a minha irmã começou a fazer hip hop, eu me espelhei nela, gostei e comecei a fazer”<sup>75</sup>.

João Pedro comentou que conheceu o grupo pela TV, sempre quis entrar, por ser muito novo, esperou e posteriormente ingressou. Francisco se interessou vendo vídeos e entrou por influência de amigos, “eu vi vídeos e por influência de alguns amigos eu me interessei”<sup>76</sup>.

Já, Felipe comentou que sua mãe gostaria que fizesse música ou dança, o incentivo veio da mãe: “minha mãe queria que eu fizesse música ou dança, ela falou do grupo *X Style* e eu comecei a fazer”<sup>77</sup>.

Isabelle comentou que seu irmão dançava e que seu pai incentivou, nesse momento veio o sorriso, pois, seu pai é o coreógrafo professor Danilo. Na sua narrativa comenta: “meu irmão dançava, eu comecei a gostar, aí eu dancei, e porque meu pai me incentivou”<sup>78</sup>.

---

<sup>72</sup> SCHNEIDER, Sthefani K. S: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

<sup>73</sup> HOCK, Taíssa Beatriz: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

<sup>74</sup> RODRIGUES, Erick: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021

<sup>75</sup> HILZENSTIELER, Pietra: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

<sup>76</sup> COSTI, Francisco Benvenuti: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

<sup>77</sup> DEWES, Felipe Augusto Albertuni: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021

<sup>78</sup> LARA, Isabelle Maria de: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

Kelly foi incisiva, disse que sempre escutou falar do grupo *Hip Hop X Style*, pediu para sua mãe e entrou no grupo: “Eu sempre escutava que o *Hip Hop X Style* é o melhor de São Bento, eu pedi para minha mãe correr atrás e eu comecei a fazer”<sup>79</sup>.

Letícia comentou que ouviu falar do grupo *X Style*, começou a fazer, experimentou e gostou. Vinícius, mais extrovertido, afirmou que é hiperativo, sua irmã dança, viu, gostou e pediu a sua mãe para participar: “bom, eu sempre tive hiperatividade desde criança, e minha irmã dançava, daí eu me interessei, gostei do que eu vi e minha mãe me colocou”<sup>80</sup>.

Rafaela enfatizou que sempre gostou de dançar, e por ter visto o grupo *X Style* na TV, saiu do grupo antigo e interessou-se pelo atual grupo: “eu sempre gostei de dançar, e algumas apresentações eu já via o grupo *Hip Hop X Style*, eu me interessei, e já que eu saí do grupo antigo, eu queria entrar no *Hip Hop X Style*”<sup>81</sup>.

Isabela entrou no grupo por influência dos pais: “eu comecei a fazer por assistir muitos artigos e filmes, e por influência da minha mãe e do meu pai, eu não conhecia o grupo, minha mãe conhecia, daí eu entrei”<sup>82</sup>.

Davi comentou que desde pequeno gosta de dançar, assistiu vídeos do HHX, foi em shows, gostou e ingressou na dança. Larissa comentou que a história do grupo sempre lhe encantou, sempre gostou de dançar desde pequena. Maria Luiza também gosta de dançar e salientou que escutava suas amigas falarem bem do grupo do HHX, fez aula experimental e entrou no grupo.

Sofia assistia filmes de dança, conheceu o professor Danilo que chamou para fazer uma aula experimental, seus pais não deixaram, passou-se um período ela os convenceu e entrou no grupo. “Meus pais não deixaram, pois ele achava que era coisa para menino dançar, até que um dia eu convenci eles a deixarem e eles me colocaram, hoje meus pais gostam e até preferem que eu não saia daqui”<sup>83</sup>.

Nas narrativas apresentadas ficou evidenciado que muitos integrantes conheceram o grupo por meio da mídia, mas muitos deles ficaram interessados por

---

<sup>79</sup> SANTOS, Kelly Silva: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

<sup>80</sup> VILIWINSKI, Vinícius Augusto: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

<sup>81</sup> TAUSCHECK, Rafaela: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

<sup>82</sup> MILCHESKI, Isabela: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

<sup>83</sup> PEREIRA, Sofia Rodrigues: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

influência de amigos que já integravam o grupo, embora a maioria dos pais permitam que seus filhos participem e alguns até incentivam essas demandas, ficou identificado a resistência de alguns pais. Estes tiveram enfrentamento e convencimento familiar para que viessem a integrar o grupo.

A relação no grupo possibilitou novas amizades e novos olhares sobre a cultura fazendo com se sentissem integrados à sociedade. Vinícius comentou: “o *hip hop* para mim, como para várias pessoas aqui, mudou muito a minha vida, mudou muito as minhas amizades, no grupo quanto fora”<sup>84</sup>. Outro ponto a destacar nas narrativas é a valorização das apresentações sistemáticas e a divulgação nos meios de comunicação. Os entrevistados destacaram que, devido a esta visibilidade, muitas pessoas conhecem os integrantes e os valorizam. Têm consciência que integram um grupo com visibilidade nacional. Para eles, isso é uma mistura de sentimentos bons e de orgulho.

Segundo Isabella: “eu faço parte de um grupo que ganhou muita visibilidade no Brasil, um grupo pequeno, de uma cidade pequena, me traz muita segurança, eu sei que estou num grupo que faz bem para mim, traz coisas boas, sentimentos bons”<sup>85</sup>. Esse sentimento alinhou-se a fala de Sofia que manifestou: “acho que pelo fato da gente representar muito a cidade, nos lugares estão sempre comentando, sempre falando coisas boas”<sup>86</sup>.

Na sua narrativa, Pietra destaca que: “a cidade inteira conhece a dança *hip hop X Style*, a cidade inteira sempre está comentando”<sup>87</sup>. Integrar o grupo representa, para muitos uma conquista de identidade, representatividade e orgulho de vestir as roupas que identificam o grupo. Esses depoimentos relacionados a visibilidade, revelam como os bailarinos percebem o reconhecimento das pessoas na sociedade. Pode-se compreender que esse encontro da sociedade com a cultura do grupo revela aceitação, pois a cultura apresentada pelo HHX, antes vista de forma negativa em detrimento da tradição advinda da cultura europeia, conquista espaço e é aceita, ou

---

<sup>84</sup> VILWINSKI, Vinícius Augusto: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

<sup>85</sup> MILCHESKI, Isabela: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

<sup>86</sup> PEREIRA, Sofia Rodrigues: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

<sup>87</sup> HILZENSTIELER, Pietra: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021

seja, passa a ser bem-vista no município de São Bento do Sul conforme relatos dos alunos que compõem o grupo.

Dos 20 entrevistados, 13 alunos em algum momento nas suas narrativas enfatizaram o ciclo de novas amizades. Para Davi: “desde que eu entrei no HHX, eu comecei a fazer vários amigos, e a minha vida começou a mudar muito, começou a ficar mais alegre, mais feliz”<sup>88</sup>. Percebe-se que os integrantes sentem conforto e segurança ao entrarem no grupo e socialmente se destacam nos palcos e eventos, melhorando a autoestima. Quando questionados sobre o futuro do *hip hop* em São Bento do Sul, os alunos foram unânimes nas narrativas ao destacarem que o grupo vai crescer e permanecer, com rotatividade de novos integrantes, com divulgação natural através das apresentações, reportagens, familiares dos integrantes, vai fortalecer as novas demandas mantenedoras, promovendo o crescimento e efetivação do grupo no cenário do município.

A narrativa de Vinícius destacou que o *hip hop* vai permanecer e que o professor Danilo mesmo encerrando as atividades como coreógrafo permanecerá como dirigente, pois ensinou várias pessoas que terão essa competência e disse que a filho do Danilo, poderá tornar-se um coreógrafo. Esta narrativa confirmada por Vinícius reitera a significação social do grupo: “caso o Danilo não conseguir mais dançar, ele já criou várias pessoas que conseguem ter a responsabilidade de ensinar para gente, [...] ainda vai durar muitos anos, vai ter muita história pela frente”<sup>89</sup>.

Outra narrativa que remete a valorização e a consciência dos integrantes referido ao futuro do grupo, está expressa na fala de Maria Luiza que recordou o crescimento e disse que a comunidade reconhece o que é o HHX, destacando que as pessoas convidam para eventos, bem como seu alto potencial e a qualidade performática do professor Danilo. Nesta narrativa Maria Luiza disse: “o grupo tem muito potencial, as pessoas vão conhecer e assim vai gerando novas pessoas para o grupo, vai crescer muito mais, nós temos um professor muito bom, o grupo só vai crescer cada vez mais”<sup>90</sup>.

---

<sup>88</sup> BELLI, Davi Benício: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

<sup>89</sup> VILIWINSKI, Vinícius Augusto: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

<sup>90</sup> CAMPOS, Maria Luiza de: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

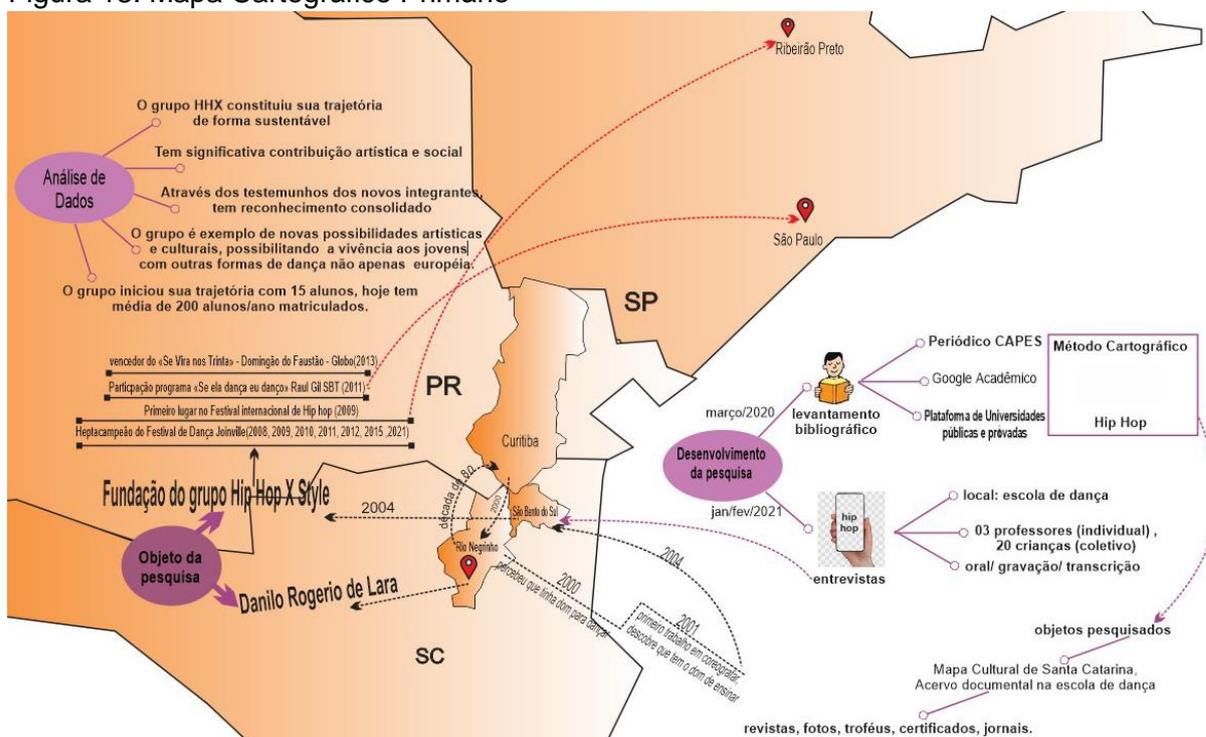
Comparação entre as narrativas dos professores e do ex-aluno, sobre a evolução e a ascensão comparadas com as narrativas dos integrantes mais recentes, destacam-se resistências, para participar do grupo, todavia, pelos relatos/depoimentos, os registros documentais e jornalísticos, e as premiações conquistadas na trajetória do grupo, evidenciaram que o reconhecimento da comunidade delinea uma trajetória do grupo *Hip Hop X Style*.

## 6 PERCURSOS CULTURAIS DO GRUPO HIP HOP X – STYLE

A investigação que respalda esta dissertação caracteriza-se por ser qualitativa e cartográfica, desencadeada por um levantamento de dados, desde o mapa cultural de Santa Catarina às inserções do grupo *Hip Hop X Style* nas mídias digitais, de fontes oral por meio de entrevistas com integrantes do grupo à análise do acervo documental, e do respectivo embasamento teórico pertinente a pesquisa base para a construção da cartografia dos caminhos trilhados pelo grupo desde a sua origem.

O mapa cartográfico primário (Fig.5) da pesquisa delineou o percurso do grupo *Hip Hop X Style*, as informações e as pistas advindas dos documentos, das reportagens e das premiações indicaram os caminhos trilhados, por vezes mais complexos e difíceis, as vezes mais tranquilos. Entretanto, necessários para compreender a constituição e a contribuição do grupo durante sua trajetória, estudado na realização desta pesquisa.

Figura 18: Mapa Cartográfico Primário



Fonte: Primária (2021)

O mapa indica que o grupo *Hip Hop X Style* iniciou a sua trajetória no município de Rio Negrinho/SC, cidade natal de Danilo Rogério de Lara, local que desenvolveu seu primeiro trabalho coreográfico em 2001, mas foi em 2004 na cidade de São Bento

do Sul que estruturou o grupo de *hip hop* com significância, contribuição artística e de forma sustentável. Iniciou com 15 alunos e hoje tem a média de 200 alunos /ano matriculados. O destaque artístico do grupo aconteceu quando iniciaram as divulgações pela mídia em programas de TV na cidade de São Paulo, nos anos 2011 e 2013, além de sete conquistas no *Festival de dança em Joinville* entre os anos de 2008 a 2021 e no *Festival Internacional de Hip Hop em Ribeirão Preto – São Paulo* em 2009.

Os integrantes grupo *hip hop* HHX têm reconhecimento consolidado, manifestado pelos seus depoimentos dentro do território de São Bento do Sul, sendo exemplo de outras possibilidades artísticas e culturais, promovendo a vivência aos jovens com outras formas culturais através da dança, não apenas a europeia. As suas vivências artísticas e culturais, não como algo abstrato, mas como um verdadeiro depoimento de amor pela arte, por acreditar que diferentes culturas trilham caminhos artísticos de forma respeitosa e harmoniosa.

O grupo HHX constituiu sua trajetória sustentável como característica, que o distingue na cultura de São Bento do Sul e devido a independência e a falta de apoio institucional, enfrentou e enfrenta dificuldades financeiras, que impedem a contribuição sociocultural. Contrapõe a cultura local ao trabalhar com a dança advinda de uma manifestação cultural não pertencente as tradições europeias, predominante no local.

O arquivo documental, alinhado aos depoimentos dos integrantes ao serem entrevistados, comprovam através de seus relatos delineiam uma trajetória de desafios, resistência, superação e evolução.

O mapa cultural do grupo constituído por entrevistas, documentários, jornais, certificados, troféus, medalhas comparadas com as narrativas dos entrevistados desvela sua trajetória e o reconhecimento conquistado ao longo do percurso. Porém nas narrativas do professor Danilo Rogério de Lara, Mateus Henrique Ozeika e Djony dos Santos, o grupo não recebeu o apoio financeiro necessário por parte da administração pública da cidade através do incentivo de políticas públicas voltadas à cultura.

O grupo construiu durante duas décadas um espaço de convivência e troca com a tradição consolidada em São Bento do Sul, pois os integrantes atuam como agentes para a o desenvolvimento da cultura local ao atuarem de modo coerente com propósitos artísticos visando superar os desafios na busca do reconhecimento como

patrimônio cultural local. Constatou-se que não é fácil manter uma associação cultural de dança com qualidade por mais de duas décadas, isso requer um trabalho com comprometimento junto a sociedade, pois os responsáveis pelo grupo ainda mantêm a escola de dança com recursos próprios. A aproximação entre grupo cultural e a localidade estimula possibilidades de novas modalidades de incentivos de políticas públicas que favoreçam uma visão cultural marcada pela diversidade.

A investigação através da cartografia, evidencia que Danilo Rogério de Lara, no início de seu projeto não tinha pretensões para tornar-se um profissional da dança, porém, percorreu territórios que abriram perspectivas de resistência. Participou de baladas e de danceterias, espaços que desvelaram sua aptidão para dançar e ensinar e energias para o enfrentamento do preconceito advindo de profissionais da dança que não concordavam com a atuação de profissionais sem formação na área.

Ao migrar para São Bento do Sul, iniciou seu projeto artístico, o *Hip Hop X Style*, grupo com reconhecimento e conquistas no meio artístico nacional se aperfeiçoando e se tornando um profissional da dança. Ao introduzir o trabalho no Colégio São Bento, teve muitos enfrentamentos, pois iniciou com 15 alunos no primeiro ano e aumentou para 60 integrantes, no segundo ano. A condição imposta pela direção para a manutenção da proposta de dança na escola era de que, por motivos administrativos, os membros do grupo que não pertenciam a escola não poderiam mais participar do grupo de dança local. Danilo não concordou com os argumentos, porém não desistiu de seus alunos, saindo em busca de outro local para realizar seu projeto. A sua conduta firme e decidida de não se submeter às condições impostas foi determinante para a trajetória, concepção e consolidação do grupo. Danilo sabia do potencial do grupo e estava disposto a lutar por ele. Foi o que fez.

Conforme depoimentos dos entrevistados, sempre necessitou de locais que tivessem que alugar para realização dos trabalhos artísticos do grupo. Sem apoio de empresários e da administração pública, Danilo se manteve apenas com mensalidades. No entanto, após a primeira participação do grupo na televisão no programa “Se vira nos 30” do *Domingão do Faustão* (2013), com o prêmio de vencedor, Danilo conseguiu manter seus aluguéis e posteriormente procurou locais maiores, até que encontrou uma casa para locar que na atualidade é a escola de dança *Hip Hop X Style*.

Durante as transições de locais para ensaios, conforme o grupo foi destacando-se em competições e festivais de dança, a cidade de São Bento do Sul foi

reconhecendo o trabalho por meio da imprensa local e governantes, reconhecimento esse que não se fez através de ajuda de custos, apenas com visibilidade por meio de entrevistas e reportagens locais. Segundo os relatos dos ex bailarinos Mateus e Djony, uma frustração foi que a cidade não valorizou na época o grupo e apenas eram lembrados quando se destacavam, um anseio era que a administração apoiasse financeiramente através de projetos culturais e não apenas pelo reconhecimento da imprensa.

Ao analisar os depoimentos dos novos integrantes, percebe-se que atualmente o grupo tem um reconhecimento consolidado por parte dos munícipes e familiares dos integrantes, sendo reconhecidos nas ruas como bailarinos do grupo *Hip hop X Style*.

Na atualidade, a procura anual de novos alunos é crescente visto que o grupo tem 600 a 700 interessados participando da escola de dança, consolidando a média de 200 matriculados. Um aspecto destacado é que as crianças que compõem o grupo na atualidade ao serem perguntadas “o que vai acontecer com o *hip hop* em São Bento do Sul no futuro”, responderam que o grupo vai crescer ainda mais, pois o professor Danilo preparou e vem preparando outros profissionais para dar continuidade nesse trabalho. Um grupo que iniciou com 15 integrantes, único no município no estilo *hip hop*, apesar de outros grupos de dança que preservam a cultura local através do folclore alemão e polonês terem apoio, conseguiu manter durante duas décadas destaque privilegiado nesse cenário. Cada ano tem mais adeptos para a prática do *hip hop*, transmitindo às gerações futuras essa arte através de seu legado como forma de manter viva uma história de superação, conquistas e evolução.

A análise possibilitou compreender a trajetória do grupo, os desafios enfrentados, a crescente evolução técnica, a apresentação em festivais pequenos e de grande porte e canais de TV, ou seja, visibilidade e expansão do grupo. A proposta foi investigar a trajetória e analisar os fatos narrados pelos integrantes do grupo relacionando com os acontecimentos que marcaram sua história cultural visando estabelecer novos olhares sobre a cultura local, pois a arte da dança presente em São Bento do Sul veio por meio das manifestações culturais europeias vindas com os colonizadores da região e outras culturas expondo dinamicamente os movimentos da cultura.

O grupo *Hip hop X Style* se destaca por dois aspectos, o de possibilitar a vivência poética e estética de crianças e jovens com outras formas de dança que não só as tipicamente europeias, mas, também, por dar visibilidade ao município de São

Bento do Sul através da arte e da cultura no cenário nacional, sem, no entanto, ser caracterizada como colonizada, ou seja, aquela que valoriza só as manifestações culturais da origem cultural do colonizador.

O mapa cartográfico delinea a trajetória desses personagens que constroem caminhos, apesar das adversidades, narram suas vivências artísticas e culturais, não como algo abstrato, mas como um verdadeiro depoimento de amor pela arte, de persistência por acreditar que diferentes culturas podem e devem seguir juntas de forma respeitosa e harmoniosa, promovendo umas às outras no mesmo território.

Para uma visita a estes personagens, abaixo está disponível um link através de QR Codes do grupo *Hip Hop X-Style* na página do Facebook<sup>91</sup> e Instagram<sup>92</sup>.



Grupo Hip hop X-Style  
Página do Facebook



Grupo Hip hop X-Style  
Página do Instagram

---

<sup>91</sup> <https://www.facebook.com/hiphopxstyle>;

<sup>92</sup> <https://www.instagram.com/hiphopxstyle/>

## **REFERÊNCIAS**

### **ENTREVISTAS ORAIS**

BELLI, Davi Benício: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

CAMPOS, Maria Luiza de: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

COSTI, Francisco Benvenuti: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

DEWES, Felipe Augusto Albertuni: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

DIAS, Alexandre Luis: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

HILZENSTIELER, Pietra: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

HOCK, Taíssa Beatriz: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

LARA, Danilo Rogério de. Danilo Rogério de Lara: depoimento [março. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 31 março. 2021.

LARA, Isabelle Maria de: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

MILCHESKI, Isabela: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

MONTEIRO, João Pedro: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

OLIVEIRA, Gustavo Henrique: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

OZEIKA, Augusto Luiz: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

OZEIKA, Mateus Henrique. Mateus Henrique Ozeika: depoimento [março. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 31 março. 2021.

PEREIRA, Sofia Rodrigues: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

RODRIGUES, Erick: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

SANTOS, Djony dos. Djony dos Santos: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 10 abril. 2021.

SANTOS, Kelly Silva: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

SCHAFFLER, Lethycia Vitória Moreira: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

SCHNEIDER, Sthefani K. S: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

TAUSCHECK , Rafaela: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

VILWINSKI, Vinícius Augusto: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

WIND, Larissa: depoimento [abril. 2021]. Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl. São Bento do Sul, 6 abril. 2021.

## REFERÊNCIAS

ALVES, F. S.; DIAS, R. **A dança Break: corpos e sentidos em movimento no Hip-Hop**. Motriz, Rio Claro, v.10, n.1, p.01-07, jan./abr. 2004

BARROS, Erna Raisalima Rodrigues de. **Os muros também falam Grafite: as ruas como lugares de representação**. São Paulo: UNICAMP, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/284590>. Acesso em: 16 dez. 2021.

CAMPOS. Anita Pissolito. Direitos morais no patrimônio cultural imaterial. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2131/tde-24032017-103035/>. Acesso em: 16 jun. 2022.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; FONSECA, Maria Cecília Londres. **Patrimônio imaterial no Brasil** Brasília: UNESCO, Educarte, 2008. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Patrimonio\\_Imaterial\\_no\\_Brasil\\_Legislacao\\_e\\_Políticas\\_Estaduais\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Patrimonio_Imaterial_no_Brasil_Legislacao_e_Políticas_Estaduais(1).pdf) . Acesso em: 19 maio 2021.

CHUVA, Márcia. **Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940)**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

COELHO, Teixeira. **DICIONÁRIO CRÍTICO DE POLÍTICA CULTURAL - Cultura e Imaginário**. São Paulo: ILUMINURAS, 1997.

CONTIER, Arnaldo Daraya **O rap brasileiro e os Racionais MC's**. (2005). Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=msc000000082005000100010&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=msc000000082005000100010&script=sci_arttext). Acesso em: 22 mar. 2022.

CORREIA E BRANDÃO, Amanda e Cláudia. Pinturas parietais, identidades e educação ambiental: acerca das artes visuais e de suas falas. **Revista educação ambiental**, n. 39, ano X, jun. 2012

COSTA, Luciano Bedin da. **Cartografia: uma outra forma de pesquisar**. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1983734815111> (2015): Acesso em: 06 ago. 2020.

DA SILVA, Ana Paula; DA SILVA, Paulo Sérgio. O registro do patrimônio cultural imaterial: as práticas do IPHAN e do IEPHA/MG. **GeoGraphos**. Alicante: Grupo Interdisciplinario de Estudios Críticos y de América Latina (GIECRYAL) de la Universidad de Alicante, 2 de junio de 2016, vol. 7, n. 87 (7), 16 p. DOI: 10.14198/GEOGRA2016.7.87(7). Acesso em: 17 dez. 2021.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2005. Disponível em: [https://books.google.com.br/books/about/A\\_m%C3%BAAsica\\_entra\\_em\\_cena.html?hl=pt-BR&id=wTvbANBXvLYC&redir\\_esc=y](https://books.google.com.br/books/about/A_m%C3%BAAsica_entra_em_cena.html?hl=pt-BR&id=wTvbANBXvLYC&redir_esc=y). Acesso em: 12 abr. 2021.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996a. v. 3.

DOURADO, Daniela Lopes Oliveira; MORAIS, Cinara Barbosa de Oliveira. **Resenha Livro: Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. UNITAU, Taubaté/SP. Brasil, v. 13, n 1, ed. 26, p. 120-123, jan./abr. 2020.

FELIX, João Batista de Jesus. **Hip Hop: cultura e política no contexto paulistano**. São Paulo, 2005. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-01052006-181824/pt-br.php>. Acesso em: 20 abr. 2021

FERNANDO, Klaylton. **Blog Dança de Rua**. Características do Popping, 2009. Disponível em: <https://www.dancaderua.com/?s=Caracter%C3%ADsticas+do+Popping>. Acesso em: 31 maio 2021.

FERNANDO, Klaylton. **Blog Dança de Rua**. História da Dança Locking. 2012. Disponível em: <https://www.dancaderua.com/estilos/dancalocking/historia-da-danca-locking>. Acesso em: 31 maio 2021.

FOCHI, Marcos Alexandre Bazeia. **Hip hop brasileiro**: tribo urbana ou movimento social? FACOM, n. 17, 2007.

FREIRE, Paulo. **Política e educação** – 5ª ed. São Paulo, Cortez, 2001.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. **O que é patrimônio cultural imaterial** - 1ª ED. Ed. Brasiliense, 2008.

GALLINDO, Lucione Santiago; SILVA, Auxiliadora Maria Martins da. Pedagogia Decolonial – **Kanteatro**: prática de uma educação antirracista. Revista Semana Pedagógica, v.1, n.1, 2019. ISSN 2595-1572. Disponível em: [https://www.ufpe.br/documents/39399/2442885/GALINDO\\_+SILVA++2018.2+.pdf/085cd886-9592-4314-94f7-eb2ee2f15c6f](https://www.ufpe.br/documents/39399/2442885/GALINDO_+SILVA++2018.2+.pdf/085cd886-9592-4314-94f7-eb2ee2f15c6f)

GOMES, Carin Carrer. **O uso do território paulistano pelo Hip Hop**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/D.8.2008.tde-01062012-154048. Disponível em: [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USP\\_3ff284468ef4db0f434107f0591b4f75](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USP_3ff284468ef4db0f434107f0591b4f75). Acesso em: 01 jun. 2021

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HOFBAUER, Andreas. Cultura, diferença e (des)igualdade. Contemporânea – **Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFSCar, n. 1, p. 69-102, 2011.

IPHAN. **Patrimônio Imaterial**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>>. Acesso em: 14 jun. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro, 2000

KLEN, Paulo. **Sliks**. 2020. Disponível em: <http://rafaelsliks.com/>. Acesso em: 14 out. 2021.

MAPA Cultural SC. Grupo *Hip Hop X-Style*. Disponível em: <http://mapacultural.sc.gov.br/agente/9912/>. Acesso em: 12 maio 2021.

MENDES, António Rosa. O que é património cultural. **Olhão**: Gente Singular Editora, Lda. 2012.

MIRANDA, Lucas Mascarenhas de. Memória individual e coletiva. **Jornal da Unicamp**. 2019. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2019/05/27/memoria-individual-e-coletiva> Acesso em: 15 jun. 2021.

NASCIMENTO, D. A. S.; SIMON, C. B. Hip Hop e marginalidade: possibilidades de leitura. In: Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas, 7., 2008, Londrina. **Anais...** Paraná: Universidade Estadual de Londrina Centro de Letras e Ciências Humanas, 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/DanielliASNascimento.pdf>. Acesso em: 20 maio 2021.

OLIVEIRA, A. P. C. **Movimento Hip hop**: educação em quatro elementos. 79p. Monografia de graduação. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educ. rev.**, v. 26, n. 1, abr. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/TXxbbM6FwLJyh9G9tqvQp4v/?lang=pt>. Acesso em: 18 maio 2021

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda (orgs.) **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 7-21.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. Disponível em: <https://www.editorasulina.com.br/img/sumarios/473.pdf> Acesso em: 17 dez. 2021.

PIMENTEL, Spensy. Festa do rap em sapopemba. **Caros Amigos**, Edição Especial, Editora Casa Amarela. São Paulo, set. 1998.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p. 200-215, 1992.

Resolução IPHAN nº 1 de 03/08/2006. Publicado no DOU em 23/03/2007. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=103301> Acesso em: 17 dez. 2021.

Revista Ciências Humanas - UNITAU, Taubaté/SP - Brasil, v. 13, n 1: **A cartografia social e a pesquisa intervenção na formação de professores**. (2020). Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/issue/view/27>. Acesso em: 14 maio 2021.

RIBEIRO, Christian Carlos Rodrigues. **A cidade para o movimento hip hop**: Jovens afro-descendentes como sujeitos político. 2010. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/A-cidade-para-o-movimento-hip-hop.pdf> Acesso em: 17 jun. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **O que é**: lugar de fala? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

ROCHA, Janaína; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. **Hip-Hop**: A periferia grita! São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

SANTOS, Maria Aparecida Costa dos. **O universo hip-hop e a fúria dos elementos**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: doi:10.11606/T.48.2018.tde-19042018-155632. Acesso em: 20 abr. 2021.

SANTOS, Victor; SOUZA, Raphael. **A arte por trás das tags de Rafael Sliks**. Dionisio Arte. São Paulo: 08 dez. 2015. Disponível em: <https://www.dionisioarte.com.br/2015/12/08/a-arte-por-tras-das-tags-de-rafael-sliks/> . Acesso em: 14 out. 2021.

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz; FELIX, João Batista De Jesus. **Hip hop: cultura e política no contexto paulistano**. Disponível em: <http://www.bdae.org.br/handle/123456789/1568>. Acesso em: 12 abr. 2021.

SILVA, R.M.C. D. **Dança**. Porto Alegre, RS: Grupo A, 2018. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595027039/>. Acesso em: 08 ago. 2020.

SILVA , Renata de Lima; **Mandinga da rua. A construção de um corpo poeticamente crítico**. (2011). Disponível em: <http://cepedgoias.com.br/edipe/ivedipe/pdfs/artes/co/303-658-1-SM.pdf>. Acesso em: 23 abril. 2022.

SOUZA, J.; FIALHO, V.; ARALDI, J. **Hip Hop da rua para escola**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer; **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 25 – n. 2, p. 299-322, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000200006>. Acesso em: 17 dez. 2021.

TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no Som: transformações do rap no Brasil**. São Paulo: Claroenigma, 2015.

## APÊNDICES

### **APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – menores de 18 anos.**

Seu filho está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada “A TRAJETÓRIA DO GRUPO *HIP HOP X STYLE* EM SÃO BENTO DO SUL/SC: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA CARTOGRÁFICA”, do pesquisador responsável FRANCISCO EDUARDO SCHIESSL, coordenada pela PROF. DRA. NADJA DE CARVALHO LAMAS. O objetivo deste estudo é conhecer e compreender a trajetória histórica e cultural do grupo *X Style Hip Hop* na cidade de São Bento do Sul, tendo a cartografia como um aporte teórico de investigação sobre os saberes.

. Aos participantes desta pesquisa, será realizado encontros e insere a pesquisa cartográfica (falando sobre os objetos do grupo como medalhas, troféus, reportagens em jornais, sites, etc, através da entrevista oral ligando as três dimensões (passado, presente e futuro) e visa conhecer a trajetória de cada indivíduo, suas conquistas, seu crescimento, suas frustrações e superações. Os encontros acontecerão em 06 (seis) etapas, seguindo um ritmo progressivo correspondendo a uma ampliação da implicação que cada um deve controlar e manifestar. Lembrando que será adotado todo protocolo de segurança em virtude do Covid-19 como, uso obrigatório de máscara, distanciamento de no mínimo 1,5 metros, uso de álcool em gel. Todo o processo de registros documentais e suas memórias narradas acontecerão entre 01/03/2021 e será executada até o mês de 30/04/2021. Esta pesquisa tem como benefícios valorizar e compreender as relações dos integrantes do grupo de dança de Hip Hop, a partir de seus registros documentais e suas memórias narradas. A partir da coleta dos dados, será realizada a análise destes e será elaborado uma dissertação para qualificação e apresentação final em banca no mês de fevereiro de 2022 na Univille – Campus Joinville. Desta forma o respondente da pesquisa estará exposto a riscos reduzidos, compreendendo que não será prejudicado seu bem-estar físico, mental ou sua integridade, pois não serão sujeitados a qualquer tipo de pressão, sendo a entrevista de pesquisa espontânea, resguardando-se a necessária ética e consideração cabíveis. A participação dos indivíduos na pesquisa será opcional e pode apresentar mínimos riscos ou desconfortos na coleta de dados através das entrevistas para a pesquisa, como cansaço físico ou constrangimento. Caso o entrevistado sinta um desconforto ou constrangimento será oportunizado ao participante em não responder à questão, podendo se quiser, continuar dando sequência em responder outras perguntas ou até mesmo parar de responder a pesquisa, se ele optar. Sua participação é voluntária e também poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que a recusa ou a desistência lhe acarrete qualquer prejuízo, bem como, terá livre acesso aos resultados do estudo e garantido esclarecimento antes e durante a pesquisa, sobre a metodologia ou objetivos. É importante saber que não há despesas pessoais para os participantes em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa. O participante terá garantia de acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. O pesquisador responsável por esta investigação é FRANCISCO EDUARDO SCHIESSL, que pode ser contatado em horário comercial das 7:30 h. às 22 h. pelo telefone celular 0478420-4486 ou pelo e-mail francisco.schiessl@univille.br. É garantido o sigilo e assegurada a privacidade quanto aos dados confidenciais

envolvidos na pesquisa. Os resultados deste estudo poderão ser apresentados por escrito ou oralmente em congressos e revistas científicas, sem que os nomes dos participantes sejam divulgados. A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética em pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Univille, no endereço Rua Paulo Malschitzki, 10, Bairro Zona Industrial, Campus Universitário, CEP 89.219-710 - Joinville/SC, telefone (47) 3461-9235, em horário comercial, de segunda a sexta, ou pelo e-mail comitetica@univille.br. Após ser esclarecido sobre as informações da pesquisa, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine o consentimento de participação, que é impresso em duas vias, sendo que uma via ficará em posse do pesquisador responsável e a outra via com o participante. A guarda de toda a documentação e dados da pesquisa e TCLE assinados, bem como demais documentos utilizados, será feita pelo tempo determinado na Resolução CNS 466/2012, que é de 5 anos, ficando sob a responsabilidade do pesquisador principal. Finalizado o prazo de guarda, os materiais serão incinerados. A devolutiva da pesquisa dar-se-á através de relatório a ser apresentado em reunião com os responsáveis dos participantes.

Pesquisador Responsável: Francisco Eduardo Schiessl

Eu \_\_\_\_\_ autorizo meu filho(a)  
\_\_\_\_\_ concordando voluntariamente em participar da pesquisa  
intitulada **“A TRAJETÓRIA DO GRUPO HIP HOP X STYLE EM SÃO BENTO DO SUL/SC: UM ESTUDO  
NA PERSPECTIVA CARTOGRÁFICA”**, conforme informações contidas neste TCLE. São Bento do Sul,  
\_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Assinatura do responsável.

## **APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) maiores de 18 anos, professores coreógrafos**

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada “A TRAJETÓRIA DO GRUPO *HIP HOP X STYLE* EM SÃO BENTO DO SUL/SC: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA CARTOGRÁFICA”, do pesquisador responsável FRANCISCO EDUARDO SCHIESSL, coordenada pela PROF. DRA. NADJA DE CARVALHO LAMAS. O objetivo deste estudo é conhecer e compreender a trajetória histórica e cultural do grupo *X Style Hip Hop* na cidade de São Bento do Sul, tendo a cartografia como um aporte teórico de investigação sobre os saberes. Aos participantes desta pesquisa, será realizado encontros e insere a pesquisa cartográfica (falando sobre os objetos do grupo como medalhas, troféus, reportagens em jornais, sites, etc, através da entrevista oral ligando as três dimensões (passado, presente e futuro) e visa conhecer a trajetória de cada indivíduo, suas conquistas, seu crescimento, suas frustrações e superações. Os encontros acontecerão em 06 (seis) etapas, seguindo um ritmo progressivo correspondendo a uma ampliação da implicação que cada um deve controlar e manifestar. Lembrando que será adotado todo protocolo de segurança em virtude do Covid-19 como, uso obrigatório de máscara, distanciamento de no mínimo 1,5 metros, uso de álcool em gel. Todo o processo de registros documentais e suas memórias narradas acontecerão entre 01/03/2021 e será executada até o mês de 30/04/2021. Esta pesquisa tem como benefícios valorizar e compreender as relações dos integrantes do grupo de dança de Hip Hop, a partir de seus registros documentais e suas memórias narradas. A partir da coleta dos dados, será realizada a análise destes e será elaborado uma dissertação para qualificação e apresentação final em banca no mês de fevereiro de 2022 na Univille – Campus Joinville. Desta forma o respondente da pesquisa estará exposto a riscos reduzidos, compreendendo que não será prejudicado seu bem-estar físico, mental ou sua integridade, pois não serão sujeitados a qualquer tipo de pressão, sendo a entrevista de pesquisa espontânea, resguardando-se a necessária ética e consideração cabíveis. A participação dos indivíduos na pesquisa será opcional e pode apresentar mínimos riscos ou desconfortos na coleta de dados através das entrevistas para a pesquisa, como cansaço físico ou constrangimento. Caso o entrevistado sinta um desconforto ou constrangimento será oportunizado ao participante em não responder à questão, podendo se quiser, continuar dando sequência em responder outras perguntas ou até mesmo parar de responder a pesquisa, se ele optar. Sua participação é voluntária e também poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que a recusa ou a desistência lhe acarrete qualquer prejuízo, bem como, terá livre acesso aos resultados do estudo e garantido esclarecimento antes e durante a pesquisa, sobre a metodologia ou objetivos. É importante saber que não há despesas pessoais para os participantes em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa. O participante terá garantia de acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. O pesquisador responsável por esta investigação é FRANCISCO EDUARDO SCHIESSL, que pode ser contatado em horário comercial das 7:30 h. às 22 h. pelo telefone celular 0478420-4486 ou pelo e-mail francisco.schiessl@univille.br. É garantido o sigilo e assegurada a privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. Os resultados deste estudo poderão ser apresentados por escrito ou oralmente em congressos e revistas científicas, sem que os nomes dos participantes sejam divulgados. A sua participação em

qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética em pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Univille, no endereço Rua Paulo Malschitzki, 10, Bairro Zona Industrial, Campus Universitário, CEP 89.219-710 - Joinville/SC, telefone (47) 3461-9235, em horário comercial, de segunda a sexta, ou pelo e-mail comitetica@univille.br. Após ser esclarecido sobre as informações da pesquisa, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine o consentimento de participação, que é impresso em duas vias, sendo que uma via ficará em posse do pesquisador responsável e a outra via com o participante.

A guarda de toda a documentação e dados da pesquisa e TCLE assinados, bem como demais documentos utilizados, será feita pelo tempo determinado na Resolução CNS 466/2012, que é de 5 anos, ficando sob a responsabilidade do pesquisador principal. Finalizado o prazo de guarda, os materiais serão incinerados. A devolutiva da pesquisa dar-se-á através de relatório a ser apresentado em reunião com os responsáveis dos participantes.

Pesquisador Responsável: Francisco Eduardo Schiessl

Eu \_\_\_\_\_ autorizo, concordando voluntariamente em participar da pesquisa intitulada **“A TRAJETÓRIA DO GRUPO *HIP HOP X STYLE* EM SÃO BENTO DO SUL/SC: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA CARTOGRÁFICA”**, conforme informações contidas neste TCLE. São Bento do Sul, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.

---

Assinatura do responsável.

### **APÊNDICE C: TERMO DE ASSENTIMENTO (no caso de pesquisas com menores)**

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “A TRAJETÓRIA DO GRUPO HIP HOP X STYLE EM SÃO BENTO DO SUL/SC: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA CARTOGRÁFICA”, do pesquisador responsável FRANCISCO EDUARDO SCHIESSL, coordenada pela PROF. DRA. NADJA DE CARVALHO LAMAS.

Neste estudo pretendemos conhecer e compreender a trajetória histórica e cultural do grupo X Style Hip Hop na cidade de São Bento do Sul, tendo a cartografia como um aporte teórico de investigação sobre os saberes.

O motivo que nos leva a estudar esse assunto é trazer à luz a importância da cultura da dança hip hop a partir do estudo sobre o grupo X Style de São Bento do Sul, SC.

Para este estudo adotaremos o (s) seguinte (s) procedimento (s): será realizado encontros e insere a pesquisa cartográfica (falando sobre os objetos do grupo como medalhas, troféus, reportagens em jornais, sites, etc, através da entrevista oral ligando as três dimensões (passado, presente e futuro) e visa conhecer a trajetória de cada indivíduo, suas conquistas, seu crescimento, suas frustrações e superações. Os encontros acontecerão em 06 (seis) etapas, seguindo um ritmo progressivo correspondendo a uma ampliação e vontade que cada um deve controlar e manifestar. Lembrando que será adotado todo protocolo de segurança em virtude do Covid-19 como, uso obrigatório de máscara, distanciamento de no mínimo 1,5 metros, uso de álcool em gel. Todo o processo de registros documentais e suas memórias narradas acontecerão entre 01/03/2021 e será executada até o mês de 30/04/2021. Esta pesquisa tem como benefícios valorizar e compreender as relações dos integrantes do grupo de dança de Hip Hop, a partir de seus registros documentais e suas memórias narradas. A partir da coleta dos dados, será realizada a análise de seus depoimentos feitos na entrevista e será elaborado uma dissertação para qualificação e apresentação final em banca no mês de fevereiro de 2022 na Univille – Campus Joinville.

Para participar deste estudo, o seu responsável já deverá ter autorizado sua participação por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco mínimo, como algum desconforto ou constrangimento, sendo por algum desequilíbrio ou choque durante as entrevistas, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler etc. Caso o entrevistado sinta um desconforto ou constrangimento será oportunizado ao participante em não responder à questão, podendo se quiser continuar dando sequência em responder outras perguntas ou até mesmo parar de responder a pesquisa se ele optar. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do seu responsável legal. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável

por um período de 05 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

São Bento do Sul, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) menor

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) pesquisador (a)

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos/COEP – UNIVILLE  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Joinville/SC - CEP: 89219-710  
Fone: (47) 3461-9235 / e-mail: comitetica@univille.br

Pesquisador (a) Responsável: Francisco Eduardo Schiessl  
Rio Negrinho (SC) - CEP: 89295000  
Fone: (47) 984204486 / E-mail: francisco.schiessl@univille.br

## **APÊNDICE D: ROTEIRO GERAL DE ENTREVISTA PARA USO DA METODOLOGIA**

Projeto de pesquisa: “A TRAJETÓRIA DO GRUPO *HIP HOP X STYLE* EM SÃO BENTO DO SUL/SC: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA CARTOGRÁFICA”, coordenada pela PROF. DRA. NADJA DE CARVALHO LAMAS

Nome: idade, naturalidade, vida escolar, migração, vida profissional antes da dança ou paralelo...

1. O que levou você a se interessar por praticar a dança hip hop.
2. Como isso se relaciona a sua história de vida em São Bento do Sul?
3. O que esta prática de dança representa para você nos dias atuais?
4. Você percebeu alguma mudança em sua vida a partir do momento que começou a praticar a dança do hip hop?
5. A sua vida em sociedade mudou?
6. Algum momento você percebeu ou sentiu algum desconforto social ao praticar este estilo de dança, (como foi isso)?
7. Você percebeu alguma dificuldade de praticar o hip hop em uma cidade que a história marcada pela cultura e migração germânica?
8. Você já sofreu preconceito por praticar a dança, isto tem a ver com o hip hop?
9. Considerando toda trajetória do grupo x style hip hop, você percebe a valorização do hip hop em SBS? Como isso acontece, de exemplos....
10. Você considera o hip hop um patrimônio de SBS. Explique....
11. Qual a sua visão de futuro do hip hop em SBS? Para professores.
12. O que você acha que vai acontecer com o hip hop em SBS? Para alunos.

## **APÊNDICE E: TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS**

Entrevistado 1: Danilo Rogerio de Lara  
Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl  
Transcrição: Francisco Eduardo Schiessl

**Bom dia! Então Danilo, nós estamos aqui para iniciar a nossa entrevista com você e nós sabemos da importância dessa trajetória que você conquistou durante toda a sua fase de profissionalismo na dança ok.**

**Primeiramente, gostaria de saber o seu nome completo e a sua naturalidade. Você pode falar um pouquinho da vida escolar e como você migrou para São Bento do Sul? Também da sua vida profissional antes da dança ou paralelo. Se você não teve alguma função de uma outra área da profissionalização, alguma coisa que você já trabalhava em outra área, se você já visualizava a dança ou não, como foi esse antes de estar diretamente ligado como um profissional de dança?**

**Danilo.** \_Então, bom dia Francisco, quero agradecer primeiramente pelo convite né tá participando do projeto. Meu nome é Danilo Rogério de Lara, professor e coreógrafo do grupo hip hop X-Style, eu nasci na cidade de Rio Negrinho, Santa Catarina. Fui Morar em Curitiba daí na fase de adolescente chegando na fase adulta eu voltei para Rio Negrinho né aonde eu voltei com a minha família, morar em Rio Negrinho e fiquei um ano ali morando e minha mãe voltou para Curitiba e eu falei para ela que eu não queria voltar morar para Curitiba, eu queria ficar em Rio Negrinho, queria tentar minha vida ali e a partir dali de Rio Negrinho morando praticamente sozinho ali, mesmo tendo a minha família em Rio Negrinho e minha família toda mora ali né, tio, primos, mas eu me sentia muito sozinho e eu comecei ali com adolescentes, ali com amigos adolescentes e ali que eu formei um grupo de dança né, eu dançava em danceterias, boates que eles chamam aqui nessa região, e foi ali que eu vi que eu tinha o dom da dança assim né, Mas não o dom de ensinar e sim o dom de dança, né então eu gostava de dançar bastante, e eu comecei praticar dança, dar aula 2001 mais ou menos né que eu tive um convite de uma mãe de dois, de duas crianças do colégio São José que pediu para mim ensaiar os dois dois filhos delas e dois amiguinhos para participar do show de talentos da escola que tinha o talento no Colégio São José e ali que eu vi que eu tinha o dom para ensinar também né, então ali eles participaram do primeiro show de talento que tinha dentro da escola que ganharam em primeiro lugar e depois participaram de um festival regional não pessoal Municipal de talentos que tinha no ginásio Briscão em Rio Negrinho né. E daí a partir daquele momento eu comecei a ver que eu tinha o dom né para dança, para ensinar né, e a gente começou e eles participaram de um show de talentos Municipal e teve um jurado que tava participando desse evento e convidou o grupo para participar do festival Mário de Andrade que era um festival escolar em Santa Catarina e para participar em Jaraguá do Sul. Nesse momento que foi participar desse festival, chegando lá, eu com meu grupo eu tinha tipo ganho em dois primeiros lugares dentro do colégio no município, eu cheguei lá e falei: “há vai ficar entre os primeiros né” achando que ia conquistar uma colocação, mas chegando em Jaraguá do Sul eu vi que os grupos de lá eram muito assim evoluídos né e a partir daquele momento eu vi que a dança tinha além daquilo que eu ensaiava né, porque eu ensaiava muito com o pé, era só pezinho né, então era muita coisa de salão mesmo, e depois eu fui ver que a dança era muita

evoluída do que eu fazia né, eu até hoje não esqueço de um grupo de Jaraguá do Sul que eles dançavam com uma touca de natação e tem umas meninas dançavam uma música dos Vengaboys que ela tinha uma evolução muito grande assim a partir daquele momento vi, opa, a dança tem a mais e eu comecei a pesquisar mais a dança, comecei trabalhar mais braços, comecei trabalhar mais corpo, e a partir daquele momento eu fui evoluindo né. E teve um primeiro festival de dança em Rio Negrinho que aconteceu em 2001, eu não cheguei a participar com o meu grupo, que eu tinha de adolescentes, eu fui só lá assistir a primeira noite, assistir o que umas duas apresentações e fui pra uma danceteria né, com um amigo meu lá a gente foi pra lá dançar e eu nem dei importância para o festival de dança né, daquele ano foi 2001, em 2002 que surgiu o festival de novo, aí eu comecei a querer participar do evento, mas como era o festival escolar, só podia participar alunos de escola pública Estadual tipo enfim, alunos que tivesse matriculado em escola, eu peguei todos aqueles adolescentes que não estavam matriculados, que alguns ainda precisavam estudar, era o meu caso também, eu matriculei todos os alunos eu corri atrás da documentação ele já sendo adultos já né, então eu corri atrás de toda a documentação deles e matriculei eles todos no antigo CEJA enfim, eu matriculei todos os alunos para a gente poder participar do festival escolar porque senão ele não poderia participar, então foi meu primeiro festival de dança que eu participei foi o festival de dança em Rio Negrinho em 2002, ali também houve muitos grupos de Rio Negrinho, das cidades e muita evolução e a partir daquele momento comecei a estudar mais da dança, pesquisar mais e assim foi indo.

**Eu percebi que você demonstrou o interesse da dança e você conseguiu perceber uma forma de ter uma representatividade competitiva naquele momento com esses adultos, que você conversou com eles e inseriu eles dentro do antigo CEJA? Considerando então, você falou da dança, um interesse, essa paixão da dança. Assim, o que levou você a se interessar por praticar a dança hip hop, agora característica do estilo danças Urbanas, esse estilo de dança.**

**Danilo.** \_Então, a partir desse momento até quando eu comecei com a dança, não sabia que estilo que trabalhava né, até porque nessa época ainda não tinha assim, tinha o ballet clássico, tinha o jazz, mas não as danças urbanas, hoje né, que é reconhecido como danças urbanas não tinha um nome definido, não tinha a modalidade definida né, que começou com o street dance depois foi para dança de rua depois surgiu dentro do urbanas e dentro da danças Urbanas alguns cinco ou seis anos atrás mais ou menos, aí surgiu todas as modalidades que existem dentro das danças urbanas, dentro do hip hop e então daquele momento que eu participei do festival de dança, em 2003 teve uma professora de Rio Negrinho a Elaine Martins que ela colocou uma matéria no jornal que tava participando do festival de dança Joinville, que mandou um VHS, né porque era VHS para o Festival de Dança de Joinville e eu li aquela reportagem e me interessou de participar do evento, mas só faltava uma semana para o evento, o que que eu fiz, eu peguei, filmei meus alunos e também mandei para o Festival de Dança de Joinville que era considerado hoje o maior festival de dança do mundo. e daí isso foi em Abril e em Maio saiu o resultado e o meu grupo foi o único grupo a conseguir a classificação para participar do festival dança de Joinville e aquilo para mim foi uma vitória muito grande mas eu não sabia o que que tava que ia acontecer lá na frente, que tamanho que era esse evento, chegando lá no festival dança Joinville, aí sim eu vi o que era dança, aí realmente eu vi as

modalidades definidas, o que era Jazz o que era o balé, tanto que eu fiz um curso de danças urbanas na época dança de rua com Fran Quejara, que era uma considerado o rei do Loking, vamos dizer assim, que eu comecei a participar ela, praticar essa modalidade né. E aí eu comecei a ver o que que era cada modalidade e ali eu vi os grupos de São Paulo, Rio de Janeiro que dançava dançavam dança de rua né, que eu, hoje conhecido como hip hop, danças urbanas, e eu comecei a praticar, não, eu vou procurar um caminho só, que é essa dança né, que é a dança de rua. E a partir daquele momento eu comecei a praticar mais a dança de rua, hip hop, eu comecei a pesquisar, a fazer cursos e direto nessa modalidade né, então por isso que eu aonde eu conheci nos grupo foi no festival dança Joinville, ali que eu conheci essa modalidade né, que é a dança de rua, então eu comecei a praticar isso aí comecei fazer os movimentos certos para aquela modalidade né, pra mim poder participar dos festivais mudança na modalidade certa né,

**Nessa época, você ainda estava em Rio Negrinho, e essa transição de você ter vindo para São Bento do Sul, agora como você se relaciona a sua história de vida em São Bento do Sul? Como isso aconteceu?**

**Danilo.** \_ Então a partir desse momento que eu comecei a trabalhar em Rio Negrinho, que eu conheci esses grupos, conheci um grupo chamado, não lembro o nome do grupo agora, mas era da Cohab, que era da Eliane, Eliane Ribeiro, eu fui fazer um trabalho com eles um trabalho voluntário com aquele grupo, uma parceria vamos dizer assim, e a professora ela na metade do caminho, ela desistiu. Porque ela tinha academia, começou a abrir uma academia de musculação e ela desistiu no meio do caminho e eu comecei a ter, eu falei: Não! Eu não vou desistir do grupo né, e continuei com ele lá dentro do da escola do Pedro Henrique e trabalhei lá naquela comunidade né, na Cohab. E daí eu vi que a cidade, na comunidade inteira já fazia essa dança ali, eu tinha uma taxa de 200 e 300 alunos que faziam aula comigo, tanto do infantil quanto adulto, então chegava aquele horário 5:30 onde eu fazia um serviço voluntário. Então aquela frente ao centro comunitário ela cheia de crianças querendo fazer aula né. E daí eu pensei: Não! Eu vou querer algo a mais do que isso aqui né, então eu comecei a procurar a cidade de São Bento do Sul para montar um grupo também eu procurei duas semanas seguidas a diretora aqui da Escola de Educação Básica São Bento e ela tava em reunião na primeira semana eu vim aqui falei com ela ela tava em reunião não pode me atender, na segunda semana a mesma coisa, na terceira semana, eu falei a última semana que venho aqui, pensando comigo, se não der certo eu vou desistir de São Bento, eu vou ficar só em Rio Negrinho mesmo, mas na terceira semana que vim aqui ela conseguiu me atender, e eu falei para ela que eu queria fazer um serviço voluntário dentro da escola dela, que eu tinha um grupo de dança, assim, assim, assado, e daí ela falou assim: Não, eu vou aceitar seu trabalho só que não voluntário, a gente vai cobrar uma mensalidade, isso na época em 2004, de três reais a mensalidade, três ou cinco reais eu não lembro agora, porque eu já conheço o teu trabalho, vi o teu grupo no Bandeirantes, Bandeirantes aqui em uma sociedade que tem aqui em São Bento do Sul que a gente venho uma vez pular o carnaval aqui com meu grupo de Rio Negrinho e ela viu já o trabalho dentro da Bandeirantes e eu gostei bastante do teu trabalho, então pode fazer esse trabalho aqui dentro da escola, só que como é uma cidade alemã, uma cidade muito folclórica, então quando eu trouxe o Hip Hop para cá, então ficou muito preconceito né, com o Hip Hop, O preconceito aqui foi muito grande no início, só que as pessoas começaram entender depois que ele próprio não era, eles tinham uma visão do hip hop, eu trouxe outra,

outra visão, outro lado do hip hop né, então, o grupo primeiro ano que eu formei o grupo aqui eu consegui 15 alunos só né, que foi 15 alunos que participou do festival de dança que era Mário de Andrade que era escolar, onde o grupo do colégio São Bento ganhou em primeiro lugar, ele ganhou no município primeiro lugar e foi disputar o Regional que também o grupo ficou em primeiro lugar que onde foi disputar o estadual em Laguna e foi em 2004 e eu fiz aí como eu tinha um grupo em Rio Negrinho e São Bento do Sul eu não queria nem existir de lá e nem ficar só com um grupo aqui, eu fiz uma junção entre os dois grupos e daí eu formei o grupo “Hip Hop X Style”, porque antigamente meu grupo era “Quem não dança baila” e depois eu formei o grupo Hip Hop X Style. Então eu tinha alunos de Rio Negrinho e alunos de São Bento do Sul, eles dançavam no mesmo grupo, então eles ensaiavam uma semana aqui, uma semana lá, um sábado sim, um sábado não, eles se uniram para a gente ensaiar juntos e o grupo ficou bem forte na época assim como que era, tem bastante alunos de São Bento e Rio Negrinho. Então tinha essa, essa união deles, essa força deles, estão a gente começou a participar de festivais de dança, mas representando sempre Rio Negrinho, nos dois primeiros anos que tinha essa junção foi representando Negrinho, depois né, eu vim para São Bento do Sul e depois a gente começou a representar SBS mesmo, mas antigamente a gente representava Rio Negrinho com hip-hop X Style.

### **O que esta prática de dança representa para você nos dias atuais?**

**Danilo.** \_Na verdade ela para mim particularmente, ela, ela representa minha vida né, eu amo isso aí né, Eu amo a dança eu eu praticava ela assim como um hobby né Depois ter uma profissão né hoje eu sustento a minha família com uma dança, mas eu tenho ela como minha vida, como minha paixão, tipo assim, eu, eu, até me emociono, eu sempre falo pro meus alunos, seu eu parar de dançar eu acho que eu morro, porque eu tenho isso como minha vida, assim, eu tenho uma paixão por dança e o que eu já fiz, hoje eu estava até vendo algumas imagens e eu tô dois anos bem dizer parado sem poder apresentar, então eu tenho uma paixão por ela assim, imensamente assim, as vezes muitas pessoas falam que é só uma dancinha, mas eles não vê o que tem por trás de tudo isso, o que eu faço pelos alunos, o que isso representa para as crianças e adolescentes, o que isso muda na vida deles né, o que muda dentro da casa deles, dentro da escola, e dentro da vida deles, eu falo hoje eu converso com eles alunos e eles, muitos falam que os melhores momentos da vida deles foi dentro do hip hop, foi dentro da dança, então eu sempre falo com meus alunos para os menores, para eles aproveitarem esses momentos da vida deles, porque quando eles crescerem, isso aí vai passar eles vão sentir muita falta disso aí, porque eles vão ter a fase adulta, é que eles vão ter que ter responsabilidade de adulto então eu sempre falo isso para eles, aproveite esse momentos, momentos de festival de dança, momentos de viagem, esses momentos de alojamentos, momentos de acampamento que a gente faz, encerramento final de ano, porque esses momentos sim, fica marcado para a vida deles né, e a dança para mim representa a minha vida né então eu não sei viver sem ela eu com essa pandemia que fiquei muito tempo parado tive depressão e fiz alguns tratamentos e já faz mais de dois anos que eu tô sem apresentar né dentro de um palco e fazer uma apresentação, então isso sinto muita falta, então dá para ver realmente o que a dança me faz falta né, então eu continuo dando aula, tem meus alunos, estão voltando mas é, falta aquela apresentação, falta estar no palco né, nos festivais de dança né, então, a dança para mim representa isso né, representa para mim representa minha vida e se um dia eu

parar de dançar eu acho que eu para mim é o fim né, então eu falo pro meus alunos, também não sei até quando eu vou poder dar aula né quando o meu corpo vai aguentar, mas até se eu puder dar aula mais de 60, 70 anos eu vou tá dando aula, não vou ter a mesma energia de um jovem, mas eu vou estar ali com experiência né, mas eu vou estar sempre dentro da área da dança, sempre.

**Você percebeu algumas mudanças na sua vida a partir do momento que começou a participar dessa dança hip hop, sua vida em sociedade, ela mudou?**

**Danilo.** \_ Voltando ali para trás, quando eu fui morar em Rio Negrinho, na verdade que minha família foi embora eu fiquei sozinho, eu sofri muito preconceito dentro da cidade né, que era mau elemento que eu era drogado, que eu fazia na frente do colégio, então eu sofri muito preconceito dentro daquela cidade né, de Rio Negrinho. Eu tenho minha cidade natal, eu amo RN, é minha origem, onde eu comecei ali com a minha, minha dança, mas no início eu sofri esses preconceitos, mas eu queria provar para comunidade em si, para aquelas pessoas, que eu não era aquela pessoa má que eles falavam e através da dança, através desse talento que eu tinha né, eu consegui provar para eles que eu não era essa pessoa né, então através da dança ali eu mudei essa visão, por exemplo, eu trabalhei alguns anos tipo uns três, quatro dentro da cidade de Rio Negrinho, depois eu fui embora e quando eu queria abrir as portas dessa área na cidade então eu fui barrado, com as portas fechadas e eu vim para São Bento do Sul e as portas se abriram e depois de alguns anos, depois de alguns anos, a cidade, os governantes pediram para mim voltar, ex prefeitos enfim, pessoal da Fundação Cultural, e só que eu não tinha mais tempo para isso né, porque eu tava trabalhando em SBS, então não tinha como voltar para lá, para abrir essas, essas portas vamos dizer assim, e eu continuei somente em SBS e depois que meu grupo começou a participar de programas TV, aí Rio Negrinho sentiu falta daquele coreógrafo, daquele professor que foi embora, daquela cidade, por quê, porque ele era muito, tinha muito preconceito em cima dele né. É porque ele não tinha uma formação, porque ele não, não tinha escolaridade, enfim, mas eu tinha o talento, eu não tinha a formação, que na época falava que era a educação física né. Depois com o tempo a gente viu que não era essa formação para trabalhar com a dança, que tinha que ser formado enfim, não vamos entrar em detalhes, mas eu corri atrás da dessa, dessa documentação, dessa formação e depois eu me formei em dança tirei meu DRT, enfim, com tempo, também eu tive o tempo né, eu vi que eu precisava ter essa documentação, também porque não podia trabalhar em qualquer lugar sem documentação e depois eu consegui essa documentação e eu consegui provar que eu tinha o talento pra aquilo ali, pra área da dança, e esse preconceito eu sofri na cidade de Rio Negrinho, na cidade de SBS eu já não sofri isso. Mesmo eu iniciando aqui sem informação nenhuma eu não tive esse preconceito dentro da cidade, mas eu tive preconceito com a região, com alguns profissionais que sabia que não era formado, tipo, Mafra, Rio Negrinho, enfim, que disputavam festival Regional, mas dentro de São Bento do Sul não tinha isso, mas depois eu consegui mostrar para eles que eu tinha talento e corri atrás da minha documentação né, que eu precisava então mudou todos os preconceitos que eles tinham né da minha pessoa depois através da dança né, através desses programas de TV, principalmente os que eu participei, que eles começaram ver o trabalho realmente assim, começou aparecer no Nível Nacional né.

**Professor Danilo, no sentido então, a gente sente um pouco na tua fala que você teve uma barreira em alguns momentos dentro da história da dança, dentro da sua evolução com a dança, pessoas que de repente tentaram interferir nesse desenvolvimento. Pensando agora um pouquinho também em São Bento do Sul, por você estar inserido, porque você saiu de RN como você falou e vem para São Bento do Sul, aqui você fez sua história, efetivou a história, Você percebeu alguma dificuldade de praticar o hip hop aqui na cidade de São Bento do Sul, que na sua história é marcada como uma cultura de migração europeia, por ter um estilo germânico cultural dentro da arte e você inseriu uma novidade em SBS, porque a cultura Urbana ela vem dá ideia marginalizada, do gueto?**

**Danilo.** \_Como eu falei ali, no início eu sofri esse preconceito pelo fato de ser essa cultura mais assim de rua né, uma coisa assim, e como é uma cidade folclórica, então tinha muito grupos folclóricos dentro do município, até dentro do colégio São Bento existia um grupo, existe até hoje um grupo folclórico, então grupo tinha na época 50 componentes e eu, eu consegui formar só 15 componentes né dentro do colégio do colégio SB, porque eles não conheciam o hip-hop, não é até porque não conhecia, mas também, porque chegaram em casa falando pros pais: porque eu quero fazer o Hip Hop, mas aí os pais já vinham com aquele preconceito e não deixaram muitas crianças fazer o Hip Hop, mas eu consegui 15 alunos e daí aqueles 15 alunos foram mostrando para aqueles outros alunos, foram mostrando os pais dentro das apresentações da festa junina ou no final de ano, na noite natalina da escola, dentro do festival escolar. Então os pais começaram a ter outra visão do hip hop, do primeiro ano consegui 15 alunos no segundo ano já estava com 60 alunos para fazer aula comigo e assim cada ano foi crescendo cada vez mais, hoje em dia eu entrego o bilhete, até hoje eu entrego o bilhete nas escolas de São Bento para fazer aula, hoje são na faixa de 600 e 700 crianças que querem fazer hip hop, mas eles não podem fazer às vezes por causa do horário, eles não conseguem fazer porque os pais não tem como trazer, enfim, mas quando eu passo na escala entregar os bilhetes eles levantam a mão, quem quer fazer o Hip Hop, que só leva o bilhete para casa quem quer fazer, é na faixa de 600 e 700 crianças que querem fazer hip hop, então, para as crianças e para a comunidade em si hoje, o hip-hop é, é tudo pra eles né, dentro daquele colégio, porque o grupo folclórico na verdade, ele foi diminuindo e chegou uma época que eu trabalhava no colégio São Bento, nenhum aluno mais queria fazer esportes, futebol, não queriam mais fazer outros, queriam fazer o Hip Hop só, então eu tive depois esse preconceito dentro da escola, porque os outros alunos não queriam fazer as duas modalidades queria fazer só hip hop e teve um professor eu não vou falar o nome dele, mas ele dentro da escola, que ele tentou me tirar de dentro da escola porque ninguém mais queriam fazer as outras modalidades, queria fazer só o hip-hop e só pensava em dança só, porque o hip hop assim estava muito evoluído, no auge vamos dizer assim... e daí a criançada só queriam fazer isso, então muitos entravam também só porque aí eu tô no hip hop X Style, mas não faziam dança assim né, não tinha aquela paixão né, então isso com o tempo, eles foram, o professor foi tentando me tirar de dentro da escola, ...só que como a diretora era muito minha parceira e ela viu que eu fazia um trabalho muito sério dentro da escola...ela não deixou nesse sentido né, ela não deixou eu sair de dentro da escola, no sentido "eu né", mas queria tirar o meu grupo, porque meu grupo daí, como eu não tinha muito espaço para ensaiar, eu estava dentro da escola, tinha alunos de outras escolas, que ensaiavam dentro do colégio São Bento, até porque os alunos que passaram de ensino fundamental para o ensino médio e continuavam fazendo uma aula né,

começaram na infância 1º, 2º anos e depois ficaram anos comigo fazendo aula, depois foram para o ensino médio e queriam continuar e continuaram, porque a escola abriu a porta e depois fecharam, deixaram só os alunos do colégio São Bento, ...mas foi aí que, isso foi em 2013, foi aí que eu falei: Não! então eu saio junto com eles porque eu não vou deixar os alunos na mão, então eu vou ter que procurar um espaço para mim e foi que a diretora falou que não, que não era para mim sair, era para sair só os alunos,... eu falei: Não! Eu saio junto, porque eu tinha um vínculo com eles né, não era só ummmm....., e aí foi que a gente saiu em 2013, é, 2013 agosto, setembro de 2013, a gente saiu do colégio São Bento, daí eu procurei meu espaço, aí eu abri meu estúdio em São Bento do Sul.

**Hoje você percebe a valorização do hip hop em São Bento do Sul? Como isso acontece? Você pode dar exemplos?**

**Danilo.** \_Eu vejo a valorização no seguinte, aonde eu vou hoje, tipo assim, eu não apareço muito nos festivais, quase sempre fico, sempre atrás das Coxias, mas eu vejo assim, que quando eu vou, assim, que todo mundo falava: Ah, você é o professor do grupo X Style? Aí eu falei sim. Ah, tanto que estes tempos eu vou contar uma história, eu fui trocar o pneu do meu carro e tal, eu estava de máscara e tudo, daí o cara deu um valor x lá e o cara falou assim: Eu acho que eu conheço você de algum lugar né, E aí eu falei: Eu trabalho com o grupo assim, assim, assado... ele falou: tire a máscara pra mim te ver, tirei a máscara e ele falou: só porque você é o professor do grupo X Style e faz um trabalho legal vou te dar um desconto, então eu acho assim, a comunidade gosta muito do nosso trabalho entendeu, eu acho assim, foi feito um trabalho muito importante dentro da cidade e a comunidade fala muito bem do trabalho do hip hop X Style e as crianças falam, os pais falam, então isso, a comunidade começou ver que é um trabalho muito bom, hoje eu posto algumas coisinhas no Facebook sobre o trabalho do grupo e as pessoas já comentam, já querem participar do grupo, querem ver que horário que tem para as crianças, tem, tem pais que querem colocar suas crianças com 4,5 anos eu não trabalho com a essa idade, trabalho acima de 5, 6 anos, então os pais começam, eles querem por seus filhos dentro do hip hop, então é isso é uma, é uma imagem para o grupo, o que o grupo mostrou aqui dentro de São Bento do Sul, que o hip-hop é muito importante, que a dança em si é muito importante né, outros profissionais tentaram montar o Hip Hop aqui dentro do SBS, eles não conseguiram, tanto que o meu grupo é o único grupo dentro de São Bento do Sul, veio outros profissionais de Joinville, aqui em SBS existe uma academia de dança e não consegue montar essa modalidade dentro da Academia porque não tem alunos, porque os alunos querem fazer aula no hip hop X Style, porque não sei se querem fazer aula com o Danilo ou querem fazer aula como hip hop X Style... sabe eu ainda não cheguei a esta conclusão. Mas eu acredito que é pelo grupo em si, pelo trabalho que o grupo faz, pelo que ele já fez né, então tanto que o grupo já participou de vários festivais de dança, então, teve anos que a gente ganhou seis anos consecutivos o maior Festival de dança do mundo e todo ano que a gente fazia matérias em jornais né, tipo, direto, então isso foi divulgando bastante nosso trabalho e hoje em dia é vai na nossa comunidade, vai nos bairros, às vezes eu faço trabalho de projetos sociais nos bairros e a galera quer fazer o hip hop né, faz o hip hop, ele não tem condições de fazer uma aula aqui no centro mas quando eu tenho essa oportunidade de fazer no bairro lá com o professor Danilo, eles fazem né, e para eles é muito gratificante que eu tenho esse projeto esse ano, dança nos bairros né, provavelmente devido a pandemia não vai dar para fazer esse projeto, mas para o

ano seguinte, assim que acabar essa pandemia vai dar para fazer, que a dança nos bairros que eu quero levar a dança hip hop né, que é dança hip hop pros bairros, pra essa comunidade de não tem condições de pagar uma mensalidade, enfim, poder praticar essa, essa modalidade né, que é o Hip Hop.

**Pensando agora tudo que você falou, toda trajetória, toda importância social, você vê o Hip Hop como um patrimônio de São Bento do Sul?**

**Danilo.** \_Cara, você falou uma palavra, assim, ideal assim, eu vejo sim como um patrimônio de São Bento do Sul, até, eu falo em morte, um dia enfim, no dia quando eu morrer, se tiver oportunidade de antes de eu tiver indo aí, e alguém puder abrir um espaço cultural no meu nome, um ginásio, em uma escola no meu nome, para pessoas lembrar quem foi Danilo Rogério de Lara, enfim né, que divulgou o hip hop, que divulgou essa arte dentro de São Bento do Sul. O que eu fiz dentro de São Bento do Sul até dentro de Santa Catarina ou vamos falar até a nível Nacional, ninguém vai fazer mais o quanto de programa de TV que eu participei, que nem existe mais, se ela danço eu danço, ... igual Talent Brasil, Geral do Brasil enfim, Raul Gil quatro anos seguidos, Se Vira nos 30, divulgando essa arte o Hip Hop, divulgando essa modalidade, não vi nenhum grupo fazer isso, para ver isso, no Brasil inteiro entendeu, participar de tantos programas de TV e ainda mais com crianças e adolescentes entendeu então assim ficou muito marcado então se você vai ter um Festival de Dança de Joinville que tava participando um ano que eu fui dançar com Duo e tinha um Duo do Rio de Janeiro também competindo e ele estavam do nosso lado fazendo alongamento, aquecimento e o eu lembro que a menina falou para o menino assim, falou: Esse aqui é o X Style, eles já vão ganhar em primeiro tipo assim, um duo do Rio de Janeiro, você já imaginou? já falando que ia ganhar com medo do meu grupo, então meu grupo é conhecido nacionalmente, tipo assim entendeu, às vezes eu acho que não, mas ele é conhecido né porque pelo fato de eu participar desses festivais e teve um, eu fiz um São Bento em dança em 2019, teve jurado do Rio Grande do Sul e que veio, participou do festival e daí o para ele ir embora ele saía no domingo e o evento aconteceu sexta e sábado e daí ele ficou lá no hotel, no domingo que ele né, que ele ia sair do hotel ele almoçou na minha casa e daí ele ia porque à tarde ele ia ir embora né. E daí Ele olhou todo, todos os troféus certinhos, conversou assim com ele sentado no sofá, ele olhou assim: Cara! Isso aqui tem uma história. E tem uma história muito grande aqui porque ele participa de vários festivais porque ele era jurado, ele faz alguns eventos, ele já participou também, tanto que ele comentou né, mas ele falou assim: você tem uma história muito grande aqui, isso aqui, dentro de uma cidade pequena, quando ele falou assim, que ele é de Porto Alegre, de uma cidade pequena que é São Bento do Sul, mas você tem uma história muito grande aqui dentro, isso aqui tem que ser divulgado isso aqui, sabe você tem coisas que grupos assim, conhecidos não conseguiram fazer né, enfim, então, porque eu metia a cara mesmo, tinha os festivais eu tava envolvido, eu quero, eu vou dançar, então eu levava a criançada e é muitos jurados até falavam assim: “que fórmula você usa para as crianças dançar desse jeito, nesse palco, eu falo: a forma que eu uso é amor, dedicação, é porque eles dançavam com uma energia naquele palco, que os jurado ficavam assim, tipo, de onde vem esse grupo entendeu, tanto que eu participei de Campeonato Brasileiro em São Paulo eu fui no ninho, que eu falo ninho do hip hop, que em São Paulo, Ribeirão Preto, que está o Campeonato Brasileiro, eu chego com os loirinhos lá assim né, os alemãozinho, os caras falavam não vai dançar nada, meu, quando eles fizeram o ensaio de palco, a galera já ficou assim, tipo né, quando chegou

à noite a gente tava assim, era um evento que tinha um Palco em cima e daí o camarim em baixo, quando eles tavam em cima que eles iam dançar eu escutei a galera falando: é eles, eu só escutei essa palavra. Cara! O pessoal subia a escada assim tudo amontoado pra ver o meu grupo dançar entendeu, aqueles pequenininhos dançando, vendo meu grupo arrebatando, a gente ganhou em primeiro lugar, a gente ganhou o brasileiro de hip hop, onde a gente ia representar o Brasil no Estados Unidos em 2010, pra Las Vegas a gente ia representar o Brasil e a gente foi campeão brasileiro em São Paulo, imaginem, eu fui lá no ninho dos caras, entendeu, eu meti a cara mesmo, vamos embora e então, eu consegui ver como o grupo era reconhecido né, como o pessoal gostava bastante nosso trabalho entendeu, então isso, eu acho assim que ficou marcado em São Bento do Sul essa história, então a gente divulgou bastante a nossa cidade né, a gente vai divulgar ainda né, conforme os anos, mas assim, todo mundo vai falar de São Bento do Sul, eu conheço São Bento do Sul, tem um grupo assim assim assado, tanto que quando a gente ia no Raul Gil, O Raul Gil sempre falava: São Bento do Sul, sempre falava né o grupo de São Bento do Sul...então ficou marcado né. Então é isso, tá na mídia, tem no YouTube os vídeos e a gente tá sempre divulgando a nossa cidade, eu acho que marcou bastante sim, eu acho que para cidade de São Bento do Sul é, como é que se diz, é como você perguntou ali, é de São Bento do Sul hoje né, o hip hop X Style é de São Bento né.

### **Na sua visão de futuro do hip-hop, como você tem essa visão para futuro em São Bento do Sul?**

**Danilo.** Então, antes eu tinha o meu grupo fechado né, então ele era o Hip Hop X Style, como eu falei, antes era no Colégio São Bento, depois eu montei um espaço atrás da rílex ali, e hoje eu tenho uma escola de dança né, Eu abri uma escola de dança né, então eu quero assim, fazer todas as modalidades dentro do da escola de dança. E como eu falei ali em algumas partes, têm um projeto chamado Dança nos Bairros né, O que eu quero fazer, eu quero pegar o Hip Hop e levar para os bairros né, Eu quero trabalhar em todos os bairros da cidade, levar o hip hop para eles e dentro dos bairros eu quero selecionar os melhores, os destaques vamos dizer assim, não os melhores, mas os destaques e dar bolsa para eles, trazer para dentro do hip hop X Style né, para eles poder participar do grupo, grupo competitivo, grupo que sai para os festivais de dança, então assim, eu quero divulgar em todos os bairros, o meu grupo aqui é muito centro né, mas tem os alunos, Serra Alta, do Centenário, Cruzeiro, enfim, de todos os bairros.... mas aqueles alunos que os pais têm condições de trazer a participar, mas eu quero levar a dança até aquelas crianças que ela comunidade que não tem condições de vir até aqui e depois com esse projeto eu quero trabalhar com eles nos bairros e depois trazer ele para cá né, com todo o projeto social enfim, aí eu tenho que trazer eles para dentro do hip hop X Style para fazer essa modalidade crescer cada vez mais em São Bento do Sul e de Santa Catarina, porque eu conheço vários grupos principalmente nessa época da pandemia, mais antes já estava acontecendo isso, se muitos grupos estava se acabando, muito grupo acabaram, não existe mais né, então assim eu conheço vários grupos de dança que acabou né, porque, porque talvez eles não tinham essa, esse amor pela dança, enfim no decorrer da caminhada deles, eles não queriam mais, enfim, eu não consigo entender, mas assim, muitos grupos acabaram. Então os grupos de antigamente que eu participava de festivais de dança, hoje não existe mais entendeu, hoje são outros nomes né, outros profissionais, mas o hip hop X Style tá ali, tem a sua linha de trabalho, seu ritmo, mas a gente tá ali na luta né, entendeu, então hoje em dia tem esses, essas

modalidades, as modinhas como eles chamam né, mas a gente continua com a nossa linha de trabalho, então o pessoal gosta bastante e são gerações e gerações que vão, hoje tenho turminha de 5, 6 aninhos aí que estão fazendo aula, que eu acho que é geração futura né, então, eu trabalho com essa galerinha, eu gosto de trabalhar com essas crianças por isso, que eu consigo ficar anos com eles trabalhando essa modalidade né.

Fim da entrevista

Entrevistado 2: Mateus Henrique Ozeika  
Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl  
Transcrição: Francisco Eduardo Schiessl

**Eu gostaria que você primeiramente falasse seu nome completo, idade, natural de onde, sua vida escolar, e o que que você faz nos dias atuais e antes da dança.**

**Mateus.** \_ Meu nome é Mateus Henrique Ozeika, tenho 22 anos, sou daqui de São Bento mesmo, nascido e criado desde sempre, nunca, nunca saí para morar fora daqui, na questão vida profissional, hoje eu trabalho em dois lugares, assim, eu durante o dia ali na parte da manhã e até mais ou menos a metade da tarde eu trabalho numa Cantina escolar, que é um negócio de família, eu trabalho lá! E depois ali do meio da tarde para frente eu tenho, tem as turmas aqui claro do hip hop e também eu ajudo mesmo sempre no que eu posso, não que eu consigo ajudar também, não tem como fazer tudo que ele faz, porque só ele tipo, não tem como entrar na cabeça dele sabe, então a gente tenta auxiliar o máximo possível no que ele pode.

**O que levou você se interessar por praticar a dança hip hop**

Eu comecei quando tinha sete, 2007, oito anos, comecei quando eu tinha 8 anos, então foi em 2007 e comecei, comecei como ele sempre fazia no começo de todos os anos ele passava nas salas perguntando quem, quem queria fazer parte do grupo, como funcionava, assim, assim, assim, eu me interessei, foi até perto do meu aniversário, foi ali em Março no começo do ano escolar, meu aniversário é dia 12 e eu lembro que eu cheguei em casa eu falei com a minha mãe e perguntei se eu podia fazer, não sei o quê, não sei o quê, ela ficou meio assim ainda, meu pai não deixou, meu pai não deixou, ele na época eles ainda eram casados, meu pai não deixou, eu tentei convencer minha mãe minha mãe, e minha mãe falou há não sei o que, não sei o que, e eu fui argumentando, comentando e daí no dia do meu aniversário que foi no dia 12, que era numa terça-feira, que eles ensaiam, eram na terça-feira, na terça e quinta-feira, no dia do meu aniversário ela falou:

-Não! Presente de aniversário a gente vai deixar você ir, meu primeiro dia de aula então foi no dia do meu aniversário e o motivo pelo qual eu quis ir foi porque eu queria alguma coisa nova, era o meu primeiro ano lá no São Bento, eu fiz a primeira série né, porque era série, ainda fiz a primeira série no outro colégio e na segunda série que eu fui transferido para o colégio São Bento. Nessa segunda série eu estava tentando achar alguma coisa nova para fazer, eu praticar esporte na outra escola que estudava primeira série e eu não, não era criança que queria jogar futebol, não era criança que queria fazer outras coisas assim, eu queria alguma outra coisa, uma coisa diferente e antes no começo de todo ano também, antes dessa parte de entregar o

bilhete na sala dele convidando, ele fazia uma apresentação eu achei maravilhoso, eu vi aquela primeira vez, eu fiquei espantado assim e eu falei: Não! Eu gosto disso, eu vou querer fazer isso! Como foi ele convidando claro, todos os alunos né, acho que também hoje eu era uma criança de 8 anos hoje com 22 tem a gente mostra cabeça, mas o jeito que ele abordava as crianças, o jeito que ele interagia com as crianças, era um sentido de acolhimento assim, tipo, que lá é um lugar que você se sente acolhido, que isso tudo influenciou com certeza no meu começo, do porque eu comecei no caso.

### **Mateus! O que é essa prática de dança representa para você nos dias atuais?**

Mateus. \_Eu acho que é uma fuga, porque, falando nos dias atuais, vamos pegar, vamos ver de um período de espaço de um ano, de um ano atrás até hoje em dia a gente tá vivendo uma pandemia, é uma fuga, claro a gente teve uns problemas do começo no sentido de querer voltar a fazer aula, parou tudo, daí ficou meio com receio de fazer aula, mas depois que voltaram eu não vou dizer 100% de certeza, que todo mundo tem a sua opinião, mas eu acredito que a grande maioria no mínimo tem, que foi um alívio, porque estava tudo tão trancado, tudo tão, todo mundo tão esgotado, que quem, dá para ver diferença nítida entre quem voltou fazer aula assim, que foi liberado claro, da forma que foi liberado, quem voltou fazer aula quem não voltou é, tem uma diferença física mental, sei lá, não consigo explicar, não consigo colocar em palavras, mas a pessoa muda, a pessoa se alivia, ela relaxa, parece não sei, então a importância que eu daria para ela hoje em dia, seria tipo para mim claro essencial, eu quero viver disso, eu tô começando agora, então quero viver distante para mim essencial e por que já foi para mim como bailarino, quando criança, adolescente e tudo mais, da mesma forma essencial, só que o essencial diferente, talvez como é no mesmo sentido de fuga, mas como vamos dizer assim, como um adolescente que pode ser rebelde mas ali encontrar uma maneira de se expressar, de uma criança que às vezes se sentia deslocada de um certo modo, também uma maneira de se expressar tão essencial. São fases diferentes da minha vida é claro né, mas essencial numa primeira fase no sentido de se expressar e essencial hoje em dia como, como realmente queria levar como carreira, como queria transmitir isso que eu vivi para outras pessoas.

### **Mateus Você percebeu alguma mudança em sua vida a partir do momento que você começou a praticar a dança do hip hop**

Mateus. \_Nossa, muito, muito (ele abre um sorriso) ha, melhor eu colocar em três pontos: Ponto físico, eu era muito magro, muito magro, eu sempre, eu sempre comi muito ei era uma criança que comia muito, mas não tinha, eu não sei que tipo, eu nunca estudei isso, mas se eu fiz algum exame não sei, mas acredito que eu tenho metabolismo acelerado ao extremo, então tudo que eu comia queimava muito rápido mas eu não tinha nenhuma atividade física para aproveitar os nutrientes que eu ingeria, o físico na questão da dança me ajudou muito, hoje eu tenho uma estrutura suficiente para conseguir fazer o que eu faço, foi com esforço claro, não foi nada, foi ver a repetição, repetição, repetição, assim como qualquer atividade física. Indo sentido mental, desculpa, antes de falar no sentido mental, no sentido acadêmico e escola, é, o desempenho escolar muda também, eu tenho um irmão, eu tenho um irmão de 11 anos, hoje, hoje ele tem 11 anos, vai fazer 12 esse ano, ele começou a fazer dança com cinco, ele então, ele começou a fazer dança antes dele entrar vamos

dizer assim, no primeiro ano ele começou a fazer quando ele ainda estava na pré-escola e dá para comparar, tipo vamos ver claro, são, são pessoas diferentes mas eu comecei a fazer dança com oito, quando eu tinha 07 para 08 no caso, e ele começou com 5, ele começou antes de entrar no primeiro ano, primeira série no meu caso, e eu depois que eu entrei, se você comparar vamos ver olhar realmente, papel boletim meu de quando eu tinha idade do primeiro, da primeira série, primeiro ano, e ele, você vê que é comprovadamente provado que ele consegue tirar notas melhores, não digo que é só isso, mas isso influencia muito porque ele desde antes dele entrar na Ensino Fundamental ele teve essa disciplina já imposta, imposta aqui, já imposta em casa claro, dos Pais, pai, mãe tudo mais, mas aqui é uma metodologia diferente que ele foi ensinado como, ensinado a como aprender, claro, aprender movimentos de dança tudo mais, mas ele estava aprendendo, então isso com certeza impactou no sentido acadêmico meu claro e do meu irmão que eu usei de exemplo. Eu tive uma melhora absurda assim, nunca fui aluno exemplar, excelente, destaque assim, mas academicamente falando, melhorou muito meu desempenho e também o impacto esteve mentalmente no sentido de eu me achar, eu desde pequeno criança tipo 4 a 5 anos, faz muito tempo já né, então tenho lembranças nítidas assim, mas eu nunca me encaixei em um grupo assim que jogam bola, os que, os que leem livros, os que, os destaques da escola assim tudo mais, mas o sentido de me dá um norte para saber o que eu gosto que eu quero fazer, aonde que eu me encaixo, com quem eu me encaixo, as pessoas que eu encontrei aqui dentro eu não digo que não contraria formas, não teria sem interação que eu tive aqui dentro, que eu criei esse laço com essas pessoas, amigos, o próprio Danilo com esses laços que eu criei aqui dentro.

### **Você colocou essa importância, mas agora a sua vida em sociedade mudou?**

Mateus. \_ Muito! Eu sempre fui uma criança muito tímida também, até, até mesmo depois que eu comecei a fazer dança eu ainda era meio, meio quieto, meio na minha, meio tímido. Então, como eu falei antes, essa interação com as pessoas daqui que fez eu conhecer novas pessoas e novos lugares, de cabeça diferente, de pensamentos diferentes, enfim, fez eu talvez como criança, entender que eu posso conhecer novas pessoas, possam interagir com outras pessoas, sem esse meu receio, é como eu deixando de lado essa minha timidez, esse que eu tinha antes no caso, então mudou totalmente no sentido social. Eu conseguia falar melhor, conseguia me expressar fisicamente como dança, mas verbalmente também que eu vi que eu não precisava ficar tão acuado quando eu ficava, então dou bastante também.

### **Em algum momento você percebeu ou sentiu algum desconforto social ao praticar o estilo de dança hip hop?**

Mateus. \_ Sim, mas eu acredito que eu soube como combater isso. Héee, uma cena que fica muito lembrado para mim, foi como eu falei no começo que meu pai não aprovou já de cara, talvez porque ele tinha um preconceito, Nossa! Meu filho, menino homem, vai fazer dança, nada a ver! Não acho que é coisa de menino enfim, então eu fiquei meio assim, a minha mãe tudo bem, ela deixou assim tudo mais, mas ela, não que ela não me apoiou no sentido de enfrentar meu pai, jamais enfrentaria meu pai, mas o sentido de argumentar com isso sabe, mas essa é uma dificuldade que eu tive no começo, mas que conforme foi desenvolvendo vamos dizer, conforme o passar dos anos, que ele foi vendo que não era aquilo que ele pensava, que era totalmente

diferente, ele mesmo se desfez desse pensamento, eu digo, eu digo que eu combato isso, mas não que eu enfrentei ele, não que eu falei:

Pai! Não é assim! Eu não falei em nenhum momento isso, mas eu continuei fazendo aquilo, se no primeiro momento ele falou: Ah você não vai fazer dança! Eu, beleza! fui com a dança com a autorização da minha mãe, mas eu não deixei disso porque ele falou: Sai! Ou porque ele falou que não gostava naquele momento. Eu continuei fazendo e essa minha persistência nisso, de mostrar para ele, mostrar fisicamente sem vamos dizer, sem falar nada, que não era que ele pensava, fez ele mudar pensamento! Até que hoje, nossa! Ele tem muito bem a falar de mim, do meu irmão, da dança do Danilo enfim. Ele é uma pessoa que foi realmente, externamente, não diretamente afetada, que dançando efetivamente aqui, mas que foi afetado por aqui com certeza para muito melhor né.

**Vou aproveitar a sua resposta Mateus, na sequência tenho uma pergunta: Você percebeu alguma dificuldade de praticar o hip hop em uma cidade que a sua história é marcada pela cultura e migração germânica?**

Mateus. \_Sim! Eu, quando eu entrei no grupo aqui, não foi minha primeira experiência com dança, na pré-escola, na escola que eu estudava, tinha um grupo folclórico, folclórico alemão, eu dancei 2 ou 3 anos lá então eu saí de lá para escola a primeira série vamos dizer assim eu passei em branco, não pratica nenhuma modalidade no sentido de dança e daí na segunda série entrei no grupo. Mas vamos dizer, eu entrei no grupo de hip-hop do Danilo com a noção vamos dizer que eu tinha do folclore, é um universo totalmente diferente, não digo que eu não fiquei acuado em um primeiro momento, mas o jeito que eu fiquei encantado da primeira vez que eu vi, que eu experimentei, isso superou esse meu receio sabe e se tem alguma dificuldade no sentido da cidade de ter uma tradição mais germânica que você falou, Sim! Justamente por esse ponto que fez eu ficar meio acuado, é um negócio novo, recente, se você pegar a história do próprio hip hop vamos dizer, dos anos 60 70 para cá, para os anos 2000 ainda ao historicamente recente do que uma tradição germânica que já vem de séculos, foi muito tempo comparado a uma, uma história recente do hip-hop, da dança, das danças urbanas, então a galera eu acho, que ainda é muito presa, enraizada nessa questão cultural alemã germânica. Tem ainda alguns hoje em dia que vê esse receio que eu tive também no começo. Mas a partir do momento que eles entenderam o encantamento, não exatamente o que eu tive, mas que eles admirarem aquilo como com patrimônio cultural, quanto que aquilo engloba, não descartando a cultura germânica, mas acrescentando além dela sabe. Eles vão ter, podem ter uma visão diferente como eu tive, que receoso, mas me encantei, queria entender um pouco mais, entendi e foi mais ainda sabe.

**Você já sofreu preconceito por praticar a dança e isto tem a ver com o Hip Hop, por ser o hip hop?**

Mateus. \_Nos dois sentidos já tive preconceito, por praticar dança, no sentido, há dança! Menina assim tudo mais e também no sentido de hip hop. Éh... amigos, primeiro falar daquele lado dos preconceitos, vamos dizer que eu tive, primeiro de família, a família ficou meio assim porque no sentido de dança sabe, a dança menina, não sei o que é, mas não foi algo que, que impactou muito, foi mais um receio, como eu falei de começo, tanto é que eu da minha família fui o primeiro a praticar dança, no ano seguinte veio a minha prima, no outro ano, vem meu primo e assim foi. Hoje eu

tenho um irmão, minha prima que começou lá também tem irmão, meu outro primo também tem um irmão e todos eles fazem aqui. Hoje brincadeira né, claro, mas com a galera que tem da minha família que dá para formar um grupo, tipo eu fui o primeiro e depois que a minha família viu o quanto isso, o quanto isso ajuda, o quanto isso é bom, quando isso é encantador, quiseram entrar nisso junto, primeiro comigo, minha prima e assim foi, foi, foi até... Hoje em dia eu acho que eu tenho, tem meu irmão, os dois primos, minha prima, no mínimo tem 7 a 8 parentes meus diretos aqui no grupo.

**Considerando toda trajetória do grupo x style hip hop, você percebe a valorização do hip hop em SBS? Como isso acontece, de exemplos:**

Mateus. \_ Hã, existe, existe a valorização do grupo X Style aqui em São Bento claro, mas eu acredito que ainda, pela vamos dizer magestosidade do grupo, da trajetória, ainda não é vamos dizer o suficiente. A gente já foi convidado para eventos esportivos, para fazer aberturas tudo mais, mas vamos dizer: nunca foi no sentido nos dado algo entre aspas sabe, não foi, todo o espaço que a gente teve, que a gente teve três espaços, um, dois, três, quatro espaços até hoje. O primeiro no colégio São Bento, foi um espaço cedido pelo próprio Colégio, não pela cidade de São Bento do Sul, sendo que é um Colégio Estadual e é Marista, então é particular, e o segundo espaço a gente conseguiu alugado graças a um prêmio que a gente conquistou, que foi no Se Vira nos 30, que foi eli atrás da Relex. O terceiro espaço foi no bairro Progresso que era na própria casa do Danilo, ele fez da casa dele, ele tinha a casa dele, claro, separada, e da garagem reformou fez os ajustes que era preciso lá e tudo mais e fizemos lá a nossa sala de dança, mas também com aluguel, de novo não foi algum espaço cedido, foi alguma coisa que a gente conquistou. E aqui agora da mesma forma dos outros, os outros dois primeiros de aluguel, é um espaço bem maior, que tem mais estrutura para comportar claro o grupo e tudo mais, mas que não foi, não foi dado nenhuma ajuda no sentido financeiro e no sentido de apoio de Patrocínio, enfim sabe. Tanto da própria cidade na questão empresarial, empresas ou da própria Prefeitura, do patrimônio público no caso. Então acredito que existe sim uma valorização na questão de reconhecimento e de prestígio, sempre gente apresenta em algum lugar, faz eventos, faz mostra tudo mais, a comunidade abraça, vai tipo, admira realmente! No sentido público também, o próprio festival que a gente fez, foi claro, controle da prefeitura, da Fundação Cultural, mas na questão financeira ainda é muito pouco pra, porque o grupo oferece para comunidade, para as crianças tudo mais e porque o grupo representa e já fêz por aquilo também, por toda a história.

**Qual a sua visão do futuro do hip hop em São Bento do Sul?**

Mateus. \_ O Danilo em uma reunião recente com alguns líderes políticos do, da região, ele foi, ele foi perguntado por uma mulher Quel era o legado dele, dele Danilo. Ele deu como exemplo Eu, e a nora dele, namorada do filho dele, que usando esses dois exemplos a gente fez aula aqui, eu comecei com 8 anos já danço a 14 anos aqui e ela começou um pouquinho depois, um pouquinho mais tarde, mais a mesma forma já tem anos aqui dentro e que foi por causa dele, por causa do grupo Hip Hop X Style que hoje a gente tem isso como carreira, ela é acadêmica de educação física em Joinville e eu já, já tô começando do ano passado claro né dar minhas aulas aqui no grupo, então o futuro do hip hop em São Bento é o legado que o Hip Hop Style, que o Danilo deixou com a gente como aluno, em quem a gente vai influenciar, de um professor serão dois vamos dizer no caso, dois profissionais. Desses dois, quantas

peças, crianças, adolescentes, adultos a gente não vai influenciar, desses que a gente vai influenciar, quantos não vão querer seguir isso como carreira. o meu irmão, cara, é uma criança de 11 anos hoje em dia, mas para ele hoje, ele toca instrumento claro, ele dança aqui também, ele tem uma veia artística muito forte, que antigamente a gente não tinha, da minha geração, minha e dos meus primos que começaram aqui a dançar, foi dali que deu esse start dessa veia artística, então tipo, o futuro que eu vejo do hip hop em São Bento é justamente o presente hoje aqui, que, que quem faz aula aqui, quem dá aula aqui, no caso Danilo, eu, a nora dele não dá aula aqui, mas também saiu daqui, os alunos deles mais velhos, a gente tem alunos de 19, 17, 18 anos ali nessa faixa que podem querer também, se diz como carreira, então o legado, desculpa, legado não, o futuro do hip hop em São Bento é justamente o que tá aqui hoje, não digo que não possa vir gente de fora talvez e acrescentar mais nisso, mas o que vai ficar enraizado como hip hop hoje em São Bento é o X Style e nada além disso!

### **Você considera o Hip Hop um patrimônio em São Bento do Sul?**

Mateus. \_ Sim! Patrimônio Histórico, patrimônio cultural, patrimônio social, histórico porque desde o momento que o Danilo veio para São Bento, na primeira aula dele no colégio São Bento, ele a partir dali ele deixou a marca dele, deixou a pegada dele, na história de São Bento. Não digo que não aconteceria, mas eu acho que seria muito difícil algum outro grupo de alguma outra modalidade conquistar o que a gente conquistou, seja dentro da cidade, fora da cidade, dentro do Estado, fora do Estado, no Brasil, enfim, acho muito difícil. E patrimônio cultural no mesmo sentido que ele deixou a marca dele numa cidade de tradições germânicas folclore, como já existia academias de danças aqui do Jazz, principalmente Jazz, o ballet não tinha na época, mas vamos dizer, vamos pegar esses dois, do Jazz e do folclore, para o Danilo chegar, chegar aqui e ter esse impacto eu digo maior ainda do que até esses dois, essas duas outras vertentes que já estavam aqui, tem que ser considerado patrimônio cultural sim! Com certeza! E o patrimônio social no sentido de como isso influencia as crianças e adolescentes a enxergar o mundo e se expressar para o mundo, digo, como eu falei do meu exemplo de antes, eu era muito tímido, existem criança e adolescentes tímidos hoje em dia. Eu perdi essa minha timidez, eu aprendi a me expressar fisicamente e verbalmente por causa disso aqui, porque? Outras crianças podem e com certeza já tiveram essa oportunidade e hoje socialmente são indivíduos melhores por causa daqui e por causa do que aprenderam aqui e também com o Danilo.

Fim da entrevista

Entrevistado 3: Djony dos Santos

Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl

Transcrição: Francisco Eduardo Schiessl

**Vou pedir a gentileza para você, entrevista de hoje do dia 10 de abril, gostaria primeiro saber o seu nome completo, idade, naturalidade, vida escolar, se você é de São Bento do Sul, você veio para São Bento do Sul?**

Sou Djony dos Santos, natural de São Bento do Sul nascido e criado mora atualmente em Curitiba morando em Curitiba faz cinco anos seis anos comecei no mundo dança

com 6 anos de idade, não tinha profissão, não tinha a pretensão de profissão, comecei como um hobby e hoje atualmente morando em Curitiba Eu também Vivo no Mundo da dança. Lá também eu vi no grupo de dança e desde que eu comecei com Danilo aqui não consegui largar disso, hoje com 23 eu não sei dos 6 aos 18 anos de idade né Eu tive que começar a fazer faculdade, me mudei da cidade de São Bento e fui para Curitiba. Aí como eu me mudei, para Curitiba daí eu saí do grupo do Danilo fui para Curitiba fiquei quatro meses morando lá sem dança, mas como me acostumo com o mundo da dança, dançando a vida inteira, fez falta, eu tive que fazer teste em outro grupo lá, e estou no mesmo grupo até hoje.

### **O que levou você se interessar por praticar a dança hip hop**

que na época não praticava Esporte nenhum, com 6 anos sempre a criança ficava na rua brincando e na escola na escola de educação básica de São Bento onde Danilo ministrava com grupo dele, sempre tinha apresentações nos intervalos e teve um dia que o Danilo foi entrar na sala batendo está perguntando se alguém queria conhecer se alguém queria começar entrar no grupo, e me interessei, cheguei em casa já briguei com a mãe, bati os pés, chorei, fiz ela me colocar e ela me levou para o ensaio. A partir do primeiro ensaio foi paixão à primeira vista cara, de lá, nunca mais parei desde os 6 aninhos, do primeiro ensaio que fui, só faltei por razões maiores, se não tinha ido todos os ensaios, não tinha faltado nenhum.

### **Como isso relaciona na sua vida na sua história de vida em São Bento do Sul.**

Nossa, completamente, a pessoa que eu sou hoje, 70% é o que pai e mãe cria e 30% é o que a dança me proporcionou tanto a dança quanto o convívio com as pessoas, o que eu aprendi com o Danilo na dança, para vida, isso me fez, faz completamente o que eu sou hoje.

### **O que essa prática de dança representa para você nos dias atuais?**

Representa como um hobby, não é profissional para ti como Hobby, mas para o meu psicológico, para o meu consciente, para minha como pessoa é um remédio sabe, tipo, tô cansado da vida, do trabalho, da vida profissional, da semana, a dança me faz saí do mundo, me faz feliz, me faz me expressar, de uma forma feliz sabe, se eu tô triste, se eu tô bravo, alguma coisa a dança me faz, me cresce como uma pessoa muito boa, evoluí bastante.

### **Você percebeu alguma mudança em sua vida a partir do momento que começou a praticar a dança hip hop**

quando eu era menor, eu percebi sim, porque na cidade de São Bento para Cidade cultura alemã, nós éramos muito julgados né, muitos lugares que usava bastante roupa larga, ou eu era criança que andava na rua com camisa rosa. Em São Bento do Sul mesmo quando era criança, nossa mudava completamente, eu fiz inglês, formado em inglês e o meu TCC do meu curso de ingles foi sobre hip hop e quando algumas pessoas viram que era o conteúdo, eles saiam do conteúdo, porque São Bento existe um preconceito muito grande, existia né, hoje não tanto, mas existia um preconceito muito grande, isso mudou muito minha vida.

**Algum momento você percebeu, ou sentiu algum desconforto social por praticar esse estilo**

não por praticar, mas pelo jeito de vestir, por praticar não, Cada um faz o que quer né, mas do jeito de vestir, a cultura assim, ou até o jeito de falar, existe muita gíria né, existe bastante gíria e o jeito que você se veste, o jeito que você anda ali, por usar roupa larga às vezes as pessoas te julgam errado sabe,

**você percebeu como dificuldade de praticar hip-hop em uma cidade que que a sua história é marcada pela cultura e imigração Germânica**

dificuldade para praticar não, para você praticar não, mas apoio da cidade, da prefeitura foi quase nulo.

**e você, falando diretamente a tua pessoa, você já sofreu preconceito por praticar dança isto se você sofreu ou não se teria a ver com o Hip Hop**

Não, por praticar dança não, talvez, por exemplo, na escola os amigos convidaram para ir fazer uma festa, alguma coisa, eu falava não, porque eu tenho ensaio, mas não é alguma coisa que eu sofri sabe, mas eles ficavam reclamando, “há porque isso, deixa um pouco disso”, mas por praticar dança mesmo nunca sofri nada de diferente.

**Considerando toda a trajetória do grupo hip hop X Style, você percebe a valorização do hip hop em São Bento do Sul e como isso acontece.**

Aumentou bastante, porque no começo, como nós não tínhamos apoio nenhum, nós íamos por conta própria, o Danilo ía por conta própria, mas conforme nós fomos ganhando competições, no grupo, lá no grupo foi aumentando, fomos em programa de TV, isso levou o nome da cidade né, Por exemplo a gente entrava na TV, os caras falavam, há o grupo X Style de São Bento do Sul, aí nós divulgamos o nome da cidade também, mas o apoio deles, na hora, no momento que aparece na TV todo mundo posta no jornal, posta na TV, posta tudo, mas depois que passa da TV, Meu Deus, parece que o grupo não existe, uma vez ou outra é mencionado, mas é bem zero apoio,

**você considera o Hip Hop um patrimônio de São Bento do Sul**

patrimônio não, mas é o que levou o nome da cidade mais longe, patrimônio em São Bento só vejo o folclore, a dança alemã, festa Alemã, mas patrimônio, hip-hop um patrimônio não, quem criou foi o Danilo, quem levou o nome foi o Danilo e ponto final.

**O que você acha que vai acontecer com hip hop em São Bento do Sul**

a tendência é aumentar, eu acho, aumentar muito porque o Danilo que começou numa sala pequena com 20 30 alunos, hoje tá com um Estúdio Grande com 80 90 100 alunos, ele tá aumentando por mês, cada ano que passa tá aumentando, eu espero que quadriplique, meu Deus, fique muito mesmo, daí a tendência da cultura melhorar.

Como você definiria uma frase, você o hip-hop e o grupo S Style,

eu consigo definir as três coisas numa coisa, uma frase só, crescimento, aprendizado e o meu nome Djoni do Santos o meu nome é completamente feito por hip-hop, hip hop X Style.

Fim da entrevista

Entrevistados: 20 alunos da categoria infantil  
Entrevistador: Francisco Eduardo Schiessl  
Transcrição: Francisco Eduardo Schiessl

A metodologia aplicada nessa entrevista foi no formato coletivo, onde respeitamos todos os cuidados de protocolo Covid 19. Os alunos que não quisessem em determinada pergunta não necessitariam responder, apenas quando sentissem seguros ou a vontade.

Perguntas específicas para os alunos:

- a) o que levou você a interessar por praticar a dança de rua hip hop
- b) como você relaciona o hip hop a sua história em São Bento do Sul, como vocês se veem neste cenário
- c) você percebeu alguma mudança em sua vida a partir do momento que começou a praticar a dança do hip hop?
- d) Considerando toda trajetória do grupo x style hip hop, você percebe a valorização do hip hop em SBS? Como isso acontece, de exemplos
- e) Você considera que o hip hop vai estar pra todo sempre na memória e na vida da cidade de São Bento do Sul? Você acha que o grupo será um patrimônio da cidade de SBS?
- f) O que você acha que vai acontecer com o hip hop em SBS?

## **Entrevistas na integra**

### **1 Gustavo**

- a) vi bastante o grupo na televisão, aí eu achei legal, aí eu decidi que queria fazer isso daí.
- b) é então, eu sei que aqui no hip hop eu tenho bastante amigos, e as vezes quando eu passo na rua eu vejo e reconheço meus amigos pela blusa do HHX né, e eu gosto bastante de dançar. Eu melhorei bastante assim, eu fiz bastante amigos.

### **2 Alexandre**

- a) os meus primos o Mateus e a Katilin, eles faziam dança e eu vi sempre eu gostava muito, dá eu me interessei.

b) a dança nos dias atuais faz muito efeito na minha vida, por causa que tipo, a única coisa que eu faço é ir para a escola e ensaiar, todas as amizades que eu fiz, isso é muito especial, eu gosto bastante de dançar.

### **3 Augusto**

a) a minha família já fazia dança, meu irmão, meus primos, aí eu me interessei e até agora estou.

b) sempre amei música, amei dança, eu criei várias amizades, a maioria das minhas amizades é do hip hop, sempre gostei de dançar, desde pequeno, mesmo dançando errado eu sempre amei dançar.

c) toda pessoa que nunca dançou, quando começa tem dificuldade porque é uma coisa nova para fazer, quando eu comecei a fazer meus amigos da escola achavam estranho porque eles sempre participaram dessas festas que sempre tem em SBS, e eu comecei a fazer hip hop e eles perguntaram até o que era hip hop, eles achavam estranho, hoje em dia alguns amigos meus fazem dança na escola.

d) eu já vi pessoas, a pessoa tem preconceito, por que é um estilo diferente da cultura da cidade, tipo as pessoas preferem aquela cultura da cidade, mas se as pessoas conhecessem a história de verdade do grupo eles iam entender.

e) cada vez o grupo vai crescer mais porque as pessoas vão ver o que é o hip hop, o que é a dança, vão ver que é uma coisa legítima, que é legal de fazer.

### **4 Stefani**

a) eu vi vídeos no you tube, eles dançando o estilo de música hip hop e eu me interessei bastante,

b) bom, quando eu vou em algum lugar, eu encontro alguém com a camiseta do hip hop eu comprimento né, o hip hop me evolui bastante, muito.

e) eu acho que vai crescer muito mais, porque entra bastante gente no grupo, pra poder participar dos festivais, as pessoas percebem como o grupo é esforçado, como se dedicam pra dançar a dança,

### **5 Taíssa**

a) minhas amigas falavam bastante do hip hop, falavam bem do hip hop e eu tive interesse em fazer.

b) eu sempre amei muito fazer dança, essas coisas de dançar e o hip hop mudou muito a minha vida porque eu fiz bastantes amizades aqui, bem importante, e eu gosto bastante de fazer.

### **6 Erique**

a) a minha amiga Stefani fazia e ele perguntou se eu queria, aí eu achei bem legal quando comecei a fazer.

b) dançar é uma coisa que eu gosto muito, tem várias pessoas que tem esse sonho de querer dançar, usando as camisetas, assim, de dança, tem pessoas que ainda não conhecem o HHX, podem ver e se tornar uma coisa que ela vai levar pra vida.

d) a cidade inteira conhece dança hip hop X Style, a cidade inteira sempre tá comentando.

### **7 Pietra**

- a) a minha irmã começou a fazer hip hop, eu me espelhei nela, gostei e comecei a fazer.
- b) desde pequena eu gostava muito de dançar, só que daí meu sonho sempre foi dançar no hip hop, aí eu entrei no grupo, acho que todo mundo aqui tem bastante orgulho de falar que é do grupo hip hop X Style, acho que todo mundo aqui gosta de dançar e eu tenho muitos amigos. Quando eu venho para o hip hop, eu fico assim, eu falo, hoje tem ensaio, eu fico tão feliz, e daí eu gosto muito de dançar.
- c) os meus pais nunca tiveram preconceito de eu fazer dança, eles até me apoiam muito eu fazer dança hip hop.

### **8 João Pedro**

- a) eu gostei muito do hip hop que eu assistia na TV
- b) eu sempre quis entrar no hip hop, só que quando eu tinha 4 a 5 anos eu nunca pude fazer, aí um dia eu disse para minha mãe, “ mãe, você pode me matricular na dança do hip hop, aí ela disse, como assim, você nunca quis dançar, mas agora eu fiquei com tanta vontade, que eu assisti um vídeo do hip hop X Style, hoje a minha mãe me vê bem feliz, vindo para o hip hop, eu acho incrível, eu gosto muito do hip hop.

### **9 Francisco**

- a) eu vi vídeos e por influência de alguns amigos eu me interessei
- b) eu sempre gostei muito de fazer atividades físicas em geral, por influência de alguns amigos que já dançavam aqui no grupo, desde que eu entrei aqui, isso mudou a minha vida, eu sou mais feliz, eu fiz muitos amigos aqui, que com certeza eu quero levar para o resto da minha vida e eu acho que é muito importante poder representar o grupo na cidade e até fora daqui, mostrar o que realmente é o grupo.
- d) acho pôr a gente representar a cidade em campeonatos e festivais fora daqui, em Joinville, Flóripa, enfim, isso representa a cidade.

### **10 Felipe**

- a) minha mãe queria que eu fizesse música ou dança, aí ela falou do grupo X Style e eu comecei a fazer
- b) desde que eu entrei no hip hop X Style eu fui fazendo várias amizades no decorrer que eu dançava, daí ao longo do tempo eu fui me apegando cada vez mais a dança, daí eu começava a dançar na escola, em casa, eu sempre dançava as coreografias.

### **11 Isabelle**

- a) meu irmão dançava eu comecei a gostar aí eu dancei, a porque meu pai me incentivou, (nesse momento sorrimos juntos, pois seu pai é o professor Danilo)
- b) o hip hop mudou minha rotina, todo dia eu venho dançar, eu gosto bastante de dançar e mudou bastante meu sentimento das amizades,

### **12 Kelly**

- a) eu sempre escutava que o hip hop X Style é o melhor de São Bento, aí eu pedi pra minha mão correr atrás e eu comecei a fazer.
- b) o hip hop mudou minha vida, digamos assim, em casa minha mãe vivia brigando comigo porque em casa eu não ando, só danço, várias pessoas já me pararam na rua porque eu vivo saindo com a roupa do HHX, daí falaram: oh, ela faz parte do grupo hip hop X Style, na minha família eles falam assim: oh a dançarina do HHX chegou,
- c) a família do meu pai sempre apoio, sempre achou esse negócio legal, mas a família da minha mãe, sempre disse que isso não daria futuro, que se fosse é para pagar uma aula de inglês, que isso não tinha necessidade, até hoje falam isso, mas minha mãe e meu pai apoiam eu.
- d) acho que a fama do grupo foi porque nos festivais sempre se destacar,

### **13 Letícia**

- a) eu tinha ouvido falar do grupo X Style, daí eu achei que seria legal eu começar a fazer, eu vim experimentei e gostei.
- b) eu acho assim, a gente que ensaiando em tempo da pandemia, a gente vai ficar Supermercado na história dos jovens que dançaram, que ensaiaram no grupo de hip hop em época de pandemia, com máscaras, que a gente fica bastante marcado na história. No futuro eles vão lembrar e pensar, o grupo que dançou em época da pandemia.
- c) na minha família não tive problema em poder participar no grupo, mas muitas pessoas pensam que o hip hop é coisa para menino, e não é assim.

### **14 Vinícius**

- a) bom, eu sempre tive imperatividade desde criança, e minha irmã dançava, daí eu me interessei, gostei do eu vi e minha mãe me colocou.
- b) o hip hop pra mim, como pra várias pessoas aqui mudou muito a minha vida, mudou muito as minhas amizades, dentro do grupo quanto fora. No início eu cheguei achando que há mais uma coisa que a minha mãe vai me colocar e eu não vou gostar, mas depois de eu conhecer a história do grupo, como foi criado o grupo, quando todos desrespeitavam o grupo e hoje em dia eu já ouvi histórias tanto da minha irmã falando, que várias pessoas já falavam que gostaram, tanto no festival de Joinville, que disputavam contra o hip hop X Style, eu vi a grandeza disso e eu comecei a me interessar muito mais e hoje estou aqui.
- c) eu nunca sofri por causa do hip hop, e esse negócio que hip hop é coisa de garoto, eu acho que não é certo para esse grupo, por causa que, quando pensam em hip hop, pensam mais aquele negócio da pegada, daqueles giros assim, tal, mortal, mas o Danilo não é preso a isso, ele estuda várias coisas que está acontecendo na sociedade atualmente e transforma isso numa coreografia, como o desmatamento da Amazônia, sobre o nordeste, então, isso ajuda na performance.
- e) eu acho que o hip hop vai durar muito tempo assim, mesmo caso o Danilo não conseguir mais dançar, ele já criou várias pessoas que tipo, conseguem ter a responsabilidade de ensinar para a gente, tanto a filha do Danilo que lelé mesmo já disse para a gente que no futuro vai arrebentar, vai ensinar tudo, ainda vai durar muitos anos, vai ter muita história pela frente,

### **15 Rafaela**

a) eu sempre gostei de dançar, e algumas apresentações eu já vi o grupo hip hop X Style, eu me interessei, e já que eu saí do grupo antigo, eu quis entrar no hip hop X Style.

b) eu sempre gostei muito desse estilo de dança né, eu nunca entrei nesse grupo antes, porque eu não moro em São Bento do Sul, e quando eu tive oportunidade de entrar no grupo HHX eu entrei e gostei muito, mudou minha vida porque eu sempre quis entrar. Eu moro em Rio Negrinho, e comecei lá como Danilo, e ele me convidou para ensaiar aqui em São Bento e eu aceitei.

### **16 Sabrina**

a) eu assisti muitos vídeos de dança do HHX, daí eu fui atrás e comecei a fazer.

b) por causa dessa quarentena, todo mundo fica isolado, meio triste, aí eu fui atrás de alguma coisa para me inspirar, aí eu encontrei o grupo HHX, eu comecei a fazer e o grupo HHX mudou muito minha vida.

### **17 Isabela**

a) eu comecei a fazer por assistir muitos artigos e filmes, e por influência da minha mãe e do meu pai, eu não conhecia o grupo, minha conhecida, daí eu entrei.

b) eu faço parte de um grupo que ganhou muita visibilidade no Brasil, um grupo pequeno, de uma cidade pequena, me traz muita segurança, que eu sei que estou num grupo que faz bem para mim, traz coisas boas, sentimentos bons.

### **18 Davi**

a) desde pequeno eu sempre gostei de dançar, e daí eu comecei a ver vídeos do HHX, até fui num show deles, numa dança, daí eu gostei e comecei a fazer.

b) desde que eu entrei no HHX, eu comecei a fazer vários amigos, e a minha vida começou a mudar muito, começou a ficar mais alegre, mais feliz.

### **19 Larissa**

a) a história do grupo sempre me encantou, pela dança sabe, e sempre gostei de dançar desde pequena.

b) quando eu penso no futuro, eu penso que a dança vai me levar pra vida, se o que eu to fazendo se isso vai me levar dinheiro, o que importa é que você tá fazendo o que você ama, o que você gosta e eu gosto de estar no grupo hip hop X Style, o que eu gosto é ter amigos, o professor que gosta de dar aula pra gente, que ele faz o que ele ama.

### **20 Maria Luiza**

a) eu sempre gostei de dançar desde pequena, eu tinha amigas que sempre falavam bem do HHX, eu fiz uma aula experimental, eu gostei e entrei no grupo.

b) o HHX mudou muita coisa na minha vida porque um dos meus sonhos sempre foi entrar para um grupo de dança com potencial, e as amigas que eu fiz no HHX me ajudaram muito na minha evolução, porque eu aprendi muito com eles, inclusive com o Danilo, então, isso foi muito bom para minha vida.

e) como falaram, o grupo vai crescer muito, vai durar por muito tempo, e as pessoas vão reconhecendo o que é o hip hop HHX e a gente tem muitas pessoas que convidam pra participar e o grupo tem muito potencial, então as pessoas vão conhecer e assim vai gerando novas pessoas para o grupo e o grupo vai crescer muito mais, a gente tem um professor muito bom também, então o grupo só vai crescer cada vez mais.

## 21 Sofia

a) eu via filmes, eu via na televisão sempre, eu achava muito legal, um tempo depois que comecei a achar esse estilo de dança legal eu conheci o Danilo, ele me chamou para fazer uma aula experimental, meus pais não deixaram, até que um dia eu convenci eles a deixarem e eles me colocaram, hoje meus pais gostam e até preferem que eu não saia daqui.

b) a maioria das pessoas que estão aqui gostam um pouco de esporte, elas queriam viver pelo menos alguma coisa com música, vieram pra cá pra ter a música na vida, eu vim pra cá, quando eu cheguei aqui, muitas pessoas me conhecem antes de vir aqui como a menina que não fazia nada, que não tinha nada pra fazer, quando eu comecei no hip hop X Style, eu melhorei em vários aspectos, em fazer novas amizades, a gente se vê como um só, todo mundo aqui é muito unido, todo mundo se preocupa com todo mundo, e não são só os alunos, só os colegas e sim o Danilo que se preocupa com a vida de todo mundo também, não só com a dele, se a pessoa não tá bem, ele vai lá e tenta aconselhar, ele ajuda as pessoas, e todos aqui fazem a mesma coisa, se uma pessoa não está bem tá todo mundo mau.

c) muitas pessoas quando começam tem dificuldade, porque não é todo passo que é fácil, tem uns passos que são mais complicados, são mais avançados, se você pegar desde o início você vai aprender, se você se dedicar também.

O meu pai não queria deixar eu fazer hip hop porque ele dizia que era uma coisa pra menino, era um estilo mais de menino, que menina teria que fazer Balle, um coisa mais delicada, que eu não podia fazer isso que iria me machucar, se eu não tivesse batido de frente e tivesse dito pra ele, Não, eu quero tentar, se eu não tivesse mostrado pra ele que eu quero fazer, ele não teria deixado eu fazer.

d) acho que pelo fato da gente representar muito a cidade, nos lugares estão sempre comentando, sempre falando coisas boas, ah eles não pegaram o primeiro lugar, mas você viu o jeito que eles dançam? Ele não tem o que falar de ruim, sempre vamos perceber alguém falando bem do grupo.

e) eu acho que o grupo HHX vai crescer muito, e o Danilo está do lado de várias pessoas ajudando e mostrando como fazer, tanto que a Iza filha do Danilo, provavelmente quando ela crescer e o Danilo não puder mais dar aula, ela vai assumir, mas não só ela, como tem o Mateus também que pode assumir, tem várias pessoas que o professor Danilo tá treinando, porque o Mateus, ele dá aula pra algumas pessoas, ele é um professor excelente o Danilo é um professor excelente, um professor incrível. Isso aqui, tudo isso que a gente tá vivendo vai viver muito tempo ainda, não só acabou beleza o grupo se separou, mas tem medalha, o grupo tá registrado, tudo que passou, tudo que vai passar vai ficar tudo registrado, então nunca vai morrer realmente.

Fim da entrevista

**APÊNDICE F: DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO CO-PARTICIPANTE**

Rio Negrinho, 11 de novembro de 2020

**DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO CO-PARTICIPANTE**

Declaramos para os devidos fins que concordamos com os itens citados no Termo de Consentimento e Livre Esclarecido que será assinado pelos sujeitos de pesquisa participantes de nossa empresa. Assim, autorizamos o(a) Pesquisador(a) FRANCISCO EDUARDO SCHIESSL, acadêmico da UNIVILLE – UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE, a realizar a pesquisa com o título A TRAJETÓRIA HISTÓRICA E CULTURAL DO GRUPO X STYLE HIP HOP NA CIDADE DE SÃO BENTO DO SUL – UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DECOLONIAL E CARTOGRÁFICA, que tem por objetivo geral Conhecer e compreender a trajetória histórica e cultural do grupo X Style Hip Hop na cidade de São Bento do Sul, como prática identitária de enfrentamento em contexto social e cultural tradicionalista, a partir do pensamento decolonial.

Cumpriremos o que determina a Resolução CNS 466/2012, e contribuiremos com a pesquisa mencionada sempre que necessário, fornecendo informações.

Sabemos que a Associação grupo Hip-Hop X-style, poderá a qualquer fase dessa pesquisa retirar esse consentimento. Também foi pelo pesquisador acima mencionado garantida o sigilo e assegurado a privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos da pesquisa.

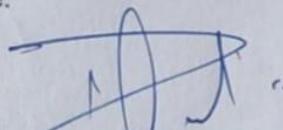
A pesquisa vai começar no mês de 01/03/2021 e será executada até o mês de 30/04/2021, com o recolhimento de dados referente a pesquisa aplicada.

Concordamos que os resultados desse estudo poderão ser apresentados por escrito ou oralmente em congressos e revistas científicas, totalmente anônimas.

Colocamo-nos a disposição para qualquer dúvida que se faça necessária.

Atenciosamente.

18/11/2020



Danilo Rogério de Lara

Responsável legal: CPF 034590529-61  
ASSOCIAÇÃO GRUPO HIP-HOP X-STYLE  
CNPJ: 10628342/0001-04  
Rua Professor Egon Hussmann 243  
CPF: 034590529-61  
Contato: 99979374

**ANEXOS****ANEXO A: Parecer Consubstanciado do CEP – UNIVILLE e Plataforma Brasil**  
(página 1)**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** A TRAJETÓRIA HISTÓRICA E CULTURAL DO GRUPO X STYLE HIP HOP NA CIDADE DE SÃO BENTO DO SUL e UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DECOLONIAL E CARTOGRÁFICA

**Pesquisador:** Francisco Eduardo Schiessl

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 40231420.0.0000.5368

**Instituição Proponente:** FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DA REGIÃO DE JOINVILLE - UNIVILLE

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 4.557.783

**Apresentação do Projeto:**

Conforme exposto no parecer substanciado nº 4.534.469

**Objetivo da Pesquisa:**

Conforme exposto no parecer substanciado nº 4.534.469

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

O pesquisador reformulou o item riscos e informou que a pesquisa implica em riscos mínimo citados pelo (a) pesquisador (a), e como benefícios ao participante da pesquisa, é informado que o conhecimento de suas características numa dinâmica prospectiva ligando as três dimensões da temporalidade (passado, presente e futuro) visa fundamentar um futuro de sujeito e fazer emergir seu projeto pessoal. Inicialmente sobre os riscos ao participante, o (a) pesquisador (a) informa que prestará encaminhamento, caso seja necessário.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Conforme exposto no parecer substanciado nº 4.534.469

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

O TCLE foi reformulado com a nova redação dos riscos aos participantes da pesquisa.

O Termo de Assentimento foi anexado.

**Endereço:** Rua Paulo Malschitzki, nº 10. Bloco B, Sala 119. campus Bom Retiro  
**Bairro:** Zona Industrial **CEP:** 89.219-710  
**UF:** SC **Município:** JOINVILLE  
**Telefone:** (47)3461-9235 **E-mail:** comitica@univille.br

**ANEXO B: Parecer Consubstanciado do CEP – UNIVILLE e Plataforma Brasil**  
**(página 2)**



Continuação do Parecer: 4.557.763

**Recomendações:**

Ao finalizar a pesquisa, o (a) pesquisador (a) responsável deve enviar ao Comitê de Ética, por meio do sistema Plataforma Brasil, o Relatório Final (modelo de documento na página do CEP no sítio da Univille Universidade).

Segundo a Resolução 466/12, no item

**XI- DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL**

XI.2 - Cabe ao pesquisador:

d) Elaborar e apresentar o relatório final;

Modelo de relatório para download na página do CEP no sítio da Univille Universidade.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O projeto "A TRAJETÓRIA HISTÓRICA E CULTURAL DO GRUPO X STYLE HIP HOP NA CIDADE DE SÃO BENTO DO SUL e UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DECOLONIAL E CARTOGRÁFICA", de CAAE "40231420.0.0000.5366" teve sua(s) pendência(s) esclarecida(s) pelo(a) pesquisador(a) "Francisco Eduardo Schiessl", de acordo com a Resolução CNS 466/12 e complementares, portanto, encontra-se APROVADO.

Informamos que após leitura do parecer, é imprescindível a leitura do item "O Parecer do CEP" na página do Comitê no sítio da Univille, pois os procedimentos seguintes, no que se refere ao enquadramento do protocolo, estão disponíveis na página. Segue o link de acesso <http://www.univille.edu.br/pt-BR/a-univille/proreitorias/prppg/setores/area-pesquisa/comite-etica-pesquisa/status-parecer/645062>

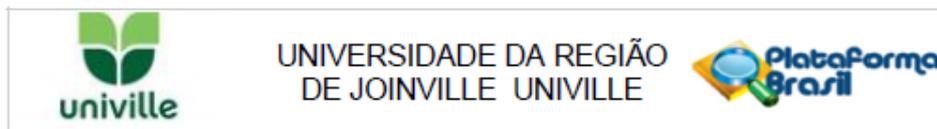
**Considerações Finais a critério do CEP:**

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da Região de Joinville - Univille, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Endereço: Rua Paulo Malschitzki, n° 10. Bloco B, Sala 119. campus Bom Retiro  
 Bairro: Zona Industrial CEP: 89.219-710  
 UF: SC Município: JOINVILLE  
 Telefone: (47)3461-9235 E-mail: [comitetica@univille.br](mailto:comitetica@univille.br)

**ANEXO C: Parecer Consubstanciado do CEP – UNIVILLE e Plataforma Brasil**  
**(página 3)**



Continuação do Parecer: 4.557.763

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1667295.pdf	12/02/2021 15:22:46		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_Dissertacao_HIP_HOP_francisco2.docx	12/02/2021 15:20:39	Francisco Eduardo Schiessl	Aceito
Outros	Carta_Resposta_Corrigida_FRANCISCO2.pdf	12/02/2021 15:19:57	Francisco Eduardo Schiessl	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_ASSENTIMENTOfrancisco.pdf	12/02/2021 15:19:10	Francisco Eduardo Schiessl	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Francisco_oficial.pdf	12/02/2021 15:18:57	Francisco Eduardo Schiessl	Aceito
Folha de Rosto	FolhaRostoFranciscoAssinado.pdf	11/01/2021 11:54:40	Francisco Eduardo Schiessl	Aceito
Outros	Carta_de_anuencia_Francisco.pdf	19/11/2020 18:15:21	Francisco Eduardo Schiessl	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

JOINVILLE, 24 de Fevereiro de 2021

Assinado por:  
**Marcia Luciane Lange Silveira**  
 (Coordenador(a))

Endereço: Rua Paulo Malschitzki, n° 10. Bloco B, Sala 119. campus Bom Retiro  
 Bairro: Zona Industrial CEP: 89.219-710  
 UF: SC Município: JOINVILLE  
 Telefone: (47)3461-9235 E-mail: comiteta@univille.br

## Termo de Autorização para Publicação de Teses e Dissertações

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) a disponibilizar em ambiente digital institucional, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) e/ou outras bases de dados científicas, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra abaixo citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data 22/06/2022.

1. Identificação do material bibliográfico: ( ) Tese ( X ) Dissertação ( ) Trabalho de Conclusão

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Autor: Francisco Eduardo Schiessl

Orientador: Nadja de Carvalho Lamas Coorientador: não tem

Data de Defesa: 31/05/2022.

Título: A TRAJETÓRIA DO GRUPO *HIP HOP X STYLE* EM SÃO BENTO DO SUL/SC:  
UM ESTUDO NA PERSPECTIVA CARTOGRÁFICA

Instituição de Defesa: UNIVILLE

3. Informação de acesso ao documento:

Pode ser liberado para publicação integral (X) Sim ( ) Não

Havendo concordância com a publicação eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese, dissertação ou relatório técnico.

  
Assinatura do autor

Joinville, 22 de junho de 2022.

Local/Data